

CECILIA CARVALHO DE LA MORA

TERRITORIALIDADE E SOCIABILIDADE NOS ESPAÇOS LIVRES DOS ASSENTAMENTOS POPULARES

O CASO DA ZEIS DO POÇO DA PANELA, RECIFE-PE



Recife-PE
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO URBANO**

CECILIA CARVALHO DE LA MORA

TERRITORIALIDADE E SOCIABILIDADE NOS ESPAÇOS LIVRES DOS ASSENTAMENTOS POPULARES

O CASO DA ZEIS DO POÇO DA PANELA, RECIFE-PE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano e Regional, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo

**Recife-PE
2009**

De la Mora, Cecilia Carvalho

**Territorialidade e sociabilidade nos espaços
livres dos assentamentos populares: o caso da ZEIS
do Poço da Panela, Recife, PE / Cecilia Carvalho de
la Mora. – Recife: O Autor, 2009.**

160 folhas: Il., fig., graf., tab., quadros.

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano,
2009**

Inclui bibliografia e anexos.

**1.Planejamento urbano. 2. Espaços públicos. 3.
Sociabilidade. 4. Assentamentos humanos. I. Título.**

711.4

CDU (2.ed.)

UFPE

711.4

CDU (22.ed.)

CAC2009-57



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de dissertação em Desenvolvimento Urbano da mestranda **Cecília de Carvalho de la Mora**.

Às 09.00 horas do dia 27 de março de 2009 reuniu-se no Mini-Auditório 2, a Comissão Examinadora de dissertação, composta pelos professores: Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo (orientadora), Geraldo Majela Gaudêncio Faria (examinador externo), Ana Rita Sá Carneiro (examinadora interna) para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: "Sociabilidade dos Espaços Livres Potenciais dos Assentamentos Populares: O Caso das ZEIS Poço da Panela", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profª Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, a candidata foi considerada aprovada. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Rebeca Júlia Melo Tavares, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos membros participantes da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 27 de março de 2009.

- Indicação da Banca para publicação ()

Profª Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo
Orientadora

Prof. Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Examinador Externo/UFAL

Ana Rita Sá Carneiro
Examinadora Interna/MDU

Rebeca Júlia Melo Tavares
Secretária do Programa

Cecília de Carvalho de la Mora
Candidata

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Luis de la Mora, por estar presente nos momentos mais importantes e decisivos, não apenas em minha formação acadêmica, como também, em minha vida. Por me dar suporte e segurança sempre que eu precisei.

À minha mãe, Lucy, pelo equilíbrio que me passa e pela dedicação, que vai muito além deste trabalho.

À Professora Vera Mayrinck, pela lição de trabalho e vida. Pela orientação tão dedicada.

À comunidade da ZEIS do Poço da Panela, pela receptividade e acolhimento durante todas as inúmeras visitas.

A André Galamba, e aos amigos Iana Ludermir, Marília Cavalcanti e Laércio Wolpert, pela colaboração essencial e exclusiva, por estarem sempre dispostos a ajudar.

Aos professores, funcionários, colegas e amigos do MDU – Amíria, Bárbara, Márcio e Raphael – pela relação de respeito e amizade que foi estabelecida ao longo desses anos.

A todos aqueles que compartilharam comigo e tornaram possível a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar os espaços livres localizados nos assentamentos populares e em seus entornos, tendo como estudo de caso a ZEIS do Poço da Panela, inserida em um bairro de mesma denominação, cuja principal característica é a grande desigualdade social existente entre os moradores da ZEIS e o restante da população do bairro. Tem como objetivo verificar se tais espaços podem ser considerados públicos ou não, a partir de duas categorias de análises: os territórios formados nestes espaços sendo apropriados por determinados grupos sociais, podendo estes interagir entre si ou não, e a sociabilidade vivenciada nos mesmos, com enfoque maior nos usos existentes e nas relações estabelecidas entre os moradores da ZEIS, mais pobres, e os moradores de outros setores do bairro de maior poder aquisitivo. Partiu-se da hipótese de que os pobres são os maiores usuários dos espaços livres, devido à exigüidade de suas casas e, conseqüentemente, à maior necessidade de permanecer nestes espaços, enquanto os moradores de poder aquisitivo mais alto vivem enclausurados, cada vez mais distantes dos contatos e interações diretas que no passado eram efetivadas nos espaços livres públicos. A configuração da cidade contemporânea agrava ainda mais esta situação e faz romper os laços de sociabilidade antes existentes entre as pessoas de diferentes níveis sociais nestes espaços. Para viabilidade deste estudo foi necessário um embasamento pluridisciplinar, partindo dos conceitos urbanísticos de espaço livre público, incluindo os estudos geográficos sobre o conceito de território, e finalmente, a sociologia nos ofereceu os embasamentos para o estudo dos diversos tipos e graus de sociabilidade. É nesta perspectiva que o trabalho visa contribuir, levando à reflexão sobre o papel dos espaços livres públicos como lócus de sociabilidade na cidade.

Palavras-chave: espaço livre público, território, sociabilidade.

ABSTRACT

This work intends to analyze open spaces located in popular settlements and in its outskirts, using the *ZEIS*¹ called Poço da Panela as a case study, located in a neighborhood with the same name, which is characterized by the big social disparity between ZEIS residents and the rest of its population. Its objective is to analyze if such spaces can be considered public or not, based on two categories: the territories formed on those spaces being appropriated by one of the social groups, who may or may not interact with one another; and the sociability experienced in those spaces, with a larger focus on the existing uses and on the relations established between the ZEIS residents, who are the poorer residents, and the wealthier neighborhood residents. Starting from the hypothesis that the poorer residents are the greatest users of the public spaces, due to the exiguity of space inside their houses that leads to a greater need to stay outdoors while the wealthier residents live confined, distant from the contact and direct interaction that used to take place at the *public spaces*. The configuration of the contemporary city aggravates this situation even more and breaks the sociability bonds which once existed in these spaces among people from different social levels. In order to make this study possible, a multidisciplinary research was needed, starting from urbanistic concepts of public spaces, including the geographical studies about the meaning of territory and, finally, sociology offered us the fundamentals to the study of the various types and degrees of sociability. It is in this perspective that this work intends to contribute, leading to the reflection about the role of the *public space* as a sociability locus in the city.

Key-words: public space, territory, sociability.

¹ Special zones of social interest according to the city's zoning system.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. CAPÍTULO 1	
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA	07
1.1. Espaço livre público	08
1.1.1. Espaço livre	10
1.1.2. Espaço público	11
1.2. Territórios e territorialidades	15
1.2.1. Territorialidade urbana	18
1.2.2. Apropriação social	21
1.2.3. Identidade	22
1.2.4. Acessibilidade	23
1.2.5. limites	24
1.3. Interação e sociabilidade	25
1.3.1. Sociabilidade	30
1.4. Espaço livre público na sociedade contemporânea	38
2. CAPÍTULO 2	
PERCURSO METODOLÓGICO	46
2.1. Universo de estudo	47
2.2. Referência teórica	48
2.3. Trabalho de campo	54
2.3.1. Observação direta	54
2.3.2. Questionário semi-estruturado	57
3. CAPÍTULO 3	
DA CIDADE DO RECIFE AO BAIRRO E A ZEIS DO POÇO DA PANELA	62
3.1. A cidade do Recife	63
3.2. O bairro do Poço da Panela	68
3.3. A ZEIS do Poço da Panela	72
4. CAPÍTULO 4	
ESPAÇOS LIVRES DA ZEIS DO POÇO DA PANELA	77
4.1. O território formado pela ZEIS do Poço da Panela	78
4.1.1. Apropriação social	79
4.1.2. Identidade	81
4.1.3. Acessibilidade	84

4.1.4. Limites	88
4.2. Os micro-territórios existentes na ZEIS do Poço da Panela	91
4.3. Os espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela	94
4.3.1. Intensidade de utilização dos espaços livres	111
4.3.2. Modalidade de utilização dos espaços livres	117
4.3.3. Exclusividade de utilização dos espaços livres	118
4.3.4. Sociabilidade nos espaços livres	120
5. CAPÍTULO 5	
ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ENTORNO DA ZEIS DO POÇO DA PANELA	122
5.1. Os espaços livres mais relevantes da área	123
5.2. O campo de pelada	125
5.2.1. Intensidade de Utilização	126
5.2.2. Modalidade de Utilização	128
5.2.3. Exclusividade de Utilização	129
5.2.4. Sociabilidade	130
5.3. O pátio da Igreja	132
5.3.1. Intensidade de Utilização	133
5.3.2. Modalidade de Utilização	134
5.3.3. Exclusividade de Utilização	136
5.3.4. Sociabilidade	138
5.4. A pracinha do Amor	142
5.4.1. Intensidade de Utilização	143
5.4.2. Modalidade de Utilização	144
5.4.3. Exclusividade de Utilização	146
5.4.4. Sociabilidade	147
5.5. Um comparativo entre os espaços livres analisados	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
OS ESPAÇOS LIVRES DOS ASSENTAMENTOS POPULARES SÃO EFETIVAMENTE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE?	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS	161

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1.1	Formação do termo “espaço livre público”	09
Figura 1.2	Compreensão do termo “espaço livre público”	10
Figura 1.3	Resumo do significado do termo “espaço livre público”	13
Figura 1.4	Condições para os espaços livres serem públicos	14
Figura 1.5	Análise do território segundo três aspectos	17
Figura 1.6	Elementos básicos da territorialidade	19
Figura 1.7	Dimensões da territorialidade	20
Figura 1.8	Formação da sociedade	25
Figura 1.9	Comunidade e sociedade segundo Tönnies	27
Figura 1.10	Causa e efeito da interação, socialização e da sociabilidade	36
Figura 2.1	Caminho da pesquisa	46
Figura 2.2	Os três fundamentos teóricos da dissertação	48
Figura 3.1	Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) a cidade do Recife, (2) o bairro do Poço da Panela e (3) a ZEIS de mesma denominação inserido nele.	62
Figura 4.1	Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) o território da ZEIS do Poço, (2) os micro-territórios existentes dentro da ZEIS, e (3) os espaços livres considerados pelos moradores.	77
Figura 5.1	Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) o campo de pelada, espaço pertencente à ZEIS, (2) o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, localizado no limite entre a ZEIS e o restante do bairro do Poço da Panela, e (3) a pracinha do “Amor”, situada a 300 metros do assentamento. Fonte: a autora, 2009.	122
Figura 5.2	Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e seus micro-territórios	139

FOTOGRAFIAS

Foto 1.1	Limite entre o bairro formal e a ZEIS do Poço da Panela visto da ZEIS	42
Foto 1.2	Limite entre o bairro formal e a ZEIS do Poço da Panela visto do bairro	42
Foto 1.3	Varal de roupa comunitário nos espaços livres da ZEIS	43
Foto 1.4	Crianças brincando nas ruas da ZEIS sendo observadas pelos vizinhos	43
Foto 3.1	Ortofotocarta do bairro e da ZEIS do Poço da Panela	72
Foto 3.2	Ortofotocarta com os limites da ZEIS	73
Foto 3.3	Vista aérea da ZEIS do conjunto de bairros formado pelo Poço da Panela, Monteiro e Casa Forte na década de 1990.	74
Foto 3.4	Vista aérea da ZEIS do Poço da Panela na década de 1990	74
Foto 4.1	Acesso da Travessa Visconde Araguaia	84
Foto 4.2	Acesso da Estrada Real do Poço	85
Foto 4.3	Acesso da Rua Irmã Maria da Paz	85
Foto 4.4	Acesso da Quarta travessa Marechal Bittencourt	86
Foto 4.5	Acesso da Terceira travessa Marechal Bittencourt	86
Foto 4.6	Acesso da Segunda travessa Marechal Bittencourt	86
Foto 4.7	Acesso da Primeira travessa Marechal Bittencourt	86
Foto 4.8	Crianças na Travessa Visconde Araguaia	96

Foto 4.9	Crianças e adolescentes na Travessa Visconde Araguaia	96
Foto 4.10	Estrada Real do Poço e o pátio da Igreja em época de festa	96
Foto 4.11	Pessoas na Estrada Real do Poço	96
Foto 4.12	Rua Irmã Maria da Paz de esquina com a Rua Marechal Bittencourt	97
Foto 4.13	Pessoas na Rua Irmã Maria da Paz	97
Foto 4.14	Crianças na Rua Marechal Bittencourt	97
Foto 4.15	Adolescentes na Rua Marechal Bittencourt	97
Foto 4.16	Pessoas na Rua Beira Rio em frente ao campo de pelada	98
Foto 4.17	Bicicletas na Rua Beira Rio	98
Foto 4.18	Música na Rua Beira Rio	98
Foto 4.19	Piscina na Rua Beira Rio.	98
Foto 4.20	“Barraca de Seu Vital” durante a semana.	100
Foto 4.21	“Barraca de Seu Vital” durante o fim de semana	100
Foto 4.22	“Largo do Poço” durante a semana	100
Foto 4.23	“Largo do Poço” durante o fim de semana com uma piscina montada	100
Foto 4.24	“Recanto da Fofoca” durante a semana	101
Foto 4.25	“Recanto da Fofoca” durante o fim de semana	101
Foto 4.26	“Bar de Biu Coió” durante a semana	101
Foto 4.27	“Bar de Biu Coió” durante o fim de semana	101
Foto 4.28	“Largo da casa de Clayton”, à dir., a barraca na porta	102
Foto 4.29	O outro ângulo do “Largo da casa de Clayton”	102
Foto 4.30	“Largo” durante o fim de semana	102
Foto 4.31	“Pastel de Dona Maria” em uma noite de semana	103
Foto 4.32	Bote de travessia do rio Capibaribe na “Beira da maré”	103
Foto 4.33	Religiosos pregando na “Beira da maré”	103
Foto 4.34	“Bar de Popa” que atualmente está sem funcionamento	104
Foto 4.35	“Barraca de Tonho” na Rua Irmã Maria da Paz	104
Foto 4.36	“Associação dos moradores”	105
Foto 4.37	“Bar de Baixa” durante a semana	106
Foto 4.38	Crianças na frente do “Bar de Baixa”	106
Foto 4.39	“Bar da Beata” temporariamente fechado	106
Foto 4.40	“Mesinha quadrada”	107
Foto 4.41	“Mesinha quadrada” e o campo de pelada ao fundo	107
Foto 4.42	Churrasco na “Mesinha quadrada”.	107
Foto 4.43	Churrasco na “Mesinha quadrada”	107
Foto 4. 44	Campo de pelada	107
Foto 4.45	Jogos no campo de pelada	107
Foto 4.46	Jogos no campo de pelada	108
Foto 4.47	Concentração dos jogadores no bar de “Abdias”, com vista para o campo de pelada	108
Foto 4.48	“Mercadinho de Maisa”	108
Foto 4.49	“Calçadão da Fama”	109
Foto 4.50	Mulheres jogando dominó no “Calçadão da Fama”	109
Foto 4.51	“Mercadinho de Mila”	109
Foto 5.1	Jogadores se preparando para uma partida no campo de pelada	125

Foto 5.2	Pessoas assistindo jogos no campo de pelada	125
Foto 5.3	Organização do campo de pelada no bar de “Seu Abdias”	126
Foto 5.4	Arrecadação do dinheiro do campo de pelada	126
Foto 5.5	Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde	132
Foto 5.6	Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde com terreno da Igreja ao fundo	132
Foto 5.7	Calçada da “casa ocre”	139
Foto 5.8	Pessoas de nível social mais alto na Barraca de “Seu Vital” no fim de semana	139
Foto 5.9	Crianças brincando no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde	140
Foto 5.10	Mães passeando com bebês no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde	140
Foto 5.11	Sombra do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde com piscina montada no final de semana	140
Foto 5.12	Aglomerado de homens na sombra do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde	140
Foto 5.13	Pracinha do “Amor”. Fonte: a autora	142
Foto 5.14	Mobiliário urbano da pracinha do “Amor”	142
Foto 5.15	Pessoas na pracinha do “Amor” durante o dia	148
Foto 5.16	Adolescentes fumando na pracinha do “Amor” no final da tarde	148

GRÁFICOS

Gráfico 4.1	Frequência das crianças no campo de pelada	112
Gráfico 4.2	Preferência das crianças outros espaços além do campo de pelada	112
Gráfico 4.3	Frequência das crianças em outros espaços livres públicos da cidade	113
Gráfico 4.4	Frequência dos adolescentes no campo de pelada	114
Gráfico 4.5	Frequência dos adolescentes em outros espaços livres públicos da cidade	115
Gráfico 4.6	Frequência dos adultos no campo de pelada	115
Gráfico 4.7	Frequência dos adultos em outros espaços livres públicos da cidade	116
Gráfico 4.8	Frequência dos idosos em outros espaços livres públicos da cidade	117
Gráfico 4.9	Espaços livres e espaços livres públicos utilizados pelos moradores da ZEIS	121
Gráfico 5.1	Intensidade de utilização total do campo de pelada	126
Gráfico 5.2	Permanência no campo de pelada nos distintos períodos de tempo	127
Gráfico 5.3	Percentual da população que utiliza o campo de pelada	127
Gráfico 5.4	Modalidade de utilização do campo de pelada	129
Gráfico 5.5	Gênero dos usuários do campo de pelada	129
Gráfico 5.6	Faixa etária dos usuários do campo de pelada	130
Gráfico 5.7	Intensidade de utilização total do pátio da Igreja	133
Gráfico 5.8	Permanência do pátio da Igreja nos distintos períodos de tempo	133
Gráfico 5.9	Percentual da população que utiliza o pátio da Igreja	134
Gráfico 5.10	Modalidade de utilização do pátio da Igreja	136
Gráfico 5.11	Gênero dos usuários do pátio	137
Gráfico 5.12	Faixa etária dos usuários do pátio da igreja	137
Gráfico 5.13	Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda	137
Gráfico 5.14	Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda	138
Gráfico 5.15	Intensidade de utilização total da pracinha do “Amor”	143
Gráfico 5.16	Permanência da pracinha do “Amor” nos distintos períodos de tempo	143

Gráfico 5.17	Percentual da população que utiliza a pracinha do “Amor”	144
Gráfico 5.18	Modalidade de utilização da pracinha do “Amor”	145
Gráfico 5.19	Gênero dos usuários da pracinha do “Amor”	146
Gráfico 5.20	Faixa etária dos usuários da pracinha do “Amor”	146
Gráfico 5.21	Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda	146
Gráfico 5.22	Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda	147
Gráfico 5.23	Média de permanência e quantidade total de usuários nos três espaços livres	149
Gráfico 5.24	Percentual dos usuários dos três espaços segundo a faixa de renda	152

MAPAS

Mapa 1.1	Territórios do bairro do Poço da Panela	41
Mapa 4.1	Acessibilidade da ZEIS	87
Mapa 4.2	Micro-territórios da ZEIS	92
Mapa 4.3	Ruas mais utilizadas	95
Mapa 4.4	Espaços Livres da ZEIS	99
Mapa 5.1	Entorno da ZEIS	124

TABELAS

Tabela 1.1	Exemplos de espaços edificadas ou livres, e privados e públicos	11
Tabela 2.1	Variáveis de utilização dos espaços livres	51
Tabela 2.2	Dados objetivos e subjetivos da pesquisa	53
Tabela 2.3	Amostragem do questionário semi-estruturado	60
Tabela 3.1	Distribuição da população do Recife segundo nível de renda	66
Tabela 3.2	Distribuição da população recifense ocupada segundo nível salarial	67
Tabela 3.4	Bairros da RPA3 por micro-região	69
Tabela 3.5	Proporção de chefes de domicílios com renda inferior a um salário mínimo, 1991	70
Tabela 3.6	População residente, domicílios, área e densidade populacional, 1996	71
Tabela 3.7	Relação de entidades e assentamentos populares, 1999	71
Tabela 3.8	Maiores rendas médias do Recife	75
Tabela 3.9	Menores rendas médias do Recife	75
Tabela 3.10	Menores ZEIS segundo o Total de domicílios particulares permanentes	76
Tabela 3.11	Menores ZEIS segundo os perímetros	76
Tabela 4.1	Citações dos moradores da ZEIS quanto à apropriação social e Identidade da área	82
Tabela 4.2	Limites físicos da Rua Marechal Bittencourt	89
Tabela 4.3	Exclusividade de utilização dos espaços livres	119
Tabela 5.1	Tipos de usos do campo de pelada	128
Tabela 5.2	Tipos de usos do pátio da Igreja	135
Tabela 5.3	Tipos de usos da pracinha do “Amor”	145
Tabela 5.4	Modalidade de utilização nos três espaços livres	150
Tabela 5.5	Exclusividade de utilização nos três espaços livres	151

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da indagação sobre o uso que a população faz dos espaços livres localizados nos assentamentos populares que, inseridos na realidade brasileira contemporânea caracterizada por seu crescente individualismo, agravado pela grande desigualdade social, não conseguem constituir-se como espaços livres públicos ao serem utilizados apenas pelos moradores da área. O trabalho, portanto, tem como objetivo principal verificar através do estudo de caso de um assentamento popular – a ZEIS² do Poço da Panela – inserido em um bairro, de mesma denominação, de nível médio e alto, em que medida os diversos espaços livres situados no assentamento, são efetivamente espaços de sociabilidade, sendo utilizados por pessoas de diferentes níveis de renda, e, portanto, acessíveis a todos, caracterizando-se, assim, como espaços livres públicos.

A dissertação, com caráter analítico, baseado nos conteúdos conceituais adquirido nas disciplinas do Mestrado em Desenvolvimento Urbano, visa dar continuidade às investigações sobre a questão arquitetônica e urbana em áreas pobres do Recife, que desenvolvemos, no âmbito das atividades de ensino, pesquisa e extensão ao longo de nossa formação como arquiteta e urbanista. Este estudo pretende dar continuidade ao nosso TFG³, no qual estudamos detalhadamente a tipologia dos espaços privados das moradias em assentamentos populares e no presente trabalho nossa atenção se voltou para aferir a utilização que a população dá aos espaços livres localizados nestes assentamentos e se eles efetivamente constituem espaços de sociabilidade para os seus usuários. Neste sentido, pretende-se aferir se estes espaços podem ser considerados públicos ou não. Antes nosso interesse foi o de entender as relações das famílias com o espaço doméstico, especificamente as reformas que pretendiam realizar nas suas casas. Nosso interesse atual focaliza nas relações das comunidades com os espaços livres localizados nos assentamentos populares.

O espaço livre público – ao possibilitar que pessoas pertencentes a diversas categorias étnicas, sociais, econômicas e culturais se encontrem – torna-se elemento facilitador da integração da sociedade. É nele onde os processos de sociabilidade se

² Segundo a prefeitura do Recife: Art. 17 – ZEIS – ou Zonas Especiais de Interesse Social, são áreas de assentamentos habitacionais de população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo Poder Público, onde haja possibilidade de urbanização e regularização fundiária.

³ Trabalho final de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE apresentado em maio de 2007.

manifestam com maior intensidade. Entende-se sociabilidade como meio pelos quais as pessoas pertencentes a categorias diferentes se relacionam entre si de modo a gerar maior interação entre elas e conseqüentemente contribuírem umas com as outras para uma vida harmônica e até a resolução e/ou a não propagação de problemas pessoais (D'INCAO, 1994).⁴

O modo de vida na sociedade contemporânea, porém, vem sofrendo grandes mudanças na relação entre a população e o espaço público, que segundo Gomes (2002)⁵, são os lugares que determinam a imagem da cidade e possibilitam a sociabilidade. Essas mudanças trouxeram algumas graves conseqüências para a própria sociedade e as gerações futuras, e nesse processo, uma das questões mais importantes é perceber as mudanças sociais produzidas e seus efeitos sobre a população, gerados pelo individualismo crescente incorporado pela sociedade contemporânea cada dia mais estratificada em níveis sociais, culturais e comportamentais, criando territórios diversificados e, ao mesmo tempo, dificultando a sociabilidade.

Um dos principais efeitos do individualismo consiste na crescente privatização dos espaços e o conseqüente isolamento da população em verdadeiros guetos baseados na distinção de etnia, de cultura e de renda. Estas diferenças são mais notórias nas cidades com maior índice de desigualdade social, como é o caso de Recife. As cidades como o Recife são, então, demarcadas por territórios, sejam os estratos médios e altos – enclausurados em suas casas e edifícios, de muros altos e sistemas de alarmes – verdadeiros fortes, sejam os estratos mais baixos, delimitando territórios exclusivos. Esta segregação, que rebate diretamente na sociabilidade entre os indivíduos, é mais visível nos espaços livres da cidade.

A cidade do Recife é configurada por uma grande desigualdade social, obtendo destaque entre as metrópoles brasileiras e seu tecido urbano é fragmentado em áreas ricas e pobres, sendo estas últimas espalhadas de forma heterogênea por toda a cidade. É uma característica marcante da cidade, a existência de bairros nos quais moram pessoas de nível de renda médio-alto e alto, onde se encontram também comunidades populares dividindo a mesma área. Em Recife, é possível dizer, que não há segregação espacial, e sim social.

⁴ D'INCAO, Maria Ângela. "Modos de Ser e de Viver: a sociabilidade urbana". In: Tempo Social, São Paulo, V. 4, n. 1-2, p. 95-109, 1994.

⁵ GOMES, P. C. C. "A condição urbana: ensaio de geopolítica da cidade". Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, p.164.

O bairro do Poço da Panela é um dos bairros da cidade onde estas desigualdades e segregação sociais tornam-se mais visíveis, devido ao fato de ser conhecido como um bairro de alto padrão no qual vive uma população de estratos médios-altos e altos, em mansões e casas com grandes jardins delimitadas por muros altos e cegos, e nele também estar localizado um pequeno assentamento popular, já regularizado e transformado em ZEIS – a ZEIS do Poço da Panela.

O estudo tem seu foco, portanto, nos espaços livres localizados na ZEIS do Poço da Panela, abrangendo seu entorno imediato em um raio de 300 metros no qual se localizam alguns espaços livres públicos relevantes. Estes são amplamente utilizados pelos moradores dessa área não apenas por ser o local de convívio, lazer e ócio, de troca de idéias, de realização de eventos, mas também por servirem de extensão do espaço privado das moradias, seja ele domiciliar ou comercial – local para estender roupas, cozinhar, lavar pratos e outros serviços domésticos, ou mesmo local para montar uma venda ou uma oficina. Isto ocorre pelo fato dos lotes e as moradias serem de dimensões reduzidas e não serem suficientes para abrigar as funções que uma casa, uma venda ou oficina devem exercer.

Os ELP dos assentamentos populares são importantes como complemento dos espaços privados da família, assim como também para atividades do grupo como um todo, e conseqüentemente, como lócus da sociabilidade. No entanto, apesar dos espaços livres neste assentamento serem visivelmente utilizados de forma intensa e ampla, será que eles são efetivamente espaços de sociabilidade? Ou seja, eles se caracterizam efetivamente como espaços públicos? Partimos do pressuposto que para os espaços livres da ZEIS se caracterizarem como espaços livres públicos, é preciso que eles sejam utilizados pelos moradores desta ZEIS e pelos outros moradores do bairro, ou até mesmo de outros bairros.

O trabalho tem como objetivo principal, portanto, verificar como se manifesta a sociabilidade nos ELP localizados na ZEIS do Poço da Panela, estendendo o estudo até os espaços livres públicos existentes em seu entorno imediato de 300 metros e também vastamente utilizados pelos moradores da ZEIS, visando aferir se esses espaços possuem caráter efetivamente público.

A fim de chegar a este objetivo principal, temos como objetivos específicos:

- (1) Identificar e caracterizar todos os espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela, bem como os espaços livres públicos também utilizados pelos moradores da ZEIS em seu entorno de 300 metros;

- (2) Caracterizar os diferentes grupos sociais que utilizam os espaços livres da ZEIS do Poço da Panela e em seu entorno de 300 metros;
- (3) Verificar os diferentes usos dados nestes espaços pelos diferentes grupos sociais e a conseqüente formação de territórios;
- (4) Analisar as territorialidades formadas nestes espaços e se os diferentes grupos que as formaram interagem entre si;
- (5) Comparar as territorialidades existentes nos espaços livres da ZEIS do Poço da Panela com as territorialidades localizadas nos espaços livres públicos no entorno da mesma.

Foi diante desse contexto que as inquietações surgiram, afinal, verificar a sociabilidade em tais espaços a fim de constatar se os mesmos possuem caráter público ou não, envolvia diferentes enfoques e diversas teorias. Resolvemos fazê-lo, portanto, através da análise dos *usos* dados a esses espaços e das *territorialidades* existentes nos mesmos, identificando os fatores que as caracterizam, tais como a apropriação social, a identidade, a acessibilidade, e os limites, que levam, por fim, à segregação. Vimos então que estes fatores contribuíam diretamente na verificação das relações de sociabilidade estabelecida, considerada aqui, como a interação entre os diversos grupos que utilizam esses espaços de maneira diversa e que são os formadores dos territórios.

Com o intuito de atingir o objetivo proposto no trabalho, utilizando o conjunto de teorias selecionado para tal, partiu-se das seguintes hipóteses:

- (1) Existem vários espaços livres na ZEIS do Poço da Panela e em seu entorno, alguns que possuem caráter público e outros não;
- (2) Os vários grupos sociais que utilizam esses espaços livres formam territórios distintos, sendo alguns acessíveis a todos e outros mais fechados;
- (3) As territorialidades existentes nestes espaços livres definem se o seu caráter é público, através da interação que se dá, ou não, entre os grupos sociais que os utilizam.

Visando percorrer o caminho proposto neste trabalho, estruturou-se a sua apresentação da seguinte maneira:

No primeiro capítulo foi focado a referência teórica do trabalho, intitulado “Espaços livres públicos: uma aproximação teórica” que teve como base os conceitos de espaço livre público, território e sociabilidade. Visando o entendimento do espaço

livre, que foi uma das categorias de análise adotadas neste trabalho, analisou-se o conceito de espaço público à luz de vários teóricos que abordam este conceito.

Buscamos uma aproximação teórica capaz de articular a categoria de espaço livre público com a de território, relacionando aos conceitos de sociedade e comunidade, a fim de entender a categoria de sociabilidade. Neste sentido foi trabalhada a territorialidade urbana e os fatores que a caracterizam e finalmente a relação existente entre sociabilidade e comunidade. Procuramos desenvolver a questão do espaço livre público na sociedade contemporânea com enfoque em cidades de países sub-desenvolvidos onde o papel destes espaços é ainda mais acentuado, pois é mais importante para as condições de habitabilidade dos moradores de baixa renda, sendo menos utilizados pelos outros moradores da cidade.

No segundo capítulo foi mostrado o percurso metodológico adotado para orientar a coleta, a análise e a interpretação dos dados e envolveu uma estratégia de como se chegar ao objetivo final de aferir a sociabilidade nos espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela. Nele, resumimos os métodos necessários para a realização do trabalho e ainda definimos como se daria a pesquisa de campo, tanto a observação direta quanto a aplicação do questionário semi-estruturado e sua amostragem, a fim de estabelecer as metas que almejávamos alcançar.

A contextualização, no terceiro capítulo, denominado “Da cidade do Recife ao bairro e à ZEIS do Poço da Panela”, visa descrever de forma global – porém sucinta – a cidade do Recife no contexto social do país, no qual ela é reconhecida por sua exclusão social, econômica e urbana, caracterizada por ser uma cidade de contrastes. Apresentamos informações gerais que descrevem sumariamente a cidade e de forma mais específica o bairro objeto de nosso estudo, onde as diferenças apresentadas são mais acentuadas: o bairro do Poço da Panela e à ZEIS inserida dentro dele, com ênfase nas desigualdades sociais e urbanas do bairro.

O quarto capítulo, com a denominação “Espaços livres da ZEIS do Poço da Panela”, é o primeiro capítulo que enfoca a parte empírica do trabalho através do estudo de caso e foi desenvolvido tendo como base os preceitos teóricos adotados no mesmo. Trata-se de analisar o conteúdo das visitas obtido através das observações diretas e das aplicações dos questionários, os quais possibilitaram a apreensão da quantificação de intensidade, duração, e do tipo de usuários de cada espaço. Neste sentido, ilustramos como a população usa estes espaços seguindo três categorias de análises: intensidade, modalidade e exclusividade de utilização.

No quinto capítulo, “Espaços livres públicos do entorno da ZEIS do Poço da Panela”, como continuação do estudo dos espaços livres existentes na ZEIS, analisamos alguns espaços livres que são públicos, situados fora dos limites da área, porém que devido a sua constante utilização pelos moradores da mesma, estes, de certa forma, passam a formar parte dela também.

É importante ressaltar que tanto no quarto como no quinto capítulo trabalhamos o estudo de caso articulando, sempre que possível, a parte empírica que pouco a pouco íamos apreendendo com a parte teórica abordada no primeiro capítulo da dissertação. Desta maneira, buscamos comprovar as hipóteses lançadas inicialmente na pesquisa para se chegar ao objetivo final proposto.

Nossas considerações finais foram intituladas de “Os espaços livres dos assentamentos populares são efetivamente espaços de sociabilidade?” e contém os resultados da reflexão realizada a partir dos resultados das pesquisas. Estes resultados permitiram ampliar o conhecimento sobre os espaços livres utilizados pelos moradores dos assentamentos populares, sob a perspectiva de quem utiliza esses espaços.

Enfim, nossa investigação, de caráter exploratório, não tem pretensão de esgotar o assunto ou de mostrar como único caminho da apreensão dos espaços livres localizados nos assentamentos populares. Trata-se sim, de constituir mais um conhecimento que será importante para proporcionar reflexões e fornecer subsídios para trabalhos futuros na elaboração de um quadro do modo de vida das comunidades mais pobres e a constante utilização dos espaços livres existentes nesses assentamentos.

CAPÍTULO 1

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo constitui o embasamento teórico de nossa pesquisa e aborda alguns conceitos-chaves construídos a partir de uma revisão bibliográfica, adotada como base conceitual para fundamentar o objeto de estudo e responder aos objetivos propostos nesta dissertação. Está subdividido em quatro itens: “Espaço livre público”, “Territórios e territorialidades”, “Interação e sociabilidade” e “Espaço livre público na sociedade contemporânea”.

No primeiro item, apresentam-se de forma breve os conceitos de “espaço”, “livre” e “público”, a fim de construir o termo composto utilizado no presente trabalho de “espaço livre público”. Com o intuito de complementar este item e focá-lo no nosso objeto de estudo, conceituamos também um caso específico de espaço livre encontrado nos assentamentos populares: os “espaços livres”.

No segundo item, dá-se a definição de território bem como de territorialidade, a partir das quatro dimensões constitutivas desse fenômeno: apropriação, identidade, acessibilidade e limites, que se estabelecem nos espaços livres, e contribuem diretamente para que estes sejam utilizados de forma em que haja interação entre os integrantes dos diversos territórios ou não.

Correlata à prática da territorialidade, está a de sociabilidade entre os indivíduos que utilizam o espaço livre, e a partir do grau de sociabilidade entre distintos territórios e micro-territórios formados nesses espaços, podemos verificar se eles podem ser considerados efetivamente públicos. Assim, para tratar da sociabilidade existente nos espaços livres dos assentamentos populares e do seu entorno imediato, é necessário entender dois conceitos primordiais, no qual um é a ampliação do outro: o de comunidade e o de sociedade, que constituem junto com o conceito de grupo, os conglomerados sociais mais comumente estudados pela sociologia.

Como fechamento do capítulo, discorreremos sobre o papel dos espaços livres públicos na sociedade contemporânea, a fim de relacionar a teoria abordada com o que efetivamente vem acontecendo nas últimas décadas, em nossa sociedade e mais enfaticamente, na sociedade brasileira.

1.1. ESPAÇO LIVRE PÚBLICO

A cidade se configura tanto pelo espaço construído, quanto pelo espaço não construído, assim, é correto afirmar que “as estruturas urbanas compõem-se de espaços edificados e de espaços livres de edificação” (CARACAS, 2002)⁶, sendo os últimos merecedores de uma atenção especial pois são identificados como estimuladores e facilitadores das interações sociais uma vez que as pessoas podem neles encontrar-se livremente.

De acordo com Graça (2007)⁷, “enquanto a cidade se apresenta, aos olhos dos seus habitantes, como uma realidade concreta, somatório de edifícios, equipamentos e infra-estruturas, o espaço livre público representa a materialização do seu inverso, isto é, a ausência de concretização física”. Contudo, a noção de espaço livre público não é, uma negação de cidade, pelo contrário, representa a afirmação da sua existência. Por ser um espaço eminentemente social, é também espaço onde as relações sociais estão representadas, pois é ali que a sociedade se faz visível. Assim, segundo Martínez (1990):

“A reunião de arquiteturas na cidade constitui o mecanismo habitual na formação dos espaços de uso público. Quando isto é feito, a cena começa a perder importância como arquitetura e a ganhar-la como traçado urbano. Os edifícios ilhados no entorno nos apresentam seus ângulos externos e eles aparecem como massas. Mas quando se inverte o processo e eles se acomodam ao redor do espaço, o que percebemos são os ângulos internos e o efeito do volume do dito espaço aparece.”

MARTÍNEZ (1990)⁸

O nosso estudo focaliza os espaços públicos que são livres, desprovidos de qualquer edificação. Atualmente este tema vem ganhando respaldo e tem sido abordado nas disciplinas de economia, sociologia, geografia, urbanismo, e é também objeto desta dissertação. Portanto, o objetivo deste item é o de verificar o conceito de espaço livre público mais adequado para o nosso estudo.

⁶ CARACAS, L. B. “Viver e Sentir – Investigando os significados atribuídos aos espaços livres públicos da Rua da Estrela”. Dissertação de Mestrado – MDU. Recife, 2002, p.11.

⁷ GRAÇA, M. S. “Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados”. Tese de doutorado. Programa “Problemas de la Arquitectura y Ciudad Moderna: Teoría, Historia, Proyectos”. Universidad de Valladolid. Espanha. 2005, p.02.

<http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&q=usos+dos+espa%C3%A7os+p%C3%BAblicos&btnG=Pesquisar&meta=>

⁸ MARTÍNEZ, C. “Arquitectura Urbana. Elementos de teoría y diseño”. Madrid: Librería Editorial Bellisco, 1990, p. 154. “La reunión de arquitecturas en la ciudad constituye el mecanismo habitual en la formación de los espacios de uso público. Cuando tal se hace, la escena comienza a perder importancia como arquitectura y a ganarla como trazado urbano. Los edificios aislados en el entorno nos presentan sus ángulos externos y ellos aparecen como masas. Pero cuando se invierte el proceso y ellos se acomodan alrededor del espacio, lo que percibimos son los ángulos internos y el efecto de volumen de dicho espacio aparece.”

O termo adotado para o nosso objeto de estudo foi o de “espaço livre público” pelo fato da presente pesquisa se tratar de uma análise sócio-espacial em um assentamento popular, e a conceituação separadamente dos termos “livre” – que possui uma dimensão espacial – e “público” – de dimensão social – torna mais fácil a compreensão do termo que adotamos neste trabalho. O espaço físico, portanto, pode ser construído (edificado) ou não-construído (livre) e, quanto à propriedade, pode ser público (acesso irrestrito) ou privado (acesso restrito), como ilustrado abaixo (ver figura 1.1):



Figura 1.1 – Formação do termo “espaço livre público”.
Fonte: a autora, 2008.

O foco deste estudo se dá em um tipo particular de espaço livre encontrado nos assentamentos populares com o intuito de averiguar se os mesmos são efetivamente públicos. Partimos do pressuposto de que para que estes espaços sejam considerados públicos, é preciso que eles possuam acessibilidade irrestrita, e que, conseqüentemente, indivíduos de diferentes grupos sociais possam freqüentá-los livremente, e que as várias territorialidades⁹ dos diversos grupos presentes nestes espaços não se traduzam na inacessibilidade de outros grupos sociais.

A fim de compreendermos melhor esta correlação, caracterizamos o espaço na ilustração seguinte, subdividindo-o segundo a propriedade, podendo ser privado ou público, e segundo o acesso, podendo ser restrito ou irrestrito. É importante ressaltar que os espaços de usos irrestritos, em sua grande maioria, são espaços livres, abertos e desprovidos de qualquer barreira, podendo ser acessíveis a todos os membros da sociedade independente das diferenças sociais, culturais ou econômicas existentes, como o nível de renda (ver figura 1.2).

⁹ Territorialidade, de acordo com Campos (1999), é o conjunto de ações, comportamentos de indivíduos ou grupos na intenção de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, criando “campos de força” representativos das relações dos diversos grupos sociais com um determinado espaço - os quais passam a constituir-se em territórios.

Figura 1.2 – Compreensão do termo “espaço livre público”.
Fonte: a autora, 2008.

1.1.1. Espaço livre

Para a definição do termo “Livre”, tomamos por base, o conceito de espaço livre, bastante difundido por Lynch (1990)¹⁰ no qual o espaço livre é uma configuração espacial cuja acessibilidade física e social é livre, sem barreiras dominiais, como muros ou cercas, independentemente do seu regime de propriedade. Segundo o autor, a denominação de espaço livre está apoiada na condição prévia de oferecer livre acesso e de não possuir qualquer tipo de barreira que impediria o seu acesso, é livre, portanto, por não estar contido em qualquer edificação.

Os autores que foram utilizados na dissertação para complementar esse conceito são Sá Carneiro e Mesquita (2000)¹¹ que definem espaços livres como “áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos e/ou de vegetação – avenidas, ruas, passeios, vielas, pátios, largos, etc. – ou com presença efetiva de vegetação – parques, praças, jardins, etc. – com funções primordiais de circulação, recreação, composição paisagística e de equilíbrio

¹⁰ LYNCH, K. “A imagem da cidade”. Lisboa: Edições 70, 1990.

¹¹ SÁ CARNEIRO, A. R; MESQUITA, L. “Espaços Livres do Recife”. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000, p.29.

ambiental, além de tornarem viável a distribuição e execução dos serviços públicos, em geral”. Para melhor compreensão sobre o termo, foi construída a tabela abaixo, dando alguns exemplos de cada tipo de espaço (ver tabela 1.1):

		Espaço Físico	
		Construído ou edificado (com barreiras)	Não construído ou livre (Sem qualquer edificação ou barreira)
Acesso/ Uso	Irrestrito	Abrigos de ônibus, coretos	Praças, parques, praias
	Restrito	Residências, Hospitais, Lojas	_____

Tabela 1.1 – Exemplos de espaços edificados ou livres, e privados e públicos.

Fonte: a autora, 2008.

Assim, os principais exemplos de espaços livres encontrados seriam as praças e parques da cidade, bem como as praias. Estes são espaços acessíveis a todos, sem nenhuma barreira que impeça sua utilização. Vale ressaltar, que nos assentamentos populares da cidade, os espaços livres possuem uma menor dimensão física, e em geral, não são parques nem praças, mas sim, largos e pequenos recantos.

Existem também espaços livres de uso restrito que não foram apresentados na tabela acima por não serem encontrados muito freqüentemente na cidade do Recife, como os jardins das casas de subúrbios americanos, que são de uso restrito, porém não são construídos e não possuem nenhuma barreira física que impeça seu acesso. Essa restrição de uso e/ou acesso de um determinado espaço, diz respeito a outra categoria de análise e nos remete diretamente a outro conceito que veremos a seguir: o conceito de espaço público.

1.1.2. Espaço Público

Diferentemente da definição de “livre”, o espaço público é um conceito polissêmico nas ciências sociais, que recentemente, com a implantação de projetos de grande impacto na cidade, vem sendo utilizado pelas ciências humanas e pelas ciências sociais aplicadas, particularmente, o urbanismo. Entre os diversos autores considerados referenciais para o debate de espaço público, destacamos, Albernaz (2004)¹², Gomes (2002)¹³, Arendt (2003)¹⁴, Habermas (1983)¹⁵, Serpa (2007)¹⁶ e Sá Carneiro e Mesquita (2000)¹⁷.

¹² ALBERNAZ, P. in LIMA, Evelyn F. W; MALEQUE, Miria R. (Orgs), “Espaços e Cidades. Conceitos e Leituras”. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 2004.

¹³ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002.

¹⁴ ARENDT, H. “A Condição Humana”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

¹⁵ HABERMAS, J. “Mudança Estrutural da Esfera Pública”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Há uma infinidade de discussões sobre os espaços públicos devido à sua abordagem variada e à sua utilização por diferentes autores, que podem tratá-lo tanto sob o enfoque de meio de produção, como base para o comércio, atividades domésticas, diversão, lazer ou simplesmente contemplação e circulação. Esse conceito possui, portanto, várias acepções que ora se sobrepõem, ora divergem, dependendo da dimensão em que se está trabalhando: seja econômica, no social, geográfica, ou mesmo urbanística, que vem a englobar todas as outras dimensões. De forma que, suas facetas são tantas, que sua complexidade e noção de abrangência são de difícil delimitação conforme a afirmação de Habermas:

“O uso corrente de ‘público’ e ‘esfera pública’ denuncia uma multiplicidade de significados concorrentes. Eles se originam de diferentes fases históricas e, em sua aplicação sincrônica sobre relações da sociedade burguesa industrial tardia e organizada sócio-estatalmente, entram num turvo conúbio.”

HABERMAS (1983)¹⁸

De acordo com Albernaz (2004)¹⁹, os estudos desenvolvidos por urbanistas sobre espaço público têm seu conceito ligado aos “limites que coincidem, em geral, com aqueles definidos pelo direito urbanístico”. O termo público possui, portanto, uma dimensão jurídica, e esta tem rebatimento direto nas funções administrativas da cidade. O espaço público é então, logradouro²⁰ público, portanto, “patrimônio da coletividade, em regime comum do povo, pelo acesso irrestrito da população”. Ainda na dimensão urbanística, a visão do “público” influencia também autores que entendem o espaço público “como uma configuração espacial, e nessas dimensões, o espaço público é aquele que organiza a malha urbana, que permite a mobilidade para circulação, permanência e lazer da população”.

Neste trabalho tem-se o entendimento de espaço público como um produtor e possibilitador das interações e relações sociais. O conceito de espaço público é, assim, algo que depende do perfil social, cultural, político e econômico da sociedade. O espaço público é, ainda, o principal locus de reprodução de vida coletiva, é o lugar aonde se chega a acordos, resoluções comuns, onde se dá o reconhecimento do interesse público sobre as dinâmicas e transformações da vida social, e ainda, o lugar de conflitos, da problematização da vida social.

¹⁶ SERPA, A. “O espaço público na sociedade contemporânea”. São Paulo: Editora Contexto. 2007.

¹⁷ SÁ CARNEIRO, A. R; MESQUITA, L. Op. Cit., 2000.

¹⁸ HABERMAS, J. Op. Cit., 1983, p.13.

¹⁹ ALBERNAZ, P. Op. Cit., 2004, p. 44.

²⁰ Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (p.1045), logradouro é um termo que designa qualquer espaço público reconhecido pela administração de um município, como avenidas, ruas, praças, jardins, parques etc. O Espaço livre, inalienável, destinado à circulação pública de veículos e pedestres”.

Segundo Gomes (GOMES apud ALBERNAZ, 2004)²¹, o espaço público é concebido como facilitador das práticas sociais, correspondendo a uma “expressão individualizada dentro de um universo forçosamente plural, que resulta em uma tensão entre a diferença e a possibilidade de coabitação”. É o espaço de encontro entre os diferentes grupos sociais, no qual se dá a integração entre eles, ou onde os conflitos se revelam. Além disso, trata-se ainda de “um espaço que está ao alcance de todos e, portanto, passível de garantir as condições da verdadeira atividade comunicacional”.

Segundo Arendt (2003)²², o termo “público” denota dois fenômenos intimamente correlatos. Em primeiro lugar, ser público significa que pode ser visto e ouvido por todos e ter a maior divulgação possível, e em segundo lugar, o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Desse ponto de vista, a perspectiva geográfica sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí têm lugar. “Ele passa a ser visto como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais que aí se desenvolvem”. (GOMES, 2002)²³.

Para a presente pesquisa, nos ateremos a algumas características específicas do espaço público, como o fato dele ser acessível a todos e também de ser o facilitador das interações entre os diferentes grupos sociais, sendo assim, possibilitador das práticas sociais. Portanto, em resumo, o termo “espaço livre público” vem explicitado abaixo (ver figura 1.3):

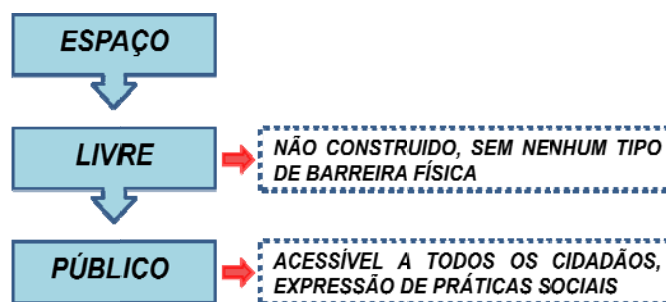


Figura 1.3 – Resumo do significado do termo “espaço livre público”.
Fonte: a autora, 2008.

O objeto de estudo do presente trabalho são os espaços livres localizados nos assentamentos populares, com o intuito de caracterizá-los como públicos ou não. Vimos que para que estes espaços sejam públicos é preciso que eles – além de não

²¹ ALBERNAZ, P. Op. Cit., 2004, p. 45.

²² ARENDT, H. Op. Cit., 2003, p. 59-87.

²³ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 172.

serem construídos e não possuírem barreiras físicas – possuam livre acesso e possibilitem interação entre os indivíduos que os utilizam.

Nos assentamentos populares, como a ZEIS do Poço da Panela, os espaços livres como potencialidade a se tornarem públicos são os que formam pequenos aglomerados de pessoas e possuem várias funções para os moradores da área e por isso, até o momento, não foram utilizados para fins privados e individuais. Na ZEIS, ruas, recantos, margens de rio e terrenos vazios possuem essa característica, e constituem espaços primordiais para o dia-a-dia dos moradores da área.

Após analisar as categorias de espaços públicos e espaços livres buscamos verificar se os espaços livres localizados na ZEIS do Poço da Panela são efetivamente espaços de sociabilidade – nos quais os diferentes grupos sociais formadores de territorialidades convivem e interagem entre si – ou seja, se os espaços livres destes assentamentos podem ser considerados realmente públicos ou não (ver figura 1.4).

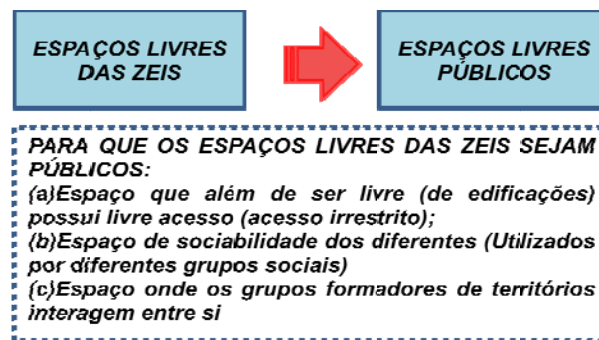


Figura 1.4 – Condições para os espaços livres dos assentamentos populares serem públicos.
 Fonte: a autora, 2008.

O uso que se dá aos espaços públicos pode ser individual ou coletivo. O uso coletivo é o que fundamenta a sociabilidade, pois um espaço de livre acesso que é usado por muitas pessoas, onde cada uma está realizando atividades individuais, não é um espaço de sociabilidade. Para que o espaço seja considerado público, o mesmo deve ser utilizado por todos sem distinção, acessado livremente, e deve haver interação e sociabilidade entre os grupos dos diferentes territórios existentes nesses espaços. Veremos a seguir mais profundamente o que são esses territórios.

1.2. TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES

A complexidade da vida urbana na cidade contemporânea tem estimulado a realização de estudos sobre comportamento, enfocando de que maneira ocorrem as territorialidades urbanas com ênfase para as formas como se estabelecem as diferenças espaciais. Essas diferenças se dão a partir das atividades e manifestações de grupos com práticas sócio-espaciais específicas como as das “minorias” marginalizadas na sociedade que se vêem em condições de segregação sócio-espacial (voluntária ou involuntariamente) em razão das relações com outras categorias sociais, tendo como palco o espaço livre público da cidade (BELL, D. & VALENTINE, G., 1995)²⁴.

Muitos autores brasileiros recentemente têm valorizado estudos dos territórios e das práticas sócio-espaciais que ocorrem cotidianamente, com os quais surgem vários temas associados a formas de apropriação de espaços livres públicos, acessibilidade, identidade e limites neles encontrados. Para tratar do conceito de território recorremos a alguns autores da geografia moderna como o americano Sack (1979)²⁵, e autores brasileiros, como, Campos (1999)²⁶, Souza (1995)²⁷, Gomes (2002)²⁸ e Serpa (2007)²⁹. Deste modo, podemos complementar nossa análise sobre o espaço livre público com o aporte teórico de outro campo disciplinar visando embasar o estudo sob o ponto de vista de outra ciência.

O conceito de território, aqui adotado, diz respeito às expressões de poder localizadas e manifestas no espaço social. Segundo Campos (1999)³⁰, o termo está associado principalmente “à idéia de *apropriação*, ou seja, o processo de utilização, controle e dominação de porções do espaço – em diversas escalas geográficas – por parte de instituições, grupos sociais, ou mesmo indivíduos”. A apropriação, portanto, é a ação preliminar definidora do território, podendo este ser posteriormente estabelecido como propriedade ou não.

²⁴ BELL, D. & VALENTINE, G. “Mapping desire”, London: Routledge, 1995.

²⁵ SACK, R. D. “Human territoriality. Its Theory and History”, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

²⁶ CAMPOS, H. A. “Permanências e mudanças no quadro de requalificação sócio-espacial da área central do Recife (PE): estudo sobre territorialidades urbanas em dois setores revitalizados”. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Geografia – UFRJ, Rio de Janeiro: 1999.

²⁷ SOUZA, M. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”, in: CASTRO, Iná E. de et al (org.). “Geografia: conceitos e temas”, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, pp. 86, 87.

²⁸ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002.

²⁹ SERPA, A. Op. Cit., 2007.

³⁰ CAMPOS, H. A. Op. Cit., 1999, p. 04.

De acordo com Campos (1999)³¹, a palavra território tem sua origem do latim, *Territorium*, que significa “porção de terra localizada, apropriada”, e o termo está associado a três idéias interdependentes: “em primeiro lugar, à idéia de *dominação do e no* espaço, ou seja, à expressão de diferentes formas de poder estabelecidas entre indivíduos ou grupos sociais em um dado recorte espaço-temporal; à idéia de *área dominada*, ou seja, o rebatimento e projeção espacial de tais relações de dominação e poder; e à idéia de *limites* (materiais ou não) através dos quais é controlado o acesso de “estranhos” a formas de representação e práticas territoriais específicas daqueles que integram os grupos”.

Segundo Campos (1999)³², o território pode ser analisado segundo três pontos de vista diferentes, porém articulados: (1) o físico (de referência), (2) o organizacional (social) e (3) o existencial.

- (1) O aspecto físico de referência são as “configurações espaciais” nas quais o território se encontra inserido, com propriedades físicas (naturais / materiais) específicas. Estas propriedades podem ser subdivididas em duas categorias: propriedades naturais, ligadas aos efeitos da localização no meio ambiente que o envolve, para as quais se devem considerar os elementos naturais, suas potencialidades e limitações; propriedades materiais, associadas aos diferentes e múltiplos tipos de uso que a sociedade atribui ao espaço.
- (2) O aspecto organizacional diz respeito ao papel dos grupos sociais na formação dos territórios. Assim, o modo como os grupos se estruturam, as regras internas estabelecidas, as formas de controle de inclusão e exclusão nos territórios são determinantes para seus comportamentos dentro do território e com o exterior.
- (3) O aspecto existencial corresponde à *identidade territorial*: alguns aspectos subjetivos, ligados aos sentimentos dos grupos em relação ao seu território, como dar um nome ao território constitui uma das primeiras formas (marcas) de apropriação de um grupo social sobre o espaço, criando uma associação direta e afetivamente importante para o grupo, sendo muitas vezes desnecessários limites físicos preestabelecidos (ver figura 1.5).

³¹ CAMPOS, H. A. Op. Cit., 1999, p. 02.

³² LE BERRE, M. “Territoires”, in: BAILLY, A. (org.). “Encyclopédie de Géographie”. Paris: 1983, p. 610-616.



Figura 1.5 – Análise do território segundo três aspectos.
 Fonte: a autora, 2008, a partir da Tese de Heleniza Campos, 1999.

A abordagem levando em conta o aspecto de *identidade* territorial tem ganhado espaço nas discussões sobre território, priorizando a sua dimensão simbólica e mais subjetiva de grupos sociais, onde o território é visto fundamentalmente como produto da *apropriação* feita através da identidade social sobre o espaço. Segundo Serpa (2007)³³, esta forma de abordagem, passa necessariamente pela análise da *acessibilidade*, que está estreitamente vinculada à demarcação dos territórios urbanos, pela discussão da noção de cidadania e da ação política e, pela alteridade, contrapondo uma dimensão simbólica (e abstrata) à concretude física dos espaços públicos urbanos. A partir da análise dessa acessibilidade, podem-se verificar também os *limites*, diretamente relacionados a ela.

Portanto, tanto a apropriação dos espaços livres públicos, como seus limites e sua acessibilidade, somados à identidade do lugar, são os fatores que caracterizam a noção de territorialidade a ser vista a seguir. A ZEIS do Poço é por si só, um território, que é composto de quatro micro-territórios, onde cada um deles possui espaços livres utilizados por diferentes grupos, que dependendo da escala utilizada, podem ser analisados individualmente a fim de verificar as relações sócio-espaciais aí estabelecidas.

Ao discutir sobre a escala de determinado território ou micro-território, nos remetemos a Souza (1995)³⁴ que afirma que o conceito de território pode ter várias acepções e pode ser concebido nas mais diversas escalas, internacional, nacional, até na escala de uma rua. Se considerarmos a territorialidade na escala do bairro do Poço da Panela, a ZEIS do Poço é um território único, isolado do restante do bairro, porém, este estudo tem como interesse maior, trabalhar com a territorialidade em menor escala, e verificar os territórios existentes *dentro* desse território maior que é a ZEIS como um todo. Denominamos esses territórios internos dela de micro-territórios.

³³ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 16.

³⁴ SOUZA, M. L. Op. Cit., 1995, p. 81.

1.2.1. Territorialidade Urbana

Outro conceito que precisamos aprofundar é o da territorialidade. “Por territorialidade, entende-se o conjunto de ações, comportamentos de indivíduos ou grupos na intenção de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações” (SACK, 1979)³⁵. As territorialidades, ou seja, o conjunto de atividades e práticas através das quais são estabelecidos os territórios, criam “campos de força” representativos das relações dos diversos grupos sociais com um determinado espaço – os quais passam a constituir-se em territórios.

Estas relações podem ser observadas no seu interior – na definição da identidade entre membros de grupos sociais – ou com o seu exterior em relação a outros territórios – relações entre grupos – ou seja, na troca, diferenciação e dominação face à existência de outros grupos (SOUZA, 1995)³⁶. Tais comunicações e formas de controle expressam uma dinâmica sócio-espacial desigual e heterogênea do espaço urbano, sobretudo quando são observadas áreas tão complexas, social e culturalmente, como os espaços livres situados nos assentamentos populares. A expressão desses campos de força pode ser feita através de diversas formas de práticas sócio-espaciais.

Diferentemente do que ocorre com os espaços livres localizados dentro da ZEIS do Poço da Panela, os espaços livres públicos situados em seu entorno, são utilizados por diferentes grupos sociais, mas cada grupo utiliza o espaço de forma diferente, de acordo com suas necessidades, e conseqüentemente, não havendo interação entre si. Os campos de força são simbolicamente visíveis, como se existisse um pacto silencioso de não relacionamento.

Assim, ainda que o pátio da Igreja – um dos espaços livres públicos localizados no entorno da ZEIS – seja utilizado por grupos sociais distintos, estes, não interagem entre si; os moradores da ZEIS o utilizam para passar o tempo, encontrar os vizinhos, conversar, e às vezes, realizar alguma atividade doméstica que normalmente seria feita na própria moradia, ao passo que, os usuários que não pertencem à ZEIS, vão para o pátio visitar a Igreja, freqüentar a barraca de “Seu” Vital localizada na esquina, alguns vão tirar fotos ou pintar o cenário, e outros vão passear com seus animais de estimação. Nesse espaço, os grupos convivem sem interagir, cada um com suas práticas sociais, com sua rotina. E o mesmo acontece com a pracinha do “Amor”, o outro espaço livre público analisado.

³⁵ SACK, R. D. Op. Cit., 1979.

³⁶ SOUZA, M. L. Op. Cit., 1995.

As territorialidades possuem três elementos básicos fundamentais: (1) as formas de expressão de poder; (2) a identificação simbólica do território para seus componentes; e (3) as formas de comunicação de cada territorialidade com o exterior (ver figura 1.6).

- (1) As formas de expressão de poder dizem respeito ao controle sobre o acesso a áreas específicas, sobre as relações e os comportamentos; estas relações de poder podem se dar em diversos níveis, apresentando ou não sinais concretamente estabelecidos no espaço.
- (2) A identificação simbólica refere-se aos diferentes significados e valores que o espaço assume para os diversos grupos sociais na busca de identificação; esta relação simbólica está muito diretamente associada às representações sociais. As motivações para a definição de territorialidades estão relacionadas com as diferentes formas de relação dos grupos com o território traduzidas na forma de uso, revelando ao mesmo tempo, tanto expectativas particulares interiores aos grupos - prazer, necessidade, obrigação – como exteriores a eles - simbólicas, físico-ambientais, sócio-econômicas.
- (3) As formas de comunicação com o exterior podem ocorrer não apenas no nível do comportamento, mas também através de ações correspondentes à materialização no espaço dessas relações, constituindo assim em práticas sócio-espaciais. Estas assumem, ao mesmo tempo, um papel de interação, na medida em que une os indivíduos em grupos que possuem motivações comuns; e diferenciação, estabelecendo limites e expressando desigualdades através de comportamentos e das formas de usar o espaço.

Figura 1.6 – Elementos básicos da territorialidade.

Fonte: a autora, 2008, a partir da Tese de Heleniza Campos, 1999.

Para Bourdieu (1977)³⁷, práticas são produtos gerados por princípios coletivos duráveis (*habitus*) viabilizadores da compreensão e exploração de possibilidades de

³⁷ BOURDIEU, P. "The logic of practice", Stanford: Stanford University Press, 1980.

combinações de uso do espaço. O *habitus* é um sistema subjetivo de esquemas comuns de percepção o qual é pré-condição para a materialização das práticas cotidianas, que são caracterizadas pela regularidade, sistematicidade e unidade na coordenação de ações de membros pertencentes aos mesmos grupos sociais.

Desta forma, as práticas sociais não tratam de ações individuais, mas de grupos, tendo um conteúdo cultural e ideológico consistente, organizados a partir do nível local. A sua existência pressupõe uma continuidade diária criadora de um tipo de regras diretamente vinculadas à experiência vivida e às tradições locais, referentes ao modo de vida muito específico de cada grupo social. O cotidiano, portanto, antes de imprimir uma disciplina limitadora, pode ser também a base da construção da identidade dos grupos sociais.

O aspecto simbólico das territorialidades está mais do que nunca presente nos espaços livres ou públicos, na medida em que é valorizado o contato pessoal com indivíduos externos ao grupo, criando elos de identificação e vinculação com as atividades. O movimento aparentemente banal dos frequentadores desses espaços é o que determina o ciclo diário de vida nessas áreas. A rotina – no sentido de tudo que é feito habitualmente – constitui um elemento básico da atividade social cotidiana, sendo o cotidiano representativo do caráter rotinizado que a vida social adquire, à medida que se estende no tempo e no espaço.

As territorialidades são marcadas, portanto, pela apropriação desenvolvida no cotidiano e se expressam mais claramente através da utilização dos espaços livres públicos. Como já explicado anteriormente, existem quatro dimensões que caracterizam as territorialidades e que ao mesmo tempo, relativizam os limites entre os espaços público e privado: (a) Apropriação social, (b) Identificação com o território, (c) Dificuldade de acessibilidade e (d) Surgimento de limites. A formação dos territórios está relacionada à apropriação social dos espaços livres, e com isso, as pessoas que lá habitam passam a se identificar com o lugar, dificultando o acesso, simbolicamente, aos não-moradores, levando por fim, à segregação daqueles grupos sociais ou indivíduos que não tenham identidades em comum (ver figura 1.7).

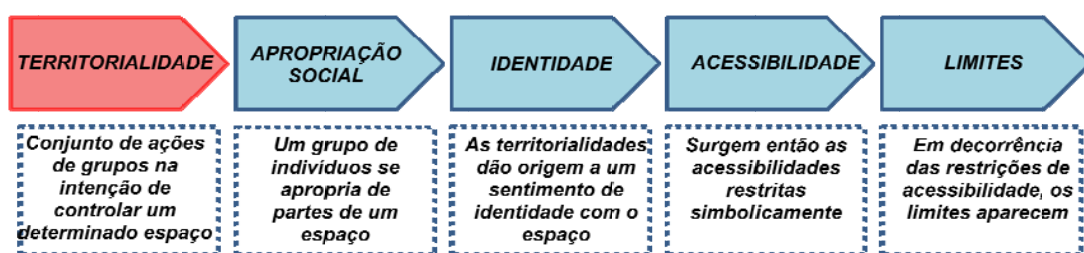


Figura 1.7 – Dimensões da territorialidade. Fonte: a autora, 2008.

1.2.2. *Apropriação social*

Segundo Fischer (1994)³⁸, é instintivo o ser humano, a partir de processos de projeção psicológica, agir sobre o espaço em que se situa, buscando dominá-lo. Se entendermos que o espaço público representa o espaço de socialização da comunidade a que o indivíduo pertence, podemos concluir que a apropriação do espaço público consiste em uma dinâmica natural em que os atores sociais perdem e conquistam áreas de atuação constantemente.

Como já foi dito, o espaço livre público é o espaço que pode ser usufruído por todos, porém, ao analisarmos os espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela, esse fato não é notado, pois estes são utilizados apenas pelos moradores da área. De alguma forma, os outros moradores do bairro não se sentem à vontade em entrar na ZEIS e usufruir, por exemplo, do campo de pelada existente no local. Os jovens pertencentes aos estratos médios e altos do bairro jogam futebol em campos alugados em bairros vizinhos ou mesmo em campos construídos nas áreas de lazer de seus prédios ao invés de utilizarem o grande campo comunitário situado na ZEIS.

Para Gomes (2002)³⁹, o fato da não-utilização do campo de futebol dos bairros, que em geral são públicos, “é muito freqüente no Brasil, onde atualmente o conceito de coisa pública se confunde com a de baixa qualidade ou de uso exclusivo das camadas populares”. Essa desvalorização ocorre com os espaços públicos em geral, uma vez que o acesso é livre e a freqüência majoritária é composta pelas camadas populares. Assim, esses espaços são apropriados pela população de baixa renda que os utiliza com exclusividade e se sente “dona” dos mesmos. O primeiro contato de um grupo social com a apropriação de um espaço público, portanto, dá-se por decorrência natural da vida em sociedade.

Sabemos que a “apropriação é essencial nas relações entre a comunidade e o espaço; e que, através desse fenômeno, podemos inferir em um espaço as atitudes sociais de indivíduos e grupos” (FISCHER, 1994)⁴⁰. O processo de apropriação social é uma expressão primeira do entendimento pelas comunidades do que sejam seus espaços de atuação. Ele é função da estrutura sócio-cultural, que determina, em última instância, sua incidência de acordo com os fatores individuais e grupais de idade, gênero, nível social, ordem institucional, relação com as particularidades físicas do contexto.

³⁸ FISCHER, G. N. “Psicologia social do ambiente”. Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Gráfica, 1994.

³⁹ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 185.

⁴⁰ FISCHER, G. N. Op. Cit., 1994, p. 92.

1.2.3. Identidade

Segundo Arendt (2003)⁴¹, o território demarca a identidade do lugar, e embora o mundo comum seja o terreno comum a todos, os que estão presentes ocupam nele diferentes lugares, e o lugar de um não pode coincidir com o de outro, da mesma forma como dois objetos não ocupam o mesmo lugar no espaço.”

Podemos afirmar que a identidade dos grupos sociais é formada nos espaços livres públicos, pois ser visto e ouvido por todos é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes e formam uma opinião conjunta sobre o mundo social. Gomes (2002)⁴² afirma que o território de cada grupo é concebido como um terreno no qual “as regras que fundam a identidade gozam de uma absoluta e indiscutível validade”. A predominância da coletividade do grupo é completa, “e a oposição e a diferenciação são estabelecidas em relação à figura de um outro, que é exterior ao grupo”.

“A identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. A identidade comunitária só pode existir, no entanto, quando definida em relação a um território, real ou mítico, de homogeneidade, de domínio e de pleno desenvolvimento do espírito do grupo.”

GOMES (2002)⁴³

Na ZEIS do Poço da Panela é notório que cada espaço livre existente possui seus usuários específicos e exclusivos que sentem um sentimento de pertencimento para com o dito espaço. Esse sentimento de pertencimento é bastante confundido pelo sentimento de apropriação, daí a identidade de um espaço livre estar muito vinculada à apropriação do mesmo.

Pelo fato desses espaços livres serem parecidos, em termos de atrativos, os moradores os freqüentam em prol da proximidade com suas moradias, e cada usuário, à sua maneira, se identifica com o espaço que utiliza. Ao freqüentar determinado espaço, o indivíduo cria vínculos, forma parcerias e, portanto, sentem-se identificados com o lugar e com os outros parceiros que o utiliza.

⁴¹ ARENDT, H. Op. Cit., 2003, p. 67.

⁴² GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 181.

⁴³ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 60.

1.2.4. Acessibilidade

Tão importante quanto o comportamento humano ou as regras formais de convivência entre os cidadãos abordados anteriormente, é a informação emitida pelos próprios espaços livres públicos da cidade a respeito das possibilidades que tem um indivíduo comum de utilizá-los. Do ponto de vista do usuário, é importante a percepção de autorização e autonomia em relação à fruição do ambiente em que se situa, e essa liberdade de atuação dependerá de para quem se destina o espaço – para a coletividade maior ou para grupos seletos.

Segundo Lynch (1990)⁴⁴, a cidade possui atributos físicos associados a informações objetivas e subjetivas dos habitantes que a percebem. Esses atributos podem ser logo percebidos ao fazer um percurso pelo bairro do Poço da Panela. Um indivíduo que caminha pela área, com ruas largas e arborizadas, revestidas de paralelepípedos imensos irregulares que nos remete ao passado e rodeadas por mansões de muros altos, sente repentinamente a chegada na ZEIS, onde as ruas são estreitas, similares a becos, e as casas, quando muito, delimitadas com gradis, e os moradores observam a todos nas ruas, como verdadeiros vigias, garantindo sua função de “olhos da rua”; o transeunte sente-se, assim, impedido em adentrar na área, enquanto no restante do bairro, o transeunte se sente à vontade para caminhar livremente, sem ser observado por ninguém.

No entanto, vale ressaltar que a acessibilidade não é somente física, pois segundo Serpa (2007)⁴⁵ a apropriação dos espaços livres públicos é também simbólica e “tem implicações que ultrapassam o design das ruas, praças, parques e largos”. Se for correto afirmar que o adjetivo “público” diz respeito “a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar, por outro lado, algo mais do que o simples acesso físico a espaços ‘abertos’ de uso coletivo”.

Assim, Na ZEIS do Poço da Panela, a acessibilidade se torna restrita, tanto fisicamente, pela condição morfológica do traçado das ruas estreitas e sinuosas, dificultando o acesso, agravada pelas barreiras físicas existentes (muros altos separando as ocupações formais e informais); como também, simbolicamente, pela diferença de comportamento e, conseqüentemente, das práticas sociais, entre os moradores da área e os não-moradores.

⁴⁴ LYNCH, K. Op. Cit., 1990.

⁴⁵ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 16.

1.2.5. Limites

Fisicamente, o espaço livre público que tratamos aqui, é qualquer tipo de espaço onde não existem obstáculos para a possibilidade de acesso e para a participação de qualquer tipo de pessoa, “trata-se, portanto, essencialmente de uma área onde se processa a mistura social” (GOMES, 2002)⁴⁶. Segundo Gomes (2002)⁴⁷, “diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo”.

Apesar dos espaços livres da ZEIS – justamente por serem denominados livres – não possuírem nenhuma barreira física que impeçam seu livre acesso, como muros, grades ou cercas, pelo fato dos mesmos estarem localizados dentro do assentamento, existe uma restrição de acesso tanto física, como simbólica, expressa nos limites entre a ZEIS e o bairro formal do Poço da Panela, como visto no item anterior. E apesar desses limites se tratarem das limitações do território da ZEIS e não dos espaços livres existentes dentro dela, estes são suficientes para impossibilitar ou dificultar o acesso a tais espaços.

Os limites, portanto, estão diretamente vinculados à acessibilidade, e de fato, pode-se afirmar que as quatro dimensões das territorialidades dos espaços livres são vinculadas entre si, sendo uma consequência da outra e vice-versa. Para efeito de estudo, subdividimo-las, porém estas vêm sempre juntas. E a análise dessas quatro dimensões, junto com a sociabilidade existente entre os usuários de determinado espaços, é que dão o caráter de “público” ao mesmo, que na sociedade contemporânea, vem sendo cada vez mais difícil de ser encontrado.

Atualmente, os espaços livres públicos, que deveriam ser acessíveis a todos, vão, pouco a pouco, “sendo apropriados de modo seletivo e diferenciados pelos diferentes grupos sociais” (SERPA, 2007)⁴⁸, e à medida que essa apropriação se demarca, os espaços livres públicos vão perdendo seu caráter “público” de trazer à tona a realidade, pois somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna (ARENDT, 2003)⁴⁹.

⁴⁶ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 163.

⁴⁷ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 163.

⁴⁸ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 10.

⁴⁹ ARENDT, H. Op. Cit., 2003, p. 67.

1.3. INTERAÇÃO E SOCIABILIDADE

O indivíduo não consegue viver sozinho e precisa se relacionar com outras pessoas para poder viver. Essa idéia é fundamentada pelas autoras Lakatos e Marconi (2008)⁵⁰ as quais escreveram que o indivíduo não tem existência isolada, não vive à margem de seus semelhantes, a tal ponto que a autoconsciência é inseparável da percepção da sociedade ou consciência social.

“O homem como ser social vive em grupos” (LAKATOS E MARCONI, 2008)⁵¹, podendo esses grupos de indivíduos serem formadores de uma comunidade, ou em maior escala, ainda, de uma sociedade. Fichter (1973)⁵² definiu grupo social como uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, segundo determinadas normas, interesses e valores sociais, para a consecução de objetivos comuns.

“Sociedade e indivíduos são simplesmente aspectos provenientes da mesma coisa, e não fenômenos separados: um grupo, ou uma sociedade, não existe fora de uma visão coletiva das pessoas, assim como o indivíduo, ou pessoa social, não existe isolado do grupo.”

LAKATOS; MARCONI (2008)⁵³

A sociedade, portanto, é fruto de um processo que se inicia com o indivíduo e ela é a junção de vários indivíduos de forma heterogênea, sendo formada por grupos e comunidades. Para entender melhor a sua formação, criamos um gráfico evolutivo da sociedade, partindo do indivíduo ele próprio, individual e egocêntrico (ver figura 1.8).

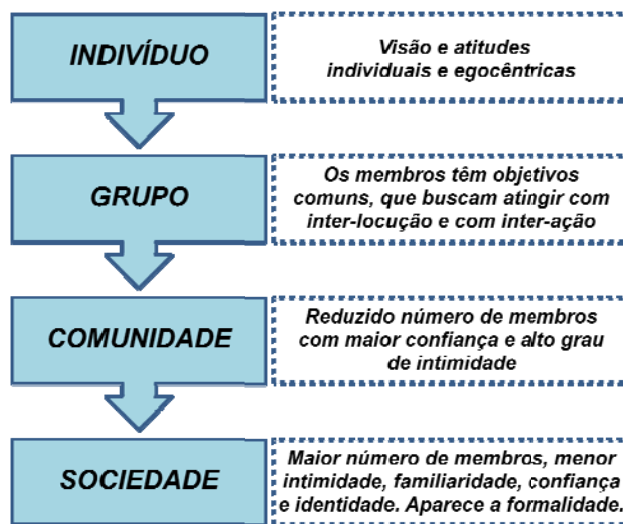


Figura 1.8 – Formação da sociedade.
Fonte: a autora, 2008.

⁵⁰ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. “Sociologia Geral”. São Paulo: Editora Atlas. 2008, p.52.

⁵¹ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Op. Cit., 2008, p.118.

⁵² FICHTER, J. H. “Sociologia”. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária. 1973, p.140.

⁵³ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Op. Cit., 2008, p.53.

Quando alguns indivíduos se agrupam, formam-se grupos de indivíduos que são caracterizados pela interlocução e interação entre eles. A reunião de alguns grupos juntos com um mesmo propósito, nos quais todos tenham confiança uns nos outros e intimidade, forma uma comunidade. A junção das comunidades, dos grupos e dos indivíduos, forma o que podemos chamar de sociedade, na qual, devido ao maior número de pessoas e da heterogeneidade das mesmas, a intimidade entre os membros dá lugar à formalidade.

Essa necessidade de convivência do indivíduo leva à formação dos grupos sociais, de uma comunidade e/ou de uma sociedade, nos quais o indivíduo dificilmente pode pensar em si, desligando-se do seu grupo, e dependendo do tipo de relações estabelecidas entre as pessoas, esses grupos poderão se distinguir e definir territórios e micro-territórios próprios, que se expressam principalmente nos espaços livres públicos da cidade.

Cabe analisar se a demarcação de territórios com a formação de grupos e comunidades interfere no caráter público dos espaços livres existentes na cidade. Trataremos, então, nesse item de diferenciar o conceito de comunidade do de sociedade, a fim de explicar a diferença de relação entre os moradores da ZEIS do Poço da Panela, que formam uma comunidade e, conseqüentemente, desenvolvem relações mais próximas, mais integradas, possuindo uma maior sociabilidade entre si, e a relação da ZEIS com o seu entorno imediato do bairro do Poço da Panela, entendido nesse recorte de cidade, como uma pequena parcela da sociedade do Recife.

Os autores que utilizamos para a elaboração deste capítulo foram: Lakatos e Marconi (2008)⁵⁴, autoras do livro “Sociologia geral”, essencial para apreensão da base do conhecimento sobre a sociologia, e alguns de seus principais teóricos, Tönnies (1942 e 1947)⁵⁵, Radbruch (1974)⁵⁶ Weber (1963)⁵⁷ e Gomes (2002)⁵⁸, sendo estes os principais contribuintes das concepções aqui lançadas.

O primeiro autor a tratar dos conceitos sociedade e comunidade de forma comparativa foi o sociólogo Ferdinand Tönnies (1887). Ele introduziu o dualismo sociedade (*Gemeinschaft*) e comunidade (*Gessellschaft*) no discurso científico contemporâneo e o seu modelo sociológico propõe a existência de dois tipos de

⁵⁴ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Op. Cit., 2008.

⁵⁵ TÖNNIES, F. “Princípios de sociologia”. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica – FCE. 1942.

E TÖNNIES, F. “Comunidad y Sociedad”. Buenos Aires: Losada. 1947.

⁵⁶ RADBRUCH, G. “Filosofia do Direito”. Coimbra: Coleção STVDIVM, Armênio Amado Editor, 1974.

⁵⁷ WEBER, M. “Ensaio de sociologia”. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

⁵⁸ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002.

entidades sociais: (1) Comunidade (Gemeinschaft) que é íntima, privada, informal e afetiva; (2) Sociedade (Gesellschaft) que é pública e formal (ver figura 1.9).

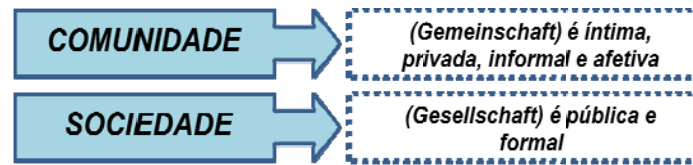


Figura 1.9 – Comunidade e sociedade segundo Tönnies.
Fonte: a autora, 2008.

O contraste entre “comunidade” e “sociedade” constitui uma das questões fundamentais de todo o pensamento sociológico. A idéia de comunidade supõe a existência de bens ou valores que são comuns aos seus membros e dado que ante os valores existem apenas duas atitudes: preferi-los ou preteri-los, a vinculação dos membros na comunidade é existencial.

Nas comunidades, as normas de convivência e de conduta de seus membros estão interligadas à tradição, religião, consenso e respeito mútuo. Do latim *communitas*, de *cum* mais *unitas*, significa quando muitos formam uma unidade. A comunidade é a forma de viver junto, de modo íntimo, privado e exclusivo, de se estabelecer relações de troca, necessárias para o ser humano, de uma maneira mais íntima e marcada por contatos freqüentes. É constituída por grupos formados por vizinhos que possuem um elevado grau de proximidade uns com os outros, e o sentimento de pertencer ao grupo domina as ações das pessoas, assegurando a união do grupo. Na sociedade esse contato não é comum, prevalecendo os acordos racionais de interesses.

A idéia de comunidade pode ser melhor apreendida ao analisar trabalhos empíricos já realizados em comunidades populares, como no caso da comunidade do Catumbi, estudada por Dos Santos da qual o autor faz o seguinte relato:

“Quando os moradores diziam que o Catumbi era uma ‘Grande família’ e que ‘todos se conheciam’, é disso que estamos falando. O conhecer-se resultava a troca social reiterada. A articulação de residências, negócios, locais de trabalho, serviços, estabelecimentos de culto e lazer, promove o encontro sistemático das pessoas e dos grupos em função da maneira pela qual partilham, numa configuração espacial precisa, a multiplicidade de meios que viabilizam a vida cotidiana. Existe, pois, uma comunidade nas ruas que não é apenas funcional.”

DOS SANTOS (1985)⁵⁹

⁵⁹ DOS SANTOS, C. N. F. “Quando a rua vira casa”. São Paulo: Projeto. 1985, p. 85.

No caso da comunidade do Poço da Panela verifica-se o mesmo tipo de relação. As pessoas não participam da comunidade simplesmente porque moram, compram, trabalham ou se divertem no mesmo lugar, mas sim porque “todos se conhecem”. Segundo Dos Santos (1985)⁶⁰, “saber quem é quem é uma imposição da própria intensidade do contexto e das muitas oportunidades diferentes em que ela se dá”. E ainda, significa conhecer o mesmo indivíduo em situações diversas, “desempenhando os papéis de vizinho, freguês, associado, parceiro de jogo, freqüentador de determinados lugares, membro de uma igreja, profissional disto ou daquilo e assim por diante”.

Na comunidade do Poço da Panela é comum escutar algum morador dizer “aqui todo mundo se conhece”, “na comunidade, todo mundo é família”. Isso acontece em parte, porque no caso do assentamento do Poço, por se tratar de uma comunidade pequena e coesa, muitos se casaram entre si, sendo poucas e grandes as famílias que habitam a área, tratando-se na grande maioria dos casos, de bisavós, avós, pais, filhos e netos. Esse fato fortalece a idéia de sociedade apreendida neste trabalho.

Para Radbruch (1974)⁶¹, a comunidade é tida como uma forma transpessoal das relações entre os homens, exprimindo “uma figura especial cuja essência é constituída por uma relação entre os homens derivada da existência de uma obra comum que os prende entre si”. A comunidade é a forma de vida em comum daquilo que ele qualifica como transpersonalismo, enquanto a sociedade é a forma de vida em comum do individualismo.

Para Weber (1963)⁶², a comunidade é entendida como um grupo a que se pertence por aceitação de “valores afetivos, emotivos ou tradicionais, considerando que a ação comunitária refere-se à ação que é orientada pelo sentimento dos agentes pertencerem a um todo. A ação societária, por sua vez, é orientada no sentido de um ajustamento de interesses racionalmente motivado”. Assim, pertencer à sociedade, assenta numa partilha de interesses, marcada por uma vontade orientada por motivos racionais.

Já sociedade, na definição clássica de Ferdinand Tönnies (1944)⁶³, é um círculo de indivíduos que, apesar de viverem pacificamente uns ao lado dos outros,

⁶⁰ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 85.

⁶¹ <http://topicospoliticos.blogspot.com/2004/10/comunidade-o-que.html>

⁶² <http://topicospoliticos.blogspot.com/2004/10/comunidade-o-que.html>

⁶³ TÖNNIES, F. Op. Cit., 1942, p. 54-75.

não estão “essencialmente unidos, mas essencialmente separados”. É uma grande união de grupos sociais marcada pelas relações de troca, porém de forma não-pessoal, racional e com contatos sociais mais limitados e impessoais. Não há o estabelecimento de relações pessoais, fato que marca a comunidade. Por isso, é fundamental haver um aparato de leis e normas para regular a conduta dos indivíduos que vivem em sociedade, tendo no Estado, um forte aparato burocrático, decisivo e central nesse sentido.

Da passagem para o modo de vida da sociedade contemporânea, como é vista hoje – na qual os indivíduos convivem de maneira fortemente individual – teríamos o desencadeamento de uma ruptura na organização destes núcleos de sociabilidade. Segundo Tönnies (1942)⁶⁴, “quanto mais se multiplica a vida da cidade, mais perdem forças os círculos de parentesco e vizinhança como motivos de sentimentos e atividades amistosas”.

De acordo com o que foi visto acima, podemos afirmar que em uma sociedade como a recifense, essa falta de interação e de sociabilidade entre os indivíduos já pode ser notada nos espaços livres públicos da cidade, porém em comunidades populares como é o caso da ZEIS do Poço da Panela, as forças de parentescos e de vizinhança continuam intensas e isso se dá porque as comunidades mais pobres ficam um pouco à margem do desenvolvimento da cidade, e conseqüentemente, das suas mudanças contemporâneas. Assim, vemos que a vida em uma comunidade como a da ZEIS do Poço da Panela significa um retorno ao passado no que diz respeito às práticas sociais e as interações entre os indivíduos.

O grau de interação tanto na sociedade como na comunidade, pode ser verificado através do conceito de sociabilidade tratado a seguir. É através da sociabilidade que podemos analisar as relações dos indivíduos nos espaços livres tanto potenciais como públicos, visando averiguar se eles formam grupos em territórios que não interagem entre si ou se esses territórios são mais maleáveis e se sobrepõem uns aos outros.

⁶⁴ TÖNNIES, F. Op. Cit., 1947, p. 45.

1.3.1. Sociabilidade

Para falar de sociabilidade, utilizaremos dois autores que serviram como base dos nossos conceitos teóricos: Simmel (1983)⁶⁵, autor criador do termo, e Frúgoli (2007)⁶⁶, autor do livro “Sociabilidade urbana”, no qual se apresenta de forma ampla e ordenada o pensamento dos principais filósofos e cientistas sociais que têm estudado a sociabilidade. Para aprofundar nossa fundamentação teórica sobre esse tema, estudamos os outros dois autores que trabalharam empiricamente o conceito da sociabilidade: Jacobs (2001)⁶⁷, ao analisar os bairros populares nova iorquinos, e Dos Santos (1985)⁶⁸, já citado neste capítulo, ao analisar dois bairros populares no Rio de Janeiro.

De acordo com Castells (1977)⁶⁹, a sociabilidade é a essência da natureza humana. O ser humano é um ser social que precisa interagir com os outros para seu pleno desenvolvimento biológico, psicológico, afetivo, cultural, político, religioso e artístico, e por isso, existe uma necessidade intrínseca de estabelecer relações com os outros.

Para Simmel (1983)⁷⁰, a sociedade resulta da interação entre os indivíduos, constituindo uma rede de relações humanas. Essas relações acabam por construir experiências humanas que provocam sentimentos de satisfação ou de insatisfação, a depender do grau de atendimento às expectativas postas, constituindo o que Evaldo Coutinho (1970)⁷¹ chama de “Valor da Experiência”. A repetição de experiências positivas provoca sentimentos de identificação com o espaço, uma vez que esse cenário evoca os momentos agradáveis e úteis vivenciados nele. Daí surge o sentimento de se perpetuar como usuário desse espaço, e essa perpetuação, fundamentada em experiências socialmente vivenciadas, deve ser realizada de forma exclusiva com aqueles que contribuíram positivamente com a experiência, demarcando um território com o qual o ser humano se identifica.

É desta maneira que os territórios são definidos e o território formado pela ZEIS do Poço não foge a esta regra, os primeiros moradores que se assentaram na área passaram a conviver nela diariamente e com isso, passaram a experienciar o lugar e

⁶⁵ SIMMEL, G. “Sociologia”. São Paulo: Ática, 1983.

⁶⁶ FRÚGOLI, H. “Sociabilidade urbana”. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.

⁶⁷ JACOBS, J. “Morte e Vida nas grandes cidades”. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁶⁸ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985.

⁶⁹ CASTELLS, M. “La cuestion urbana”. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores. 1977.

⁷⁰ SIMMEL, G. Op. Cit., 1983, p.165-172.

⁷¹ COUTINHO, E. “O Espaço da Arquitetura”. São Paulo: Perspectiva. 1970.

dessas experiências vividas, surgiram laços afetivos com o mesmo, que se traduziu na forma de apropriação do espaço, da identificação com o mesmo, e da conseqüente formação de um território.

O território, por sua vez, torna-se acessível exclusivamente para o indivíduo e seus parceiros com os quais ele deseja continuar mantendo relações sociais agradáveis e úteis, restrito aos outros que possam colocar em risco esses fatores. O grupo social formado pelo indivíduo e seus parceiros se *apropria* de um determinado espaço ao se *identificar* com ele pelas experiências vividas aí e cria então a restrição de acesso e os *limites*, tanto físicos quanto simbólicos.

De acordo com Gomes (2002)⁷², a unidade formadora de um determinado território pode ser construída por meio de traços étnicos, familiares, culturais, históricos, morfológicos, comportamentais ou alguns desses considerados simultaneamente, constituindo assim os grupos sociais. Indiferentemente, o que esses indivíduos vão legitimar é uma identidade comum e própria.

É preciso lembrar, como já visto no início desse capítulo, que vários indivíduos, grupos e comunidades, formam, por fim, a sociedade, e, de acordo com Frúgoli (2007)⁷³, a sociedade não é apenas composta de indivíduos, ela é composta de indivíduos em interação, isto é: pessoas.

Para Simmel (1983)⁷⁴, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda experiência humana pode ser mente organizada, e concretamente, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço. O *status nascendi* da sociedade residiria nos processos de interação sociológicos através dos quais constituem associações não bastando apenas interagir, pois “é preciso ainda que os indivíduos em interação ‘uns com, para e contra os outros’ formem, de alguma maneira, uma ‘unidade’, uma ‘sociedade’ e estejam conscientes disso” (SIMMEL apud FRÚGOLI)⁷⁵.

A partir do que foi exposto acima, um dos conceitos que nos permite aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica é justamente o de sociabilidade, que de acordo com Frúgoli (2007)⁷⁶ é a “forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer

⁷² GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 60.

⁷³ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 11.

⁷⁴ SIMMEL, G. Op. Cit., 1983, p.165-172.

⁷⁵ SIMMEL apud FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 09.

⁷⁶ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 09.

propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais”.

Sabemos que esse estado de “ser todos iguais” é utópico, porém, para que consigamos averiguar se os espaços livres que estamos analisando, são realmente públicos, partimos do conceito do espaço público como sendo de acesso irrestrito a todos igualmente. “O livre acesso pressupõe a não-exclusividade de ninguém ou de nenhum uso diferente daqueles que são os de interesse comum”, no entanto, segundo Gomes (2002) ⁷⁷, na prática o que ocorre é uma apropriação desses espaços por determinados grupos.

Em geral, a sociabilidade ocorre apenas com grupos de mesmo estrato social, como já notado nos espaços livres públicos da cidade. É preciso, portanto, analisar as a sociabilidade nesses espaços, ainda que para Simmel, as formas de sociabilidade constituam uma esfera marcada pela suspensão de posições sociais, paradoxalmente, as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de círculos “intra-classistas”, “implícitos na idéia de que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, tornando-se insuportável ou dolorosas quando vividas entre membros de classes sociais distintas, já que pressupõem um mínimo de valores compartilhados” (FRÚGOLI, 2007) ⁷⁸.

Decorre daí uma característica que vem sendo identificada cotidianamente nas relações sociais entre estranhos nas cidades contemporâneas: a relação ambígua entre proximidade física e distância social. Os processos de criação de territórios e de segregação estabelecem distâncias que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita, segundo Frúgoli (2007) ⁷⁹, que indivíduos passem facilmente de um meio para outro, e encoraja o experimento de viver ao mesmo tempo em diversos mundos contíguos, mas amplamente separados. E as pessoas da sociedade contemporânea passam a adquirir uma nova característica: são próximas geograficamente, porém distantes socialmente.

Este fenômeno pode ser observado na ZEIS do Poço da Panela – área na qual moram estratos mais baixos da população – inserida no bairro de mesma denominação, sendo este um dos bairros mais elitizados da cidade. Casos como o do

⁷⁷ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 177.

⁷⁸ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 13.

⁷⁹ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 20.

bairro do Poço da Panela é muito comumente encontrado na cidade do Recife, onde a pobreza não é concentrada, e sim dispersa na cidade como um todo, criando vários mundos diferentes e contíguos.

As conexões estabelecidas por Simmel entre sociabilidade e cidade contemporânea vieram assim adquirir contornos mais concretos – como convivência, interação, socialização e associação – e localização espacial mais precisa. E alguns dos estudos mais recorrentes que abordam essa temática, de acordo com Frúgoli (2007)⁸⁰, são justamente as relações de vizinhança, principalmente em bairros residenciais marcados por caráter comunitário, com tradições históricas próprias; ou então, ainda, as interações entre múltiplos grupos, tais como as que ocorrem em espaços livre públicos definidos por forte diversidade de freqüentadores.

Na nossa pesquisa, inspirados nestes dois estudos citados por Frúgoli, analisamos as relações de vizinhança estabelecidas na comunidade popular da ZEIS Poço da Panela, cujos membros possuem características, costumes e territórios bem definidos, relacionando com a diversidade de freqüentadores dos espaços livres utilizados, a fim de verificar o grau de sociabilidade existente nessa comunidade.

É preciso lembrar, segundo Frúgoli (2007)⁸¹, que “a cidade não é apenas um mosaico de territórios, já que é pautada por relações entre dois ou mais grupos de indivíduos num mesmo meio ou sistema de atividades, presentes em fenômenos, como na co-presença no mesmo espaço livre público”. Nesse sentido, a cidade põe em contato grupos sociais heterogêneos, num espaço diferenciado. Daí a importância do espaço público na cidade contemporânea, como palco no qual ocorrem diferentes territorialidades.

Sennet (SENNET apud GOMES)⁸² diz que “a cidade deveria ser o lugar da possibilidade do encontro sem que isso nos induzisse à compulsão da intimidade ou de uma suposta identidade profunda”, portanto, essencialmente, a cidade se trata de uma área na qual se processa a mistura social. “Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo”.

⁸⁰ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 18.

⁸¹ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 22.

⁸² SENNET apud GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 163.

O conceito de sociabilidade foi sendo modificado ao longo de todo o século XX, e passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas, como relações cotidianas, costumes, festas e rituais, encontros etc. Duas leituras distintas sobre a sociabilidade podem ser aplicadas diretamente na nossa dissertação, como veremos a seguir.

A primeira leitura adviria das formas de sociabilidade enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em relações estabelecidas na co-presença no espaço público.⁸³ Espaços esses, exemplificados aqui, como os espaços livres localizados dentro da ZEIS do Poço da Panela, e os espaços livres do entorno da ZEIS.

“No campo da co-presença no espaço público, cabe sublinhar desdobramentos relevantes que dizem respeito ao princípio constitutivo de oscilações entre proximidade e distância, sobretudo quanto às formas de relações entre estranhos em locais assinalados pela intensificação da frequência de usuários.”

FRÚGOLI (2007)⁸⁴

Tal conceito de sociabilidade foi colocado em evidência pela escritora e ativista Jane Jacobs (JACOBS, 2001)⁸⁵, no início da década de 1960, época de lançamento do livro “Morte e vida nas grandes cidades”, no qual a autora criticou de maneira incisiva aos resultados de intervenções urbanísticas, que, segundo ela, vinham causando a desertificação dos espaços públicos nos Estados Unidos.

No Brasil, Carlos Nelson (DOS SANTOS, 1985)⁸⁶, realizou uma estimulante análise do bairro do Catumbi, localizado no Rio de Janeiro. Uma etnografia do uso de suas ruas revelou vários princípios de diversidade, presentes tanto nas atividades disponíveis principalmente aos moradores, tais como: negócios, trabalhos, serviços, cultos e lazer, quanto nos usos cotidianos das calçadas e equipamentos por grupos de gênero e de faixa etária distintos, com destaque para o modo como os moradores lidam com aqueles considerados “estranhos” para a comunidade.

Jane Jacobs torna a existência de estranhos em número cada vez maior, como o dado inicial da sua preocupação com a “morte” das grandes cidades contemporâneas e Carlos Nelson discute a existência do estranho latente no outro, em que pese a eventual proximidade social. Segundo Dos Santos (1985)⁸⁷, “o sentido

⁸³ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 23.

⁸⁴ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 26.

⁸⁵ JACOBS, J. Op. Cit., 2001.

⁸⁶ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985.

⁸⁷ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 90.

figurado do verbo estranhar, na sua forma reflexiva, é bem conhecido como denotativo de conflito ou ameaça de conflito, estranhar-se é desentender-se”. É perder o solo comum que torna a troca e a interação possíveis. “As formas radicais de individualismo pressupõem essa estranheza fundamental do próximo, conferindo-lhe os contornos de uma paranóia”. A consequência sociológica desse tipo de viés cultural ou psicológico é justamente o desaparecimento do espaço livre efetivamente público na sociedade contemporânea.

A segunda leitura possível do tema da sociabilidade adviria, por sua vez, de sua já mencionada qualidade “intra-classista”, implícita em Simmel, ligada à idéia de que tais relações seriam praticadas principalmente entre “iguais”. Isso teria levado à ênfase posterior em pesquisas sobre os espaços sociais onde predominariam a condição social, valores e sentidos de certo modo compartilhados. Em outras palavras, talvez tenha resultado no enfoque empírico em bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade, onde haveria uma significativa articulação entre a sociabilidade e vizinhança ou comunidade. Segundo Frúgoli (2007)⁸⁸, trata-se, inclusive, de algo já presente ou implícito na primeira leitura, embora a “ênfase anterior fosse, tipologicamente, nas interações entre diferentes ou estranhos, enquanto aqui, entre indivíduos que se conhecem ou interagem regularmente”.

Em resumo, de acordo com Dos Santos (1985)⁸⁹, quando nos defrontamos com o outro, apenas três coisas podem acontecer: “ou trocamos algo com ele, ou evitamos fazê-lo de parceiro nessa operação, ou entramos em conflito. Na troca reforçamos o contato; na evitação procuramos neutralizá-lo; no conflito recusamos determinadas condições de uma troca possível”. A troca, a evitação e o conflito estão sempre juntos e “são termos virtuais de qualquer relação social e como tais considerados”.

Segundo Lakatos e Marconi (2008)⁹⁰, podemos dizer que o contato é a fase inicial da interestimulação, e que as modificações resultantes são denominadas de interação. “Interação é, portanto, a ação social de dois ou mais indivíduos em contato e distingue-se da mera interestimulação em virtude de desenvolver significados e expectativas em relação às ações de outras pessoas”. Podemos assim dizer que a “interação é a reciprocidade de ações sociais”. A partir do momento em que o indivíduo se encontra em sociedade, ele vai desenvolver conteúdos e interesses individuais, proporcionando a sociação com outros indivíduos. Assim, a partir do

⁸⁸ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 30.

⁸⁹ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 84.

⁹⁰ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Op. Cit., 2008, p. 87.

desenvolvimento do processo de sociação, este passa a existir por si mesmo e é então chamado de sociabilidade.

Ou seja, de acordo com Simmel (1983)⁹¹, a sociabilidade acontece quando as pessoas passam a interagir automaticamente. A sociabilidade converte, então, o processo de sociação em um valor apreciado, pelo que, ao tornar a vida social agradável, vai fazer com que a sociabilidade seja algo normal entre os indivíduos. Assim sendo, a sociabilidade é a forma lúdica da sociação.

Chegamos, portanto, a um conceito de sociabilidade adequado ao nosso objeto de estudo. Ela é o efeito causado pela interação estabelecida entre os indivíduos de grupos diferentes da sociedade, com níveis de renda diferente, faixa etária e sexo. O resultado dessa interação é a socialização, surgindo assim, a figura abaixo (ver figura 1.10):

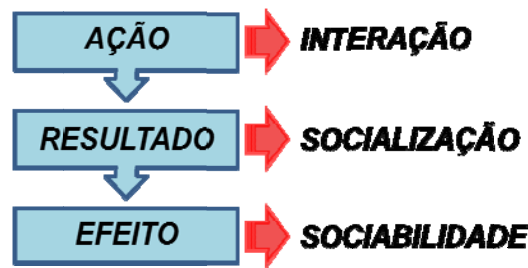


Figura 1.10 – Causa e efeito da interação, socialização e da sociabilidade.
Fonte: a autora, 2008.

O que abordamos no presente trabalho é o uso cotidiano dos espaços livres e/ou públicos da ZEIS do Poço da Panela e de seu entorno imediato, visando verificar se existe ou não socialização nesses espaços, uma vez que sem a sociabilidade, o caráter de espaço público vai se perdendo.

Para que essa socialização possa existir e se desenvolver precisa de algum tipo de interação, seja ela:

- (1) Encontro com o outro – presencial (que pode ser realizado de forma íntima, como é o caso da família e/ou comunidade, nos espaços privados ou de forma aberta nos espaços públicos), ou virtual (através de cartas, mensagens, rádio, TV, internet);
- (2) Linguagem comum – os parceiros devem possuir códigos de comunicação dominado por ambos, a fim de poder compreender os sinais emitidos pelo outro. A linguagem pode ser oral, escrita, por sinais e/ou por gestos;

⁹¹ SIMMEL, G. "Sociologia". São Paulo: Ática. 1983, p.169.

- (3) Sistema acordado de processo de tomada de decisões, e de definição de responsabilidades e benefícios mútuos.
- (4) Estabelecimento de acordos de parcerias de diversos tipos – que podem ser afetivas (com diversos graus de afetividades, como amizade, conversa e troca de experiências e/ou realização de atividades em comum), lúdicas, desportivas, culturais, produtivas, religiosas, organizacionais e políticas;

A realização de tais atividades nos espaços livres da cidade é que dá a sociabilidade, e conseqüentemente, o caráter “público” aos mesmos. Esta sociabilidade é analisada através da verificação da existência de territórios em determinado espaço, podendo este interagir com outros territórios ou não, e essa interação, é analisada através dos usos dados pelas territorialidades a esses espaços, podendo estes serem, de caráter individual ou coletivo. Através dessas duas análises, chega-se à sociabilidade de determinado espaço.

É importante ressaltar, que os territórios são formados por grupos sociais e no presente trabalho, analisamos três grupos distintos, quanto ao gênero, quanto à faixa etária, e o mais importante, quanto à faixa de renda, o nível social ao qual pertence. Essa sociabilidade, pouco a pouco, vem se tornando cada vez mais rara entre os diferentes estratos sociais na sociedade contemporânea, que é marcada pela segregação e pela desconfiança entre as populações dos distintos níveis. Vemos a seguir, como se dão essas interações e sociabilidades nos espaços livres públicos da sociedade atual.

1.4. ESPAÇO LIVRE PÚBLICO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As profundas desigualdades sociais, a violência e a sensação de insegurança nas ruas, o medo, e o desconforto decorrente do convívio com os diferentes na cidade contemporânea brasileira tornam as pessoas cada vez mais individualistas e são as principais causas da formação de territórios, isolando os indivíduos, que passam a desenvolver interações de sociabilidade em espaços fechados, restritos aos seus grupos sociais mais próximos. Tanto os estratos médios e altos quanto os estratos mais baixos, tendem a se fechar em seus territórios exclusivos, porém este fechamento se dá em formas e intensidades diferentes.

“A enorme desigualdade social, na qual o Brasil tem uma liderança mundial, tende a produzir uma vivência espacial do gênero apartheid, pois todas as possibilidades de mistura ou de compartilhar um espaço comum são vistas com desconfiança e evitadas socialmente. Abandonados pelos poderes públicos e pela população que mais efetivamente dispõe dos meios de exercer e reclamar a cidadania, os espaços públicos se convertem em terra de ninguém, sem regras de uso, perdem sua característica fundamental, ou seja, a de terreno de convivência, associação social, encontro entre diferentes, ou, em uma palavra, espaço democrático. Desgaste, sujeira, desrespeito e invasões são, pois, algumas das características frequentes nesse tipo de espaço, sem que isso gere de fato uma reação efetiva da população.”

GOMES (2002)⁹²

De acordo com Gomes (2002)⁹³, o modo de vida da sociedade atual é marcado por “um processo de recuo da cidadania”, caracterizado pela “redefinição nos quadros da vida social coletiva que vem, gradativamente, modificando o estatuto das práticas sócio-espaciais”. A atual dinâmica do espaço público está diretamente relacionada a esse recuo e ele é característico principalmente da população pertencente aos estratos médios e altos, que procuram por todos os meios o isolamento dos estratos econômica e socialmente inferiores, e adotam posturas e comportamentos diferentes, fruto de modelos culturais também diferentes.

A cidade hoje é concebida fragmentada em territórios, como soma de parcelas mais ou menos independentes, havendo uma multiplicação de espaços que são de uso público, mas não são utilizados para desenvolver atividades coletivas. Isto porque há um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de nos abstrairmos do espaço público (telefones celulares, fones de ouvido etc.), os modelos de lugares se redefiniram, shopping centers, clubes, ruas fechadas, paredes “cegas” etc. Segundo Gomes (2002)⁹⁴ podemos assim afirmar que “há um recuo da idéia

⁹² GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 185 e 186.

⁹³ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 175.

⁹⁴ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 174.

fundadora de cidadania que organizou a cidade e a convivência social desde os primeiros anos da Modernidade”.

“As classes média e alta, cada vez mais se fecham em suas moradias, gradeadas, emuralhadas, guardadas e vigiadas. Possuem, na grande maioria dos casos, toda uma infra-estrutura particular que substitui o espaço público. A consequência desse processo é que, do abandono dos espaços comuns e dessa recusa em compartilhar um território coletivo de vida social, surge o fenômeno da ocupação dos espaços públicos por aqueles que, não tendo meios para reproduzir privadamente esse estilo de vida, estão condenados a desfilarem sua condição por esse espaço: os pobres.”

GOMES (2002)⁹⁵

À medida que as elites se retiram para seus enclaves e abandonam os espaços públicos para os mais pobres, que utilizam esses espaços como alternativa de acesso ao lazer, o número de espaços para encontros públicos de pessoas de diferentes grupos sociais diminuem consideravelmente. Deste modo, segundo Remy e Voyé (1994)⁹⁶, a configuração sócio-espacial da cidade contemporânea altera radicalmente o papel do espaço público no conjunto das dinâmicas urbanas. Ele não apenas deixa de ser o elemento formalmente ordenador dos tecidos urbanos da cidade, como perde o seu papel estruturante das atividades e das interações sociais urbanas, e mesmo a capacidade de ser suporte de rotinas e atividades partilhadas, atenuando os seus níveis de uso e apropriação.

As pessoas dos estratos superiores, ao buscar espaços de lazer mais protegidos e de mais difícil acesso, onde o filtro exercido pelo poder aquisitivo ou pela acessibilidade seja efetivo na seleção social (GOMES, 2002)⁹⁷, criam um novo padrão de sociabilidade. “Conseqüentemente, afetam-se os padrões de circulação, trajetos diários, hábitos e gestos relacionados ao uso de ruas, ao transporte público, de parques e de todos os espaços públicos. A vida pública, portanto, ficou marcada pela segregação e discriminação”.⁹⁸

Para a população de médios e altos estratos, os espaços livres públicos da cidade contemporânea vem perdendo sua função, e estes estão sendo menos encarados ou visualizados como espaços de pertença efetivos, usam-se esses espaços para atividades altamente individuais. As praças não são mais os locais de interação social por excelência, mas locais de encontro social pontual e a rua não é nem mais um local, mas apenas uma ligação, reconhecida pelas suas capacidades de

⁹⁵ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 185.

⁹⁶ REMY, J; VOYÉ, L. “A Cidade: Rumo a uma Nova Definição?”. Porto: Afrontamento, 1994.

⁹⁷ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 185.

⁹⁸ http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/3-2_espaco_publico_privado.asp

trânsito de pessoas e automóveis, e não pelo fato de proporcionar um ambiente urbano favorável à interação social (GRAÇA, 2005)⁹⁹.

Segundo Gomes (2002)¹⁰⁰, “a fragmentação social crescente é acompanhada de uma fragmentação territorial, fazendo desaparecer o terreno da vida em comum, desaparecendo também as formas de sociabilidade que unem os diferentes segmentos sociais”. Este fato pode ser notado nas relações que se estabelecem entre os moradores da ZEIS e os próprios moradores do restante do bairro do Poço da Panela. Estes são provenientes de estratos sociais distintos, e conseqüentemente, em geral, não freqüentam os mesmos espaços livres, e quando o fazem, não interagem entre si, formando territórios a parte. Nestes espaços livres, podemos observar que além da fragmentação social já existente, ocorre também, atrelada a ela, a fragmentação territorial.

Todos esses fatores indicam um processo de desvalorização do espaço público que tem como principal característica a expressão das diferenças sociais, o convívio da coletividade e do diálogo entre os mais diversos segmentos da população de uma cidade. E apesar de vários locais públicos ainda comportarem uma razoável interação entre as classes, a desigualdade social e o conjunto dos vários tipos de ocupações do espaço urbano resultaria numa propensão a um quadro metropolitano fragmentado, segmentado, passando a ameaçar a dimensão da vida pública e a própria idéia de uma “cidade comum”. Segundo Rolnik (2000):

“O aumento vertiginoso das favelas, dos condomínios fechados, shopping centers e centros empresariais ao longo das décadas de 80 e 90 revela essa fragmentação socioterritorial da cidade, que compartimentaliza os territórios, promovendo uma vida urbana confinada em circunscrições controladas, protegidas ou vulneráveis, de alta e baixa renda.”

ROLNIK (2000)¹⁰¹

A ZEIS do Poço da Panela, localizada no bairro de mesma denominação, exemplifica bem esse fenômeno de segregação demarcada pela delimitação de territórios e conseqüente fragmentação da cidade. Tanto a população de médios e altos estratos que mora no bairro está se fechando em condomínios, privatizando ruas, como também, os moradores do assentamento popular inserido no bairro, também, de sua forma, “se fecham” em seu território (ver mapa 1.1). O limite entre a ZEIS e o setor formal do restante do bairro é marcado por muros elevados, com cercas elétricas e vigilância eletrônica, enquanto que do lado da ZEIS, os muros continuam baixos e as pessoas freqüentam suas calçadas (ver fotos 1.1 e 1.2).

⁹⁹ GRAÇA, M. S. Op. Cit., 2005, p.05.

¹⁰⁰ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 189.

¹⁰¹ http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/3-2_espaco_publico_privado.asp

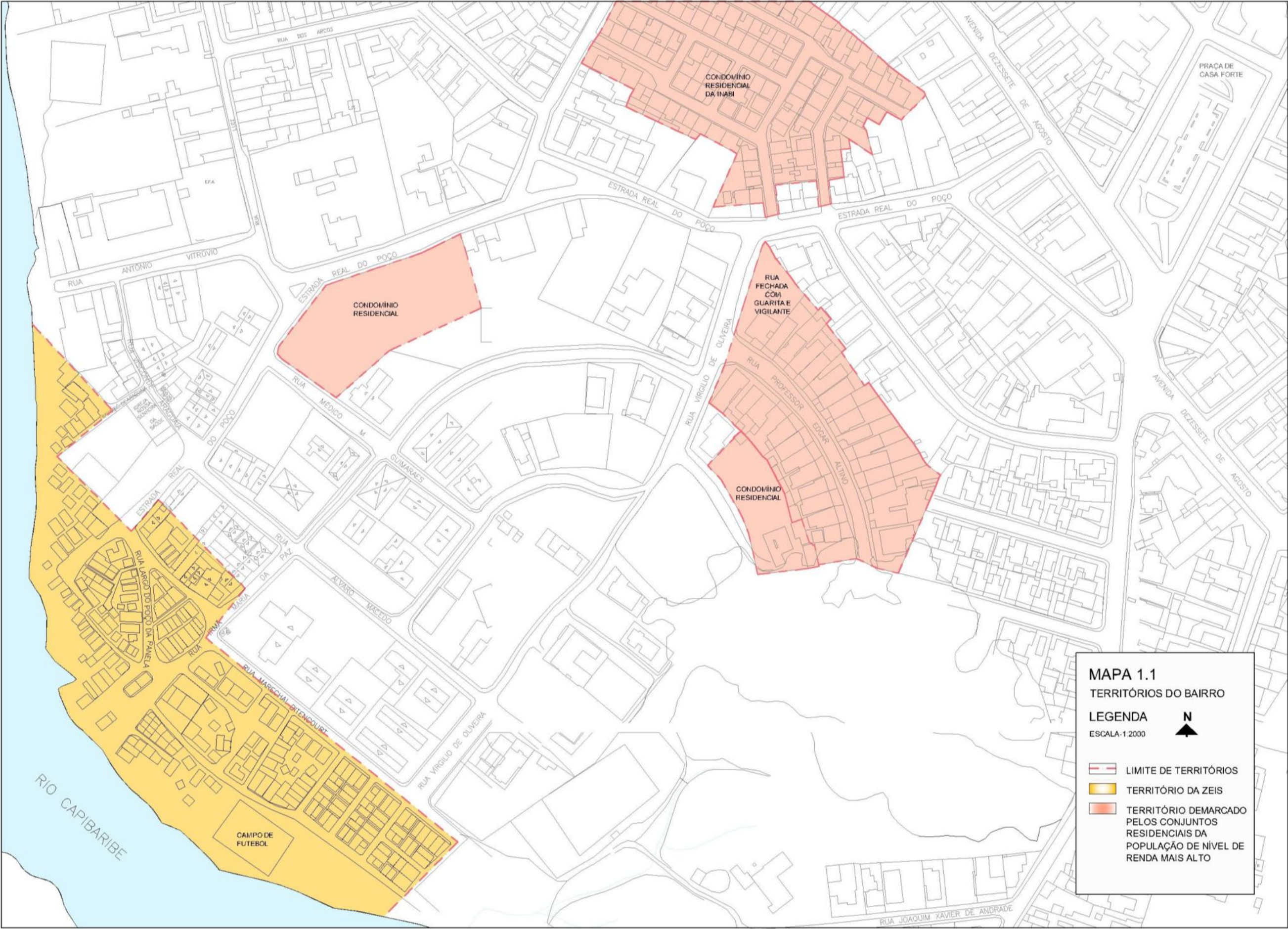




Foto 1.1 – Limite entre o bairro formal e a ZEIS do Poço da Panela visto da ZEIS.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 1.2 – Limite entre o bairro formal e a ZEIS do Poço da Panela visto do bairro.
Fonte: a autora, 2009.

Para a população de baixa renda, a relação com os espaços livres públicos existentes na cidade não modificou e as pessoas continuam utilizando esses espaços em seu dia-a-dia. A sociabilidade existente neles se dá da mesma forma que antes e a rua continua a funcionar como uma extensão das moradias, que ainda possuem muros baixos, e às vezes, nem isso. A única diferença é que esses espaços vêm sendo abandonados pelos estratos médios e altos da população, ou mesmo quando utilizados por eles, são em geral, para a realização de atividades individuais, e assim, deixa de ser o lugar de convívio entre os diferentes estratos.

Vale ressaltar, que as relações de vizinhança na cidade contemporânea são ainda muito condicionadas pelas diferenças entre níveis sociais. Segundo Serpa (2007)¹⁰², “nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares”. Enquanto que, nos bairros de estratos médios e altos, “as relações entre vizinhos são mais seletivas, já que o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar a necessidade individual de espaço”. Isto porque os rendimentos financeiros desses segmentos sociais possibilitam o acesso aos modernos meios de comunicação.

Na ZEIS do Poço da Panela, muitos moradores, ao serem perguntados sobre os vizinhos, comentam da relação de ajuda mútua que possuem uns com os outros, seja no dia-a-dia – ao compartilhar um varal de roupa, ou ao utilizar um único telefone público existente para todos, ou ainda para tomar conta das crianças que brincam na rua – seja em situações de extrema necessidade, todos estão sempre prontos a ajudar. Nas comunidades populares, as pessoas parecem estar cientes das

¹⁰² SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 35.

dificuldades enfrentadas para sobreviver e entendem a importância de cooperar uns com os outros (ver fotos 1.3 e 1.4).



Foto 1.3 – Varal de roupa comunitário nos espaços livres da ZEIS.
Fonte: a autora, 2008.



Foto 1.4 – Crianças brincando nas ruas da ZEIS sendo observadas pelos vizinhos.
Fonte: a autora, 2009.

Em comunidades mais pobres, caracterizadas pela pequena dimensão das habitações, os espaços livres públicos ainda subsistem como áreas insubstituíveis para a expressão da vida coletiva (CARACAS, 2002)¹⁰³. As comunidades mais pobres dos assentamentos populares continuam cultivando a praça, a rua e a esquina como lugares de encontro. Segundo Magalhães (2002)¹⁰⁴, elas “preservam a idéia do público em contraposição à atual tendência de hipertrofiar o privado (nos condomínios e suas redes internas de abastecimento, centros comerciais etc)”.

Se por um lado a favela preserva uma sociabilidade que recorda a vida rural idealizada com a criação de porcos, galinhas e vacas, como estratégia de subsistência, nos remetendo à ZEIS do Poço, por outro, ao contrário do isolamento e dos grandes espaços rurais, nela a contigüidade facilita o convívio regular, ou seja, reforça a convivência. A dificuldade da incorporação à cidade formal sublinha a necessidade de laços de solidariedade. As relações humanas nas comunidades populares refletem com nitidez as estratégias de subsistência.

A favela é uma complexa e dinâmica organização social concreta. Surge da adaptação da pobreza à necessidade de subsistir no vácuo do estado social. Segundo Magalhães (2002)¹⁰⁵, “os estratos pobres inventam um território e constroem suas instituições”. Nele, existe “intensa troca de informações, favores e proteção recíproca.

¹⁰³ CARACAS, L. B. Op. Cit., 2002, p. 10.

¹⁰⁴ MAGALHÃES, S. “Sobre a cidade. Habitação e democracia no Rio de Janeiro”. São Paulo: Pro Editores, 2002, p.02.

<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha040.asp>

¹⁰⁵ MAGALHÃES, S. Op. Cit., 2002, p. 02.

Pelas relações de vizinhança, é possível reduzir a vulnerabilidade às oscilações do fluxo de renda monetária”.

É intenso o sentimento de importância do público na cultura favelada. O jardim é privado e a praça é pública. Esta dicotomia é essencial à cidade. Na favela, o jardim, se existe, é minúsculo. Porém, o favelado valoriza a cultura da praça, que se desenvolve na ausência do jardim. O popular utiliza como praça tudo que não é sua residência essencial: a viela, a escadaria, a barra da birosca são as praças de seu território. A viela é um lugar de encontro. Inicialmente foi acesso a uma residência; pelo uso e por convenções não escritas, tornou-se pública. “Na favela, é visível a importância do espaço aberto para o padrão de vida popular. O privado interpenetra o público” (MAGALHÃES, 2002)¹⁰⁶. De acordo com Gehl e Gemzoe (2002):

“O espaço público sempre foi lugar de encontro, de comércio e de circulação (...) lugar de reunião de pessoas, lugar onde trocavam informação sobre a cidade e a sociedade, lugar onde eventos importantes foram encenados.”

GEHL ;GEMZOE (2002)¹⁰⁷

Os espaços livres públicos da ZEIS do Poço da Panela não fogem a essa regra, em geral, são os espaços onde os moradores se reúnem para exercer a cidadania através da sociabilidade apreendida no cotidiano das pessoas, é também nesses espaços onde se cria a identidade local e a ZEIS passa a existir com um caráter próprio para os moradores, e apesar da sociedade contemporânea estar cada dia mais voltada para os espaços privados, a população de baixa renda parece não modificar a forma de interagir com o espaço público e continua a utilizá-lo em seu dia-a-dia.

Nos assentamentos populares, portanto, os espaços livres existentes ainda possuem esse caráter de “público”, como lugar de encontro, troca de idéias e informações, e ainda é nesses espaços livres onde os principais eventos da comunidade são realizados. O que não garante o caráter de “público” a esses espaços livres é, portanto, a não acessibilidade de todos – visto aqui como os não-moradores – devido à existência de territórios demarcados nessas áreas. A formação de territórios é um dos processos que surgem dificultando essa integração na cidade contemporânea que abriga cada vez mais uma heterogeneidade de indivíduos com identidades e níveis sociais distintos.

Vimos, portanto, que a base da sociedade está nas interações dos seus membros, isto é, na sociabilidade, e esta se dá, principalmente, nos espaços livres

¹⁰⁶ MAGALHÃES, S. Op. Cit., 2002, p. 02.

¹⁰⁷ GEHL, J; GEMZOE, L. “Novos espaços urbanos”. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002, p. 10.

públicos onde os indivíduos podem se encontrar e interagir livremente. Neste contexto, é de suma importância estudar as relações sócio-espaciais que se estabelecem nos espaços livres dos assentamentos populares, em especial, na ZEIS do Poço da Panela, identificando as territorialidades existentes nestes espaços, visando caracterizar a sociabilidade dos mesmos através da interação entre os indivíduos, a fim de verificar se esses espaços possuem caráter efetivamente “público”.

Abordaremos no capítulo 2 a seguir, o “percurso metodológico”, a fim de esclarecer de que maneira foi realizada a presente pesquisa, bem como os métodos de análises utilizados para a sua concretização.

CAPÍTULO 2

PERCURSO METODOLÓGICO

Ao iniciar a pesquisa, havia uma série de questionamentos que surgiram a partir do momento em que o tema passou a ser desenvolvido. O intuito era o de se fazer uma análise dos espaços livres existentes nos assentamentos populares utilizando como estudo de caso a ZEIS do Poço da Panela, localizada na Cidade do Recife, a fim de verificar se esses espaços livres são efetivamente espaços de sociabilidade.

Para a presente investigação, foi adotado um caminho em forma de espiral (DE LA MORA, 2007)¹⁰⁸, com uma constante ida e vinda do objeto empírico e da base teórica da pesquisa, ou seja, partiu-se do empírico, baseado na realidade vivenciada, buscando em seguida um aprofundamento teórico, e posteriormente, voltou-se ao empírico, para comprovar através do estudo de caso, as hipóteses levantadas, fazendo a ligação entre a teoria apreendida e o que foi observado em campo, que permitiram responder as indagações feitas na fase inicial do trabalho. Pode se dizer, portanto, que a elaboração de uma pesquisa é um processo que se retroalimenta na relação da construção e desenvolvimento entre o objeto empírico e a teoria, que se dá em uma constante ida e volta. O desenvolvimento e aprimoramento desta dissertação ocorreram exatamente desta forma (ver figura 2.1).

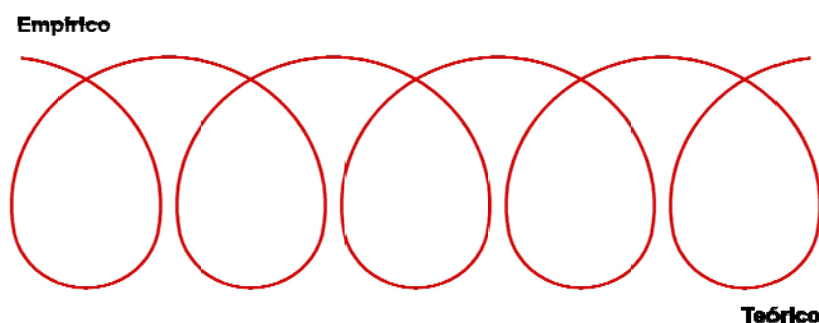


Figura 2.1 – Caminho da pesquisa.
Fonte: a autora, 2008.

¹⁰⁸ DE LA MORA, L. "Introdução à Construção do Conhecimento Científico" Apostila da disciplina. Recife, 2007.

2.1. UNIVERSO DE ESTUDO

Como já evidenciado, esta investigação foi desenvolvida no bairro do Poço da Panela, área considerada de alto padrão na cidade do Recife, e mais especificamente, em um trecho dele: na ZEIS do Poço da Panela e seu entorno imediato. A pesquisa consistiu em analisar os espaços livres existentes dentro da própria ZEIS, e ainda alguns espaços livres públicos de seu entorno, que são constantemente utilizados e apropriados pelos moradores do assentamento, sendo considerados praticamente espaços livres pertencentes à ZEIS.

Para chegar a este estudo de caso, foi realizado um levantamento dos assentamentos populares existentes na cidade do Recife que poderiam ser usadas como estudo de caso para a realização do trabalho. A escolha da ZEIS do Poço da Panela como estudo de caso a ser utilizado na dissertação deu-se devido aos seguintes critérios:

- (1) O primeiro critério estabelecido foi o de se escolher um assentamento popular consolidado através de um plano urbanístico executado pela Prefeitura da cidade do Recife – PCR – e urbanizado, ou seja, o local de estudo deveria ser uma Zona Especial de Interesse Social, uma ZEIS. O que já reduziu o número de possibilidades para sessenta e um¹⁰⁹, que é a quantidade de ZEIS existentes na cidade do Recife.
- (2) O segundo critério seria o da pluralidade dos espaços públicos encontrados nesta ZEIS. Isso diz respeito ao estudo em si, quanto à variedade de espaços livres encontrados – campos de peladas, largos de igrejas, margens de rios, praças etc. Assim, deixamos de lado as áreas ZEIS que não possuíam essa diversidade.
- (3) Por fim, foi escolhida uma área de características bem específicas – como o fato da área ser bastante segregada da cidade que a rodeia – enfim, uma área de um assentamento popular com uma população mais pobre inserido em um bairro cuja população possui nível de renda médio-alto e alto.

O primeiro contato com os espaços livres inseridos nessa realidade social foi fundamental para definir os próprios caminhos a serem percorridos na pesquisa, bem como os métodos a serem adotados. Partimos, então, para a teoria servindo de aporte a essa nova etapa do trabalho, identificando conceitos a serem utilizados e os métodos para dar continuidade ao trabalho.

¹⁰⁹ Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano da Cidade do Recife de 2005, 61 é o total de ZEIS existentes na cidade.

2.2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com MINAYO (2004)¹¹⁰, para se tornar possível a realização de um estudo deve-se obter como suporte um conhecimento prévio, construído por outros estudiosos e que lançam luz sobre a questão de nossa pesquisa, a teoria. Esta é construída de modo a “explicar ou compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos”. Desta maneira, o estudo teórico foi evoluindo na pesquisa.

São três os fundamentos teóricos relevantes sobre o tema pesquisado: o primeiro diz respeito ao conceito de espaço livre público, o segundo ao conceito de território, principal base de análise para se saber se determinado espaço é público ou não, a partir do estudo de suas dimensões (apropriação social, identidade, acessibilidade e limite), visando aferir, o terceiro fundamento teórico, a ocorrência da sociabilidade.

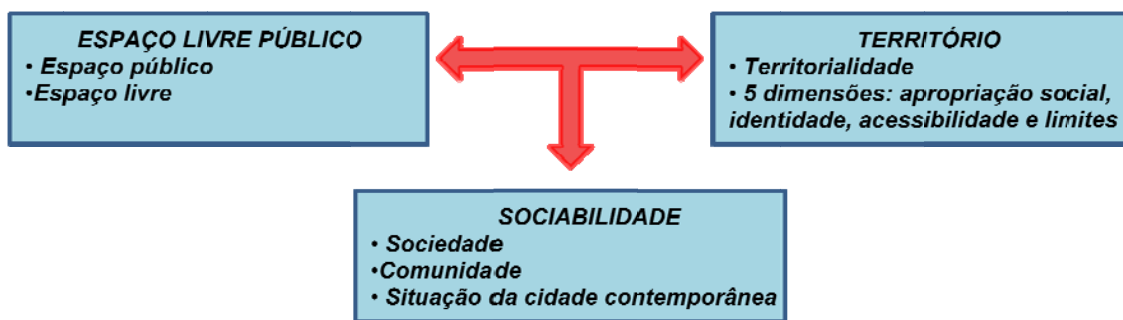


Figura 2.2 – Os três fundamentos teóricos da dissertação. Fonte: a autora, 2008.

Neste estudo, buscou-se associar os fundamentos do conceito de espaço livre público, segundo a corrente de pensamento voltada para o Urbanismo – recorrendo a obras de geógrafos, economistas, sociólogos e filósofos como Albernaz (2004)¹¹¹, Serpa (2007)¹¹², Habermas (1983)¹¹³, Arendt (2003)¹¹⁴, Sá Carneiro e Mesquita (2000)¹¹⁵, e o conceito de território, somando-se aos autores já citados, outros como Sack (1979)¹¹⁶, Souza (1995)¹¹⁷ e Gomes (2002)¹¹⁸.

¹¹⁰ MINAYO, M. C. S. "Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes. 2004.

¹¹¹ ALBERNAZ, P. Op. Cit., 2004.

¹¹² SERPA, A. Op. Cit., 2007.

¹¹³ HABERMAS, J. Op. Cit., 1983.

¹¹⁴ ARENDT, H. Op. Cit., 2003.

¹¹⁵ SÁ CARNEIRO, A. R; MESQUITA, L. Op. Cit., 2000.

¹¹⁶ SACK, R. D. Op. Cit., 1979.

¹¹⁷ SOUZA, M. L. de. Op. Cit., 1995.

¹¹⁸ GOMES, P.C.C. G. Op. Cit., 2002.

Para o conceito de sociedade e comunidade trabalhamos os autores Lakatos e Marconi (2008)¹¹⁹, autores do livro "sociologia Geral", sobre sociologia e seus principais teóricos, Tönnies (1942 e 1947)¹²⁰, Radbruch (1974)¹²¹ e Weber (1963)¹²², sendo estes os principais contribuintes das idéias aqui lançadas. Finalmente, o conceito de sociabilidade foi trabalhado com a utilização de Simmel (1983)¹²³, Frúgoli (2007)¹²⁴, Jacobs (2001)¹²⁵ e Dos Santos (1985)¹²⁶.

O trabalho visa aferir a existência da sociabilidade nos espaços livres da ZEIS do Poço da Panela, a fim de identificar se estes possuem caráter público, a partir da análise das territorialidades existentes, visando conferir a sociabilidade nos mesmos. Assim, para analisar inicialmente o território correspondente à ZEIS do Poço da Panela, utilizamos quatro dimensões que caracterizam as territorialidades no mesmo:

- (1) Apropriação social: se os indivíduos de determinado território se apropriam do mesmo;
- (2) Identidade: se esses indivíduos se identificam com os territórios em que estão inseridos;
- (3) Acessibilidade: tanto física quanto simbólica ao território e aos micro-territórios da ZEIS e de seu entorno;
- (4) Limites: ou barreiras tanto físicas quanto simbólicas que permitem ou não a acessibilidade a este território.

Vale ressaltar, no que se refere a estas quatro dimensões definidoras de um território, que todas elas são relacionadas entre si, e uma é quase como a continuação ou consequência da outra. Assim, a identidade com um determinado território se dá a partir da apropriação social do mesmo e a falta de acesso se dá a partir da criação de limites. Portanto, analisamos separadamente a fim de detalhar mais cada uma de per si, e em algumas ocasiões foi preciso cruzá-las, a fim de ter um resultado mais eficaz.

Ainda, dentro do território formado pela ZEIS do Poço da Panela, consideramos que existem micro-territórios formados pela comunidade que mora na área e neles, existem algumas aglomerações de pessoas no que consideramos espaços livres do assentamento. Com o intuito de fazer uma comparação entre os espaços livres inseridos na ZEIS do Poço da Panela com os espaços livres públicos situados em seu

¹¹⁹ LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Op. Cit., 2008.

¹²⁰ TÖNNIES, F. Op. Cit., 1942. E TÖNNIES, F. Op. Cit., 1947.

¹²¹ RADBRUCH, G. Op. Cit., 1974.

¹²² WEBER, M. Op. Cit., 1963.

¹²³ SIMMEL, G. Op. Cit., 1983.

¹²⁴ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007.

¹²⁵ JACOBS, J. Op. Cit., 2001.

¹²⁶ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985.

entorno de 300 metros também utilizados pelos moradores da ZEIS, consideramos 3 graus de sociabilidade existentes nesses espaços:

- (1) Sociabilidade entre os residentes do mesmo assentamento popular, da mesma categoria sócio-econômica, segundo a idade e o gênero;
- (2) Sociabilidade entre os residentes do assentamento com residentes de outros assentamentos populares de nível sócio-econômico similar;
- (3) Sociabilidade entre os residentes do assentamento e os residentes no entorno de nível social, econômico e cultural diferente.

Como categoria de análise da utilização dos espaços livres, usamos a permanência das pessoas nesses espaços. Para isto tivemos como referências três variáveis com seus respectivos indicadores:

- (1) Variável: Intensidade de utilização. Indicadores: Percentual da população residente que usa os espaços livres, sua frequência da utilização e a duração da utilização;
- (2) Variável: Modalidade de utilização. Indicadores: é o tipo de atividade; Algumas atividades que em condições normais deveriam ser realizadas no espaço privado, mas devido à exigüidade dos espaços, são realizadas no espaço livre: *Domésticas* (lavar e estender roupa, cozinhar); *Produtivas*: oficina mecânica, loja, restaurante, bar; e ainda, atividade realizadas especificamente em espaços livres públicos: *Desportivas e/ou lúdicas* (Jogos, descanso, passeio), *Convivência* (conversar), *Passeio e/ou contemplação*, *Festivas* (São João, Carnaval), *Culturais e/ou turísticas* (apresentações sociais, peças de teatro, recitais de música), *Organizativas comunitárias*, *Políticas e/ou Religiosas* (assembléias para discutir problemas do assentamento e da cidade em geral, realização de cultos, batizados, casamentos). Outro indicados é tipo de uso existente nestes espaços, podendo ser *individual* (ler, tomar sol, passear); ou *coletivas* (conversar, jogar bola);
- (3) Variável: Exclusividade de utilização. Indicadores: Exclusivo para os residentes locais, residentes de outros assentamentos populares, residentes de áreas de mais alto padrão como aqueles do próprio bairro onde está inserida a ZEIS. Esta variável é essencial para a pesquisa, que visa identificar os usuários dos territórios e micro-territórios existentes na ZEIS do Poço da Panela, bem como analisar o caráter exclusivo ou não das suas utilizações.

A fim de melhor esclarecer as categorias de análises, suas variáveis e seus indicadores, tanto quantitativos, quanto qualitativos, construímos a tabela abaixo (ver tabela 2.1):

Categorias de Análise	Variáveis	Indicadores quantitativos e qualitativos
Intensidade de utilização	Percentual da população que usa o espaços livres	(a) Quantidade de pessoas que usam o espaços livres em relação ao total
	Frequência de utilização	(a) Quantidade de vezes que a pessoa utiliza o espaços livres
	Duração da utilização,	(a) Tempo de permanência
Modalidade de utilização	Tipos de uso	(a) Normalmente realizadas em espaços privados: Domésticas, Produtivas, Lazer individual, (b) Desportivas e/ou lúdicas, Convivência, Passeio e/ou contemplação, Festivas, Culturais e/ou turísticas, Organizativas, políticas e Religiosas
	Tipos de atividades	(a) Individual (b) Coletivo
Exclusividade da utilização	Identidade dos frequentadores	(a) Exclusivamente residentes locais, (b) Residentes de outros assentamentos de baixa renda, (c) Residentes de assentamentos de padrão mais alto

Tabela 2.1 – Tabela das variáveis de utilização dos espaços livres. Fonte: a autora, 2009.

Como procedimentos metodológicos, foram utilizados, simultaneamente e de forma a se complementarem mutuamente, a pesquisa qualitativa e a quantitativa, pois, segundo os diversos autores de metodologia consultados, qualquer pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, qualitativa e quantitativa, pois elas não representam oposição uma à outra, muito pelo contrário, se complementam. Com a escolha de ambos os métodos quantitativo e qualitativo, a partir dos resultados obtidos, foram geradas algumas tabelas, possibilitando a sistematização da intensidade, do modo de utilização e da exclusividade dos espaços livres da ZEIS do Poço da Panela e dos espaços livres públicos de seu entorno.

“O conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.”

MINAYO (2004)¹²⁷

De acordo com Richardson (2007)¹²⁸, a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo emprego de quantificação tanto na fase de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de gráficos e tabelas. Contudo, apesar desse tipo de abordagem permitir maior precisão, é uma abordagem que acaba separando o fato

¹²⁷ MINAYO, M. C. S. Op. Cit., 2004.

¹²⁸ RICHARDSON, R. J. “Pesquisa social. Métodos e técnicas”. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2007.

pesquisado e o pesquisador (OLIVEIRA, 2005)¹²⁹. Assim, para complementar e dar um maior embasamento aos resultados obtidos, utilizamos a pesquisa qualitativa.

Recorremos à pesquisa qualitativa por esta levar em conta a questão mais subjetiva, do sentimento de apropriação e de identificação com o território, das relações estabelecidas e das estruturas sociais, sendo estas vistas por Minayo (1993)¹³⁰ como construções humanas significativas. A utilização da pesquisa qualitativa é importante neste trabalho, pois este se encontra intrinsecamente relacionado com a realidade social, e dessa forma, privilegiamos os sujeitos, buscamos apreender em suas falas, as idéias e os sentimentos que elaboram em relação aos espaços livres que utilizam, o que possibilitou um entendimento sobre a realidade a partir do sujeito, usuário desses espaços.

Investigar os espaços livres sem considerar os usuários, ou mesmo apenas apresentando-os em índices quantitativos, proporcionaria uma análise que, seguramente teria seu valor, mas, entendemos que ouvir os sujeitos, usuários desses espaços, proporcionaria uma riqueza peculiar à investigação, afinal, somente desta forma, conseguiríamos uma apreensão total dos espaços livres destacados. O que se quer é privilegiar a comunicação sobre a vida cotidiana na ZEIS, identificando quais os espaços livres mais utilizados, e segundo Minayo (1993)¹³¹ o material privilegiado de comunicação na vida cotidiana é a palavra.

Então, entre os dados quantitativos foram sistematizados os elementos mais objetivos ligados ao espaço livre: a intensidade, a modalidade e a exclusividade da utilização, e alguns elementos ligados à territorialidade, como a acessibilidade e os limites físicos do território, já citados previamente. Na análise qualitativa foram trabalhados os elementos considerados mais subjetivos, ainda ligados à territorialidade: a acessibilidade e os limites simbólicos, a apropriação do espaço e a identificação com o mesmo, e ainda elementos ligados à sociabilidade: as relações estabelecidas entre os diferentes usuários dos espaços livres. Entretanto, os dados quantitativos e qualitativos terminaram por se complementar, e com a mescla dos dois, chegamos ao objetivo final do trabalho.

¹²⁹ OLIVEIRA, M. M. "Como fazer pesquisa qualitativa". Recife: Bagaço. 2005.

¹³⁰ MINAYO, M. C. S. "O desafio do conhecimento". São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

¹³¹ MINAYO, M. C. S. Op. Cit., 1993.

	Dados objetivos	Dados subjetivos
Ligados ao espaço livre	Intensidade de utilização dos espaços livres Modalidade de utilização dos espaços livres Exclusividade de utilização dos espaços livres	_____
Ligados à territorialidade	Acessibilidade física do território Limites físicos do território	Acessibilidade e limite simbólicos Apropriação do território Identificação com o território
Ligados à Sociabilidade	_____	Relações estabelecidas entre os diferentes no espaço livre

Tabela 2.2 – Dados objetivos e subjetivos da pesquisa. Fonte: a autora, 2008.

De modo a alcançar os objetivos pretendidos neste trabalho, e com leituras de um referencial teórico-conceitual relacionado às temáticas tratadas, para o estudo da parte empírica da pesquisa, foi adotado como método de pesquisa o “estudo de caso”. De caráter analítico e explanatório, baseado nos trabalhos de Yin (2005)¹³² e George e Bennet (2004)¹³³, tratando desde a definição do problema, da montagem do projeto, da coleta e análise de dados, até a conclusão.

Para possibilitar o estudo profundo e bem detalhado dos espaços livres, tornou-se necessária a escolha de uma área específica como estudo de caso que deveria ser um caso típico que expressasse bem o objeto que estamos pesquisando – os espaços livres utilizados pelos moradores dos assentamentos populares – e que servisse como uma aproximação à generalização dos demais espaços livres existentes nos assentamentos da cidade que se caracterizam por estarem inseridos em um bairro onde a maior parte dos moradores são de nível de renda média e alta. Foi escolhido como estudo de caso, portanto, a ZEIS do Poço da Panela, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo.

“Este delineamento se fundamenta na idéia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa.”

GIL (1995)¹³⁴

¹³² YIN, R. K. “Estudo de caso: planejamento e método”. Porto Alegre: Bookman. 2005.

¹³³ GEORGE, A. L. e BENNET, A. “Case studies and theory development in the social sciences”. Cambridge: BCSIA – Harvard University. 2004.

¹³⁴ GIL, A. C. “Métodos e técnicas de Pesquisa social”. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1995.

2.3. TRABALHO DE CAMPO

Para se identificar o que seria estudado dos espaços livres, realizaram-se algumas visitas ao estudo de caso selecionado, buscou-se identificar os espaços livres utilizados pelos moradores desse assentamento e de que maneira eram utilizados. Essas visitas foram feitas utilizando como método a observação direta. Esse tipo de análise da área através da observação é essencial e constitui um aporte de grande contribuição, possibilitando o desenvolvimento do estudo, pois “a observação é um elemento fundamental para a pesquisa e é sempre utilizada na coleta de dados e em vários momentos posteriores, chegando assim, a ser considerada como método de investigação” (GIL, 1995)¹³⁵.

Foram tiradas diversas fotos na área para serem posteriormente analisadas e houve ainda algumas conversas informais com os usuários dos espaços livres. Estes, em sua grande maioria, estavam desinibidos e ficavam mais a vontade pelo fato de não haver nenhum equipamento de gravação ou mesmo papel e caneta, e passavam horas conversando. As conversas aconteceram de maneira natural sem que o assunto fosse abordado de forma direcionada, na intenção de entender um pouco mais a realidade de quem vive na área e a sua relação com os espaços livres e públicos aí existentes.

2.3.1. Observação Direta

A partir das conversas informais, descobrimos os espaços livres – tanto os potenciais quanto os públicos – mais utilizados. Assim, demos início à observação direta, que foi ainda mais direcionada devido a essas conversas, e consistiu na primeira parte da pesquisa quantitativa. Com o preenchimento de um “Diário de Campo” (ver “Diário de Campo” em anexo) formulado para essa etapa, conseguimos os resultados ligados às variáveis: Intensidade de utilização, modalidade de utilização e exclusividade de utilização dos espaços livres mais relevantes, escolhidos devido ao seu maior tamanho e sua maior utilização. Os espaços livres escolhidos foram:

- (1) O campo de pelada – espaço livre localizado no interior do assentamento;
- (2) O pátio da igreja – espaço livre público localizado no limite entre o assentamento e o bairro do Poço;
- (3) A pracinha do Amor – espaço livre público localizado no exterior do assentamento, há aproximadamente 300 metros de distância da área da ZEIS.

¹³⁵ GIL, A. C. Op. Cit., 1995.

É preciso ressaltar que os espaços livres públicos analisados são os mais utilizados pelos moradores da ZEIS do Poço da Panela, e extrapolam os limites dela, sendo localizados ainda no bairro do Poço da Panela, e serão usados como comparativo a ser aferido.

A análise foi feita, portanto, da seguinte forma: para dar mais validade à observação direta, determinamos períodos de tempo para observar os espaços livres. Toda a observação era registrada no citado “Diário de Campo” (MINAYO, 1993)¹³⁶ para serem tabulados posteriormente. Observamos os espaços livres em momentos e dias diversos, no intuito de perceber aspectos de sua realidade.

Optamos por analisar dois dias diferentes da semana: um dia que representasse a rotina mais restrita dos usuários dos espaços livres e um dia representativo do fim de semana, no qual os usuários estariam mais livres. Escolhemos, portanto, um dia durante a semana (quinta-feira) e um dia no final de semana (domingo), e em cada um desses dias, escolhemos um período de análise pela manhã (das 9:00 às 11:00) e um período de análise pela tarde (das 15:00 às 17:00), buscando observar as seguintes variáveis, para quantificar:

- (1) Identificação dos usuários dos espaços livres: gênero, faixa etária e faixa de renda;
- (2) Modalidade de usos dos espaços livres: atividades exercidas;
- (3) Tempo de permanência e frequência nos espaços livres: tempo que os usuários permanecem;
- (4) Relações estabelecidas entre os usuários dos espaços livres.

Vale lembrar que essas variáveis foram verificadas por nós através da observação direta, sem contato algum com os usuários, e estão absolutamente ligadas às variáveis de utilização dos espaços livres (mostradas anteriormente na tabela 2.1).

No primeiro item, analisamos o gênero dos usuários do espaço livre, podendo este ser masculino ou feminino. Para verificar a faixa etária, subdividimo-a em bebê (de 0 a 2 anos), criança (de 3 até 12 anos), adolescente (de 13 até 19 anos), adulto (de 20 até 59 anos) e idoso (a partir de 60 anos). A faixa de renda foi analisada de acordo com a proveniência do indivíduo, sua aparência, como estava vestido e se estava vindo da ZEIS ou de fora dela.

¹³⁶ MINAYO, M. C. S. Op. Cit., 1993.

Já para a verificação do segundo item, criamos uma tabela de modalidades de usos e de atividades exercidas. As atividades foram classificadas em oito categorias: domésticas, produtivas, desportivas e/ou lúdicas, convivência, passeio e/ou contemplação, festivas, culturais e/ou turísticas, organizações comunitárias, políticas e/ou religiosas. A partir dessa análise de usos, subdividimos os mesmos em atividades individuais e coletivas.

O terceiro item foi equacionado anotando a hora de chegada e de saída dos usuários do espaço livre e a quarta e última, se deu pela observação da própria pesquisadora, dos grupos que se formavam no dia a dia. Com esses quatro itens verificados através da observação direta, conseguimos averiguar a intensidade de utilização, a modalidade de utilização e a exclusividade de utilização dos espaços livres, como havíamos proposto inicialmente.

Até essa etapa, estávamos trabalhando apenas com os espaços livres da ZEIS do Poço da Panela em relação aos territórios – posteriormente denominados de micro-territórios – existentes nela. No entanto, após algumas conversas informais, sentimos a necessidade de expandir nossa análise para um raio de mais 300 metros do limite do assentamento, porque notamos que alguns espaços livres bastante utilizados pelos moradores da ZEIS iriam ficar de fora da pesquisa.

Visando a verificação dos usos, terminada a primeira etapa da pesquisa direta, voltamos ao assentamento para analisar o território da ZEIS como um todo. Nessa etapa, trabalhamos em duas escalas: os espaços livres da ZEIS e de seu entorno imediato, bem como os micro-territórios formados por eles, e em outra escala, trabalhamos o território maior formado pela própria ZEIS.

Na segunda etapa da pesquisa direta analisamos este território com relação à acessibilidade e aos limites do território, mais ligado à morfologia da área. Analisamos a acessibilidade através das ruas de acesso ao assentamento e conseqüentemente aos espaços livres inseridos nele, caracterizando-as fisicamente; e os limites, analisamos através das mudanças nas tipologias construtivas entre as casas do bairro do Poço da Panela, e as das ZEIS, mudando o tamanho do lote, o material de construção das casas, o partido arquitetônico e a área construída, bem como as calçadas e os equipamentos urbanos existentes.

2.3.2. Questionário semi-estruturado

Além da observação direta e das seqüências fotográficas, outro instrumento de coleta de dados foi utilizado: o questionário semi-estruturado (ver “questionário semi-estruturado” em anexo). A escolha desse tipo de questionário deu-se pelo fato de que entre os diversos instrumentos de coleta de dados existentes que podem ser utilizados para obter informações acerca de grupos sociais, eles cumprem com excelência pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social (RICHARDSON, 2007)¹³⁷.

Esse tipo de questionário foi o que melhor se adequou a nossa pesquisa, pois combina tanto perguntas abertas quanto fechadas. Segundo Richardson (2007)¹³⁸, as perguntas fechadas são, geralmente, destinadas a obter informação sócio-demográfica do entrevistado – sexo, escolaridade, idade, etc – e resposta de identificação de opiniões – sim-não –, e as perguntas abertas, destinadas a aprofundar as opiniões do entrevistado, dando mais liberdade ao mesmo na elaboração de suas próprias respostas. Cada tipo de pergunta tem suas vantagens: as fechadas são mais fáceis de codificar, no entanto, as abertas dão possibilidade a mais informações e a um conhecimento mais aprofundado do assunto.

Com o questionário, buscamos os dados qualitativos da pesquisa, a acessibilidade e os limites simbólicos e a apropriação e identificação do território, todas ligadas à territorialidade, assim como as relações estabelecidas entre os diferentes usuários dos espaços livres. Principalmente, almejávamos descobrir com que frequência, para que e para onde saem os moradores da ZEIS quando saem dos limites da área.

O roteiro do questionário semi-estruturado foi traçado tendo em vista os objetivos da pesquisa. Inicialmente, deu-se a caracterização do entrevistado a partir do nome, local de residência na ZEIS e tempo em que mora na mesma, bem como o gênero e a faixa etária aos quais pertencem. O local de trabalho ou estudo também foi levado em conta, a fim de averiguar se há muitos moradores da ZEIS que trabalham ou estudam no próprio bairro do Poço da Panela ou em seus arredores, fazendo existir desta forma, algum tipo de interação entre os moradores do assentamento e seus vizinhos que moram no restante do bairro.

¹³⁷ RICHARDSON, R. J. Op. Cit., 2007.

¹³⁸ RICHARDSON, R. J. Op. Cit., 2007.

Posteriormente, o roteiro do questionário semi-estruturado se direcionou para as práticas cotidianas exercidas nos espaços livres ou públicos utilizados pelos entrevistados, bem como a sociabilidade existente entre eles e os demais usuários dos espaços mencionados. Almejamos saber que tipos de usos são exercidos nos espaços livres da ZEIS, com que frequência os moradores saem da área, para que o fazem, e ainda, se estes preferem frequentar esses espaços ou outros locais da cidade e por quê.

Por fim, a última parte do questionário diz respeito ao território formado pela ZEIS do Poço da Panela especificamente. Com perguntas mais subjetivas, buscamos identificar nos depoimentos dos moradores, citações que apontassem a apropriação e a identidade deles com a área na qual moram, bem como com os espaços livres utilizados.

Nossa postura era de escuta e observação, porém quando os sujeitos aparentavam não terem mais o que conversar ou ficavam em silêncio, resgatávamos alguns tópicos do roteiro. Inclusive novas questões eram inseridas de acordo com o contexto de cada entrevista. O tempo de duração das entrevistas não foi estipulado previamente.

Outro ponto a ser destacado trata de como contatamos os moradores da ZEIS a serem entrevistados a partir do questionário semi-estruturado. Estes foram abordados ora nos espaços livres da ZEIS, ora nos espaços livres públicos de seu entorno. Buscamos abordar as pessoas em seus momentos de lazer, quando estavam utilizando os espaços que queríamos analisar e esse fato foi um facilitador de nossa pesquisa, pois a maioria das pessoas estava mais disposta a conversar e responder nossas perguntas.

A amostra que utilizamos para a aplicação do questionário foi a aleatória. Este tipo de amostra, segundo Barbetta (2002)¹³⁹, “é aquela que surge de um procedimento de seleção de um grupo de elementos de modo tal que dá a cada elemento da população uma probabilidade de inclusão na amostra calculável e diferente de zero”. Ou seja, neste tipo de amostra, cada elemento da população tem uma probabilidade conhecida de ser escolhido. Para a ZEIS do Poço da Panela, cujos dados mais recentes provêm do Posto de Saúde da área e mostram uma população com 810 habitantes, deve-se calcular da seguinte forma:

¹³⁹ BARBETTA, P. A. “Métodos estatísticos”. Capítulo 3: “Estatística aplicada às ciências sociais”. Santa Catarina, 2002.

Fórmula para cálculo do tamanho da amostra:

- N = Tamanho da população
- E_0 = erro amostral tolerável
- n_o = primeira aproximação do tamanho da amostra
- n = tamanho da amostra

$$n_o = \frac{1}{E_0^2}$$

$$n = \frac{N \cdot n_o}{N + n_o}$$

Para a ZEIS do Poço da Panela:

- N = 810 pessoas
- E_0 = 10% = 0,10
- $n_o = \frac{1}{0,10^2} = 100$
- $n = \frac{810 \cdot 100}{810 + 100} = 89,02$

Sendo o “ n ” o tamanho da amostra igual a 89,02, significa que o número de questionários a serem aplicados deve ser de 89,02, ou seja 90. Portanto, um número superior aos 10% que teríamos calculado diretamente tendo por base a quantidade de moradores da ZEIS.

Tendo o número de questionários a serem aplicados, subdividimos a ZEIS em quatro grupos, identificados a partir das conversas iniciais, nas quais verificamos a existência de quatro micro-territórios inseridos na ZEIS:

- (1) O grupo dos que moram próximos à Igreja Nossa Senhora da Saúde e à Estrada Real do Poço;
- (2) O grupo dos que moram próximos à Rua Irmã Maria da Paz;
- (3) O grupo dos que moram na área que é denominada de “sítio”, com menos casas do que a abrangência dos outros grupos;
- (4) E o grupo dos que moram na Vila, construída posteriormente, há pouco mais de uma década.

Dessa maneira, nossa amostragem passou a ser, além de aleatória, estratificada. Esse tipo de amostra é especificamente usado em casos como este da ZEIS do Poço da Panela, “na qual a população divide-se em sub-populações (estratos) razoavelmente homogêneos” (BARBETTA, 2002)¹⁴⁰.

¹⁴⁰ BARBETTA, P. A. Op. Cit., 2002.

A amostragem estratificada consiste em se especificar quantos itens da amostra serão retirados de cada estrato. Portanto, além da formação dos quatro grupos, levamos em consideração também a faixa etária: se o morador era criança, adolescente, adulto ou idoso, e ainda, o gênero: feminino ou masculino. A fim de ter um resultado equilibrado, não tendencioso e satisfatório. Assim, os resultados dos 90 questionários foram respondidos por grupos homogêneos, vistos na tabela a seguir:

Moradores que responderam ao questionário semi-estruturado		
Quanto local de residência (grupo a que pertencem)	Quanto à faixa etária	Quanto ao gênero
23 moram próximos à Igreja e à Estrada Real do Poço	20 são crianças	45 são do sexo masculino
23 moram próximos à Rua Irmã Maria da Paz	20 são adolescentes	
21 moram no Sítio	37 são adultos	45 são do sexo feminino
23 moram na Vila, próximo à Rua Marechal Bittencourt	13 são idosos	

Tabela 2.3 – Amostragem do questionário semi-estruturado. Fonte: a autora, 2008.

Terminamos por trabalhar mais com adultos, por serem quem mais satisfaziam às respostas dos questionários. As crianças, em geral, não se expressavam bem, mas se apegavam fácil e algumas delas nos acompanhavam durante o dia inteiro, os adolescentes, em sua maioria, eram um pouco apressados, mas bastante solícitos. Já os idosos, por não saírem muito das frentes de suas casas, não podiam falar muito sobre os espaços livres existentes na área, porém gostavam de contar as histórias de quando eram mais jovens e como o assentamento havia mudado, e esses relatos também resultaram interessantes. E assim, fomos tendo a idéia geral que queríamos conseguir, de entender como era a vida de cada morador para entender seu dia-a-dia e a utilização dos espaços livres da área.

No decorrer da pesquisa dificuldades surgiram. Lembramos quando, no momento da primeira aproximação com a área, os usuários dos espaços livres existentes no assentamento ficaram desconfiados, precisando ser conquistados. A reação era natural, afinal o desrespeito, a urgência de realizar muitas atividades em pouco tempo e o individualismo, muitas vezes permeiam as relações entre as pessoas na contemporaneidade. As pessoas não se preocupavam muito em dar atenção, ou não tinham muito interesse em parar suas atividades. Mas as tentativas se seguiram e pouco a pouco uma rede de relações foi se configurando, o que possibilitou que conversas mais longas, fundamentais nesta pesquisa, pudessem ser realizadas com tranquilidade.

A disponibilidade e a dinâmica no momento da entrevista a partir do questionário foram os determinantes de tempo de diálogo, porém em sua maioria, durou em média, meia hora. As entrevistas a partir da aplicação dos questionários, bem como a observação direta que ocorreu previamente, foram realizadas entre os meses de maio de 2008 e janeiro de 2009 e foram cuidadosamente tabuladas e/ou transcritas a fim de possibilitar a sistematização, a análise e a interpretação dos dados e informações obtidas.

Este processo de análise e de interpretação envolveu diversos passos: desde a ordenação dos dados, sua classificação, até a sua análise final. Começamos por separar os depoimentos a partir das “sub-populações”, de acordo com a faixa etária e gênero de cada pessoa entrevistada, bem como com o local de residência. Deste modo, descobrimos várias respostas “coincidentes” em cada grupo analisado, e assim, traçamos recortes e identificamos os temas que se faziam mais presentes.

A partir do aprofundamento teórico, e da parte empírica que teve por base o estudo de caso da ZEIS do Poço da Panela, com a observação direta e a aplicação do questionário semi-estruturado, pouco a pouco, o trabalho foi ganhando forma de tal modo que nos foi possível concretizar a pesquisa. Veremos a seguir, mais aprofundadamente no capítulo 3, a ZEIS do Poço da Panela, a fim de nos aproximarmos mais do nosso estudo de caso, do qual estaremos tratando especificamente nos capítulos a seguir.

CAPITULO 3

DA CIDADE DO RECIFE AO BAIRRO E À ZEIS DO POÇO DA PANELA

No primeiro capítulo deste trabalho, além do referencial teórico apresentado, vimos como a sociedade contemporânea vem se formando e modificando sua estrutura ao se fechar em comunidades segregadas. Nesse capítulo trataremos a cidade do Recife, cidade de grande contraste social do país, como palco dessas mudanças que a sociedade vem sofrendo nas últimas décadas.

No presente capítulo serão apresentadas as características gerais da cidade do Recife que se destaca no contexto nacional pela acentuada exclusão social, econômica e a diferenciação urbana, definindo-se como uma cidade de contrastes. Abordamos também, de forma mais específica, o fenômeno da desigualdade social na cidade de Recife, com enfoque no bairro do Poço da Panela, área onde está localizada a ZEIS de mesmo nome, objeto de estudo da nossa pesquisa. No final do capítulo, apresentamos a ZEIS do Poço da Panela e suas principais características que servirão para contextualizar a área que constitui o objeto de estudo da nossa pesquisa (ver figura 3.1).

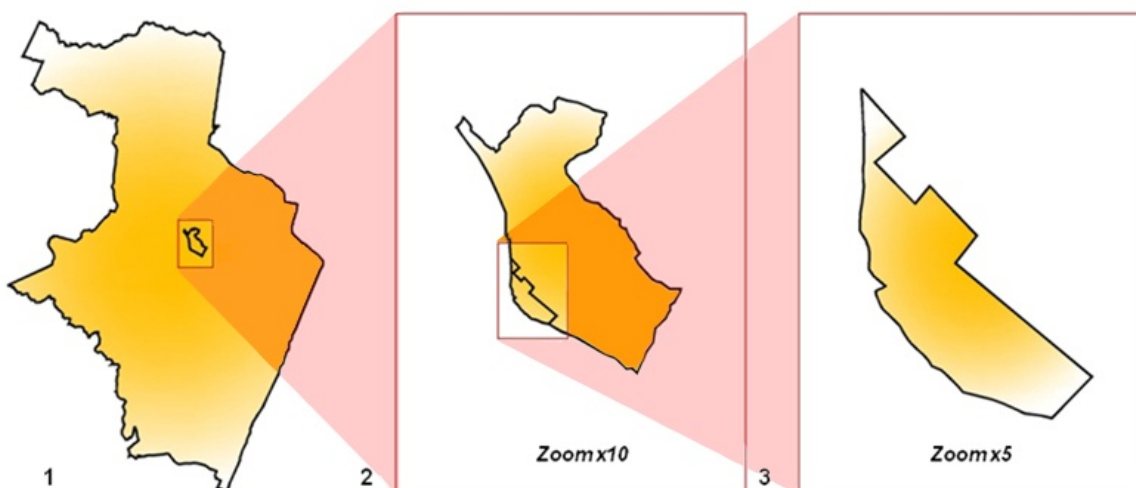


Figura 3.1 – Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) a cidade do Recife, (2) o bairro do Poço da Panela e (3) a ZEIS de mesma denominação inserida nele.

Fonte: a autora, 2009.

3.1. A CIDADE DO RECIFE

A cidade do Recife – capital do estado de Pernambuco, parte integrante do nordeste brasileiro – tem uma história marcada pela pobreza e desigualdade social desde sua origem, em 1537, quando surgiu como uma povoação portuária. Ao longo de seu processo de crescimento, a cidade foi se expandindo através de sucessivos aterros de terrenos alagados, os quais passaram a ter um alto valor imobiliário, expulsando seus antigos moradores, restringindo seu acesso à população mais abastada.

Para a parcela da população mais pobre, restaram as áreas de baixo valor imobiliário: os baixios, sujeitos à inundação das marés mais altas, e os terrenos elevados, cujo custo de implantação de infra-estrutura não era rentável para sua utilização pelo mercado imobiliário formal (MELO, 1990)¹⁴¹. É nesse contexto que emergem dois processos inter-relacionados: o da expansão da cidade através dos loteamentos regularizados e o da expansão “informal” dos assentamentos populares ocupados por “mocambos”¹⁴², constituindo um notório processo de desigualdade social e urbanística que caracteriza até os dias de hoje a paisagem da cidade.

A desigualdade que assola a cidade do Recife, portanto, não é recente. O primeiro censo oficial que registra a qualidade da moradia, realizado em 1913, mostrou que naquele ano, aproximadamente 45% da população do Recife habitava em “mocambos”, como eram conhecidas localmente as sub-habitações.

Alarmado com esse número, em 1924, o Secretário de Saúde Municipal, Dr. Amaury Medeiros, no mesmo espírito que impulsionava o médico sanitarista Oswaldo Cruz a desenvolver programas de higienização do Rio de Janeiro, fundou a primeira instituição pública brasileira destinada a combater as sub-habitações: a Fundação da Casa Operária, para erradicar os mocambos da área central do Recife aproveitando a oportunidade da destruição de grande número de mocambos em decorrência de uma enchente do rio Capibaribe.

Em 1938, o interventor Agamenon Magalhães realizou um novo recenseamento dos “mocambos” do Recife, encontrando um resultado análogo ao do

¹⁴¹ MELO, M. L. “Metropolização e Subdesenvolvimento”. In: SOUZA, M.A. 1990.

¹⁴² Mocambo, palavra de origem da língua Quimbundo trazida pelos escravos, que no Brasil ganhou significado de habitações levantadas de forma ilegal e irregular em Manguezal, esconderijo. Essas habitações em geral, são precárias e desprovidas de serviços básicos.

censo de 1913. Percebendo que os mocambos ocupavam terrenos alagados do entorno do centro do Recife, em áreas como Santo Amaro, Cabanga, Ilhas do Leite, do Retiro, Joana Bezerra, entre outras, resolveu criar a Liga Social contra o Mocambo para retirar os mocambeiros dessas áreas e destinar os terrenos assim liberados para usos institucionais e principalmente para o mercado imobiliário que disporiam assim de áreas altamente valorizadas para a obtenção de vultosos lucros.

Foram destruídos 12 mil mocambos nas áreas centrais e construídas 5 mil casas em bairros periféricos como Afogados e Areias. As famílias que não obtiveram acesso às casas por não terem condições de demonstrar uma renda familiar suficiente para cobrir os custos de amortização das casas, foram então “convidadas” a voltar para suas cidades de origem no interior do estado ou em outros estados, recebendo da parte do governo a passagem gratuita. Aqueles que não tinham para onde ir, ou não quiseram deixar o Recife ocuparam os morros de Casa Amarela, dando início a esse conjunto de bairros que abriga atualmente quase um terço da população da cidade do Recife.

Mesmo com a atuação da Liga Social Contra o Mocambo, que posteriormente viria a mudar de nome para Serviço Social Agamenon Magalhães, da ação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões e principalmente da Cohab, instituída pelo regime militar em 1964, o percentual de famílias morando em habitações precárias continuou sendo o mesmo, segundo a pesquisa promovida pelo BNH e executada pela Fundação Joaquim Nabuco, em 1979.

A ineficácia dos programas habitacionais acima mencionados repercutiu expressivamente na paisagem urbana do Recife, pois, entre 1975 e 1990 as áreas pobres do Recife duplicaram. No início desse período, a Fundação de Desenvolvimento de Pernambuco – FIDEM, estimou que 126.000 sub-habitações ocupavam 17 km² (9,1% da área do município), porém, concentravam 54% das moradias e 58% da população da cidade (VILAÇA, 2000)¹⁴³. Já em 1990 a área ocupada por assentamentos populares era ainda maior, chegando a 33km², que correspondia a 15,1% da área total da cidade e 25,8% de sua área urbana ocupada, esses assentamentos reuniam mais da metade das habitações do Recife (56%) e cerca de dois terços de sua população (DE LA MORA, 1990)¹⁴⁴.

¹⁴³ VILAÇA, A. P. “Dois mundos em um só lugar”. Trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPE, 2000.

¹⁴⁴ Pesquisa realizada pela FADE – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (1989)

A Lei de Uso e Ocupação do Solo do Recife nº14.511 do ano de 1983, institucionalizou como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) 29 assentamentos populares existentes no Recife, entre os mais expressivos em termos de antiguidade, consolidação e porte. Porém, apesar dos avanços conquistados pela população pobre, o Recife apresenta ainda hoje os contrastes característicos de uma sociedade onde a distribuição de riquezas e oportunidades se configuram de forma excessivamente desigual.

Esses contrastes sociais se evidenciam no espaço urbano, coexistindo lado a lado, a cidade formal na qual alguns bairros apresentam um tecido urbano com loteamentos regulares e infra-estrutura completa, e a cidade informal, inserida dentro destes bairros, formada pelos assentamentos informais, constituídas por ocupações irregulares ou favelas com problemas estruturais: alto nível de pobreza, desemprego e exclusão social.

Para agravar ainda mais a desigualdade social que assola a cidade do Recife, esta vem crescendo em um ritmo acelerado. Segundo o Atlas de desenvolvimento humano (2005) Recife passou de 500 mil habitantes em 1950 para 1 milhão e 100 mil em 1970 – mais que dobra em duas décadas. Atualmente, Recife conta com uma população total estimada em 1.346.045 milhões de habitantes e possui uma área de 220 km², obtendo assim, uma densidade de 60,4 hab/ha. A cidade é o núcleo central da Região Metropolitana do Recife – RMR, concentrando 44% de sua população, reunindo 3.087.967 habitantes. A RMR, por sua vez, possui uma área de 2.767,33 km², que representa 2,82% do território do Estado (IBGE, 1996). Segundo o IBGE (1996), a RMR é responsável por 75,9% da renda gerada no Estado de Pernambuco, mas apesar disso, a RMR, se comparada às outras grandes regiões metropolitanas, apresenta o crescimento de pobreza¹⁴⁵ mais acentuado do país.

De acordo com o levantamento do LabHab-FAUUSP (2002)¹⁴⁶ favelas ou outras formas de assentamentos populares análogas foram registradas em todas as grandes cidades brasileiras, entre as quais destaca-se o Recife com o maior percentual de pobres em relação a outras grandes regiões metropolitanas do país, com 43%, ao passo que Fortaleza conta com 31%, São Paulo 22%, Rio de Janeiro e Belo Horizonte com 20% e, por fim, a cidade de Goiânia com 13,3%.

¹⁴⁵ Considera-se abaixo da linha de pobreza absoluta aquelas pessoas cuja renda é menor que 60% do valor do salário mínimo.

¹⁴⁶ Laboratório de Habitação e assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Tornando os números mais absolutos, a região metropolitana do Recife registrou segundo dados do IBGE (2000), em sua área urbana, um total de 1.422.905 habitantes vivendo abaixo da linha de pobreza, ocupando 376.022 domicílios particulares permanentes. Recife, portanto, é considerado o núcleo onde a pobreza é mais acentuada, havendo bolsões de miséria a menos de 1.000m de distância de qualquer lugar da cidade.

Assim, a forte desigualdade social e a grande dimensão da pobreza são as marcas principais da sociedade recifense. O moderno e cosmopolita bairro de Boa Viagem – que abriga uma minoria rica – contrasta com as favelas de “Entra a Pulso”, “Borborema”, “Pina”, “Bode”, “Encanta Moça” e o “Coque”, abrigo dos pobres e esquecidos pelo poder público, fato que ocorre em todas as áreas mais ricas da cidade, todas possuindo favelas nas proximidades, como é o caso da ZEIS do Poço, inserida no bairro nobre do mesmo nome.

Esse quadro agrava-se mais ainda se consideramos a marcante diferença na distribuição da renda familiar no Recife, onde 20% dos mais ricos em 1991 concentrava 71,7% da renda familiar da cidade inteira, sendo observado como uma tendência que este percentual aumente a cada ano, pois em menos de uma década, no ano 2000, este já era de 72,6% (ver tabela 3.1).

	Distribuição da Renda Familiar	
	1991	2000
Estratos populacionais		
20% mais pobres	1,6	1,4
40% mais pobres	5,5	5,3
60% mais pobres	12,8	12,2
80% mais pobres	28,3	27,4
20% mais ricos	71,7	72,6

Tabela 3.1 – Distribuição da população do Recife segundo nível de renda.

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano da Cidade do Recife, 2005.

A desigualdade existente também pode ser caracterizada ao focarmos diretamente à distribuição do ingresso entre as pessoas de estratos de menor renda da população, isto é, entre 0 e 5 salários mínimos. Assim, vemos que 18,5% da população de Recife sobrevive com menos de $\frac{1}{2}$ salário mínimo e ainda pode-se verificar que 85,1% da população ocupada nesta cidade, recebe uma remuneração de até 5 salários mínimos, sendo ainda mais grave que 70,2% recebe menos de 2 salários mínimos, dado que sugere um enorme contingente populacional vivendo abaixo do nível de pobreza (ver tabela 3.2).

Nº de Salários Mínimos	% da População Ocupada
Até 1/2	18,5
½ a 1	27,4
1 a 2	24,3
2 a 3	7,8
3 a 5	7,1
Total	85,1

Tabela 3.2 – Distribuição da população recifense ocupada segundo nível salarial.
Fonte: IBGE, 2000.

Segundo a ONG Habitat para a Humanidade (2005)¹⁴⁷, a extensão desse fenômeno da desigualdade social que assola a cidade de Recife pode ser percebida quando se constata que já em 1998 existiam 421 áreas pobres no Recife, que abrigavam 659.076 habitantes, ocupando 154.280 moradias numa área de 3.357 hectares e esses números vêm aumentando a cada ano.

A dispersão espacial dos assentamentos populares do Recife coloca lado a lado uma pequena elite moderna – que experimenta padrão de vida razoavelmente satisfatório – e uma maioria excluída – com precários índices de acesso a condições suficientes de vida. Este fato contextualiza nosso objeto de estudo, nos levando à nossa pergunta inicial: os espaços livres localizados nos assentamentos populares são efetivamente o lócus da sociabilidade, sendo acessíveis a todos, podendo assim ser considerado públicos? Em outras palavras, estamos diante de um processo de fragmentação social no qual cada segmento constituído em função do nível sócio-econômico, gênero ou idade, se isola do resto da sociedade constituindo territórios exclusivos, ou efetivamente a proximidade física contribui para a superação das barreiras sociais, através de interações e atividades sociais nos espaços livres e/ou públicos da cidade?

Buscando contextualizar o nosso objeto de estudo, realizamos uma caracterização sumária da desigualdade sócio-econômica que se registra no Recife, focalizando os assentamentos populares que se distribuem por todo o seu território. No próximo item, focalizamos especificamente a ZEIS Poço da Panela, inserida em um bairro elitizado que possui a mesma denominação.

¹⁴⁷ HPH. Resumo executivo do Projeto Negócio em casa – ZEIS Chico Mendes. Recife, 2005.

3.2. O BAIRRO DO POÇO DA PANELA

Situado na margem esquerda do rio Capibaribe, o bairro Poço da Panela surgiu por volta do século XVIII, em terras que pertenciam ao Engenho Casa Forte cuja casa grande localizava-se ao lado da igreja, na praça do mesmo nome. O nome “Poço da Panela” surgiu posteriormente e tem origem no fato de que os moradores apanhavam água potável à longa distância até que descobriram no local uma vertente. Então, fizeram uma escavação e colocaram uma panela de barro no fundo do poço

No início era um simples povoado em meio às grandes plantações de cana-de-açúcar, porém a partir de 1746 este perfil começou a ser modificado. Naquele tempo uma grande epidemia de febre amarela tomou conta do Recife e alguns médicos divulgaram que os banhos, durante o verão, no trecho do Rio Capibaribe que banhava a povoado, era um milagroso remédio no combate à doença. A notícia se espalhou muito rápido e fez com que essa região comesse a ser freqüentada pela população de maior poder aquisitivo do Recife, que logo construíram ali casarões de veraneio.

O povoado cresceu e muito agradecidos pelos benefícios conquistados, os moradores do local fizeram erigir em 1772, uma capela doada pelo proprietário do terreno, dedicada à Nossa Senhora da Saúde. De acordo com Mayrinck (2003)¹⁴⁸, a partir desta data, com a divulgação da notícia de salubridade do local, muitas pessoas “passaram a veraneiar nessa povoação, que foi progredindo e, no século XIX, já era um importante subúrbio da cidade, considerado balneário de luxo”.

Hoje em dia, o bairro do Poço da Panela nos remete ao Recife dessa época, com suas ruas constituídas por grandes pedras irregulares antigas e casarões, exemplares da arquitetura eclética do século XIX e inícios do século XX, fato pelo qual foi declarado pela Lei de Uso do Solo como Zona de Preservação Histórica.

Por conta de outra lei – a lei dos 12 bairros – neste bairro e no seu entorno é proibida a construção de edifícios com gabarito elevado, bem como a descaracterização dos casarões, fazendo dele uma área de alto valor patrimonial. Deve ser destacada também a sua arborização, tanto nos logradouros públicos quanto nos quintais, onde predominam as mangueiras, sapotizeiros, oitizeiros, cajueiros, jaqueiras, entre outras muitas árvores de grande porte, e palmeiras imperiais, dando a ele o título de ser um dos bairros mais verdes da cidade do Recife.

¹⁴⁸ MAYRINCK, V. L. M. “A paisagem do Rio Capibaribe – Um recorte de significados e representações”. Tese de doutorado, UFRJ, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2003, p. 106.

No seu interior não se localizam equipamentos comerciais e de serviços, nem linhas de ônibus, sendo configurado como um bairro eminentemente residencial, ocupado por população de média-alta e alta renda. Trata-se de um bairro que fica mais isolado, por não ser local de passagem, não tendo grande fluxo de veículos nem de pedestres, o que o torna relativamente inacessível e por conta disso, é um lugar calmo e tranquilo para se viver, por cujas ruas só se avistam moradores e conhecidos.

Apresentamos a seguir algumas das características do bairro Poço da Panela, dentro do contexto mais amplo da cidade do Recife, para melhor situar dentro dele o nosso objeto de estudo: a ZEIS do Poço da Panela. Para tal, inicialmente é preciso destacar que a cidade do Recife está dividida em seis Regiões Político-Administrativas (RPAs)¹⁴⁹, nas quais se localizam vários centros suburbanos, relativamente auto-suficientes e interdependentes.

A heterogeneidade físico-econômico-espacial característica da cidade do Recife é reproduzida em todas essas regiões. A Região Político-Administrativa 3 (RPA 3), na qual se localiza o bairro do Poço da Panela, é a região que possui o maior número de bairros, divididos por três micro-regiões: micro-região 3.1, na qual está localizado o bairro do Poço da Panela, micro-região 3.2 e micro-região 3.3 (ver tabela 3.4).

Micro-Região	Bairros
3.1	Aflitos, Derby, Espinheiro, Graças, Jaqueira, Monteiro, Apipucos, Parnamirim, Casa Forte, Poço da Panela, Santana, Casa Amarela, Tamarineira, Dois Irmãos, Sítio dos Pintos
3.2	Mangabeira, Morro da Conceição, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Vasco da Gama
3.3	Brejo da Guabiraba, Brejo de Beberibe, Córrego do Jenipapo, Nova Descoberta, Macaxeira, Passarinho, Guabiraba, Pau Ferro

Tabela 3.4 – Bairros da RPA3 por micro-região.
Fonte: Elaboração de Ana Paula Vilaça, 2000.

O nível de renda média da RPA 3, mesmo com a presença de numerosos e populosos bairros populares, principalmente nas micro-regiões 3.2 e 3.3 é superior ao nível de renda média da cidade do Recife em aproximadamente 15%. Porém, através da análise da renda média nominal do chefe de família, pode-se observar mais claramente a diversidade de perfis econômicos. Uma minoria

¹⁴⁹ A cidade do Recife está dividida em noventa e quatro bairros, agrupados em seis Regiões Político-administrativas. A RPA 1 compreende o Centro da cidade propriamente dito e é composta por 11 bairros, a RPA 2, localizada ao norte, abrange 18 bairros, a RPA 3, no noroeste, 29 bairros, a RPA 4, no oeste, compreende 12 bairros, a RPA 5, situada à sudoeste, são 16 bairros, e por fim, a RPA 6, ao sul, abrangendo 16 bairros.

ganha mais de 15 salários mínimos e uma quantidade expressiva ganha apenas até dois salários mínimos. Apesar de apresentar esse contraste, a RPA 3 é a segunda região de maior renda *per capita* em atividades econômicas de comércio e indústria da cidade do Recife, pois dez dos seus bairros apresentaram, em 1991, valores superiores a 6 mil dólares: Aflitos, Casa Forte, Espinheiro, Graças, Jaqueira, Parnamirim, Santana, Tamarineira, Casa Amarela, e inclusive o Poço da Panela.

Alem do bairro do Poço apresentar uma proporção de famílias com renda per capita alta em relação a toda a RPA 3 e ao Recife de forma geral, também registra uma das menores proporções de chefes de domicílios com renda inferior a um salário mínimo. O bairro do Poço da Panela conta com apenas 8,82% dos chefes de família ganhando menos de 1 salário mínimo, ao passo que na Micro-região 3.1 este percentual sobe à 15,87, e na cidade do Recife atinge quase 30% dos domicílios (ver tabela 3.5).

	Chefes de domicílios com renda inferior a 1 salário mínimo	
	Absoluto	%
Recife	91.761	29,49
Microrregião 3.1	4.076	15,87
Casa Forte	37	3,27
Parnamirim	194	16,28
Poço	86	8,82
Santana	69	13.61

Tabela 3.5 – Proporção de chefes de domicílios com renda inferior a um salário mínimo, 1991.
Fonte: IBGE, 2000.

Apesar de possuir extensão de 80ha, bem maior do que a dos bairros de Casa Forte e Parnamirim, 57ha e 61ha respectivamente, de acordo com os dados registrados no Atlas de Desenvolvimento Humano (2005), o bairro do Poço da Panela apresenta a menor densidade, 46,05hab/ha, e conseqüentemente possui uma população menor, com apenas 4.006 habitantes, e menor número de domicílios do que nos outros bairros que compõem a micro-região 3.1, contando com 1.173 domicílios, sendo a sua densidade domiciliar de 3,42 hab/dom (ver tabela 3.6).

	População	Domicílios	Área (ha)	Densidade	
				(hab/ha)	(hab/dom)
Cidade do Recife	1,298,229	311,365	21,492	60.41	4.17
RPA 3	258,096	60,516	7,457	34.61	4.26
Microrregião 3.1	99,672	25,681	1,797	55.47	3.88
Casa Forte	4,377	1,130	57	76.78	3.87
Parnamirim	4,478	1,192	61	73.40	3.75
Poço	4.006	1.173	80	46.05	3.42
Santana	2,006	507	45	44.57	3.95

Tabela 3.6 – População residente, domicílios, área e densidade populacional, 2000.

Fonte: Atlas de desenvolvimento humano, 2005.

Segundo dados da Prefeitura da Cidade do Recife¹⁵⁰, no ano de 1992, havia 99 assentamentos populares na RPA 3. No bairro de Casa Forte e no Parnamirim existe um assentamento em cada, já o Poço da Panela e Santana estão localizados dois assentamentos populares. Dentre esses seis assentamentos apenas dois são ZEIS, e um deles é a ZEIS Poço da Panela. No que tange às entidades representativas dos assentamentos, no ano de 1995 havia 918 em toda a cidade do Recife, sendo que 28,8% dessas entidades estão na RPA 3. O bairro de Casa Forte possui duas entidades populares enquanto Parnamirim, Poço da Panela e Santana possuem uma entidade popular cada um (ver tabela 3.7).

	Nº Entidades	Assentamentos	
		Nº	Denominação
Cidade Do Recife	918	-	-
RPA 3	265	99	-
Microrregião 3.1	51	21	-
Casa Forte	2	1	Ilha das Cobras/Lemos Torre
Parnamirim	1	1	Vila do Vintém/Ponto do Vintém
Poço	1	2	Vila União/Poço da Panela
			Do Chacon/Rua do Chacon
Santana	1	2	Vila Santana
			Vila do Vintém II

Tabela 3.7 – Relação de Entidades e Assentamentos Populares, 1999.

Fonte: DPU/URB/PCR/ Sec. de Políticas Sociais.

A partir do que foi exposto, viu-se que o bairro do Poço da Panela, um bairro elitista no contexto social da cidade, e a ZEIS inserida nele, se encaixaram perfeitamente no perfil de área buscado para a concretização do presente trabalho, a fim de analisar a sociabilidade que se dá, principalmente entre pessoas de distintos níveis sociais, nos espaços livres da cidade. A seguir, analisaremos um pouco mais profundamente a ZEIS do Poço da Panela, inserida dentro do bairro de mesmo nome.

¹⁵⁰ Dados obtidos na PCR e complementados por pesquisa de campo e documental.

3.3. A ZEIS DO POÇO DA PANELA

Em 1746, quando ocorreu o surto epidêmico de febre Amarela no Recife, a ocupação do Poço foi impulsionada na medida em que se constatou que as águas do rio Capibaribe eram benéficas para debelar tal doença e pouco a pouco muitas pessoas foram atraídas para a área. Nesse contexto, segundo Mayrinck (2003)¹⁵¹ essa “povoação começou a se desenvolver, sendo construídas casas de taipa, cujos moradores pagavam foro pela ocupação do terreno ao dono da terra”. Já em 1758, existiam 12 casas no local, todas de frente para o rio. Com o passar do tempo, intensificou-se a ocupação da localidade sem que houvesse conflitos com o mesmo.

Nessa época era comum o aluguel de casas na localidade durante o verão, e muitas pessoas alugavam casas bem simples, assim, a ocupação do Poço Foi se dando com a convivência entre famílias de níveis de renda diferenciados, já nos remetendo à situação atual. “A paisagem, naquele período, era formada pela existência dos “mocambos”, mais próximos ao rio, e por residências que, embora simples, eram habitadas por famílias de nível de renda mais elevado” (MAYRINCK, 2003)¹⁵².

Esse agrupamento de mocambos deu início ao assentamento do Poço da Panela. No início, o Rio Capibaribe servia como fonte de renda para os moradores que se dedicavam à pesca e coleta de crustáceos, porém, com o aumento da população, a fauna foi se extinguindo e a atividade da pesca tornou-se restrita, apesar de até hoje em dia, alguns moradores ainda viverem de tal atividade (ver foto 3.1).



Foto 3.1 – Ortofotocarta do bairro e da ZEIS do Poço da Panela.
Fonte: Ana Paula Vilaca.1999.

¹⁵¹ MAYRINCK, V.L.M. “A paisagem do Rio Capibaribe – Um recorte de significados e representações”. Tese de doutorado, UFRJ, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2003, p. 106.

¹⁵² MAYRINCK, V.L.M. Op. Cit., 2003, p. 106.

Antes da dragagem até fins dos anos 1970, o rio transbordava com frequência em época de chuva e muitos moradores remanescentes na área ainda se lembram das épocas difíceis de cheias. A pior delas, datada de 1975, deixou a muitos desabrigados, ocasião em que a Prefeitura da cidade construiu 24 (vinte e quatro) casas de madeira temporárias para os atingidos pela enchente. O conjunto de casas construídas em regime de mutirão tornou o local conhecido como “Vila União”.

Pouco a pouco a área foi se organizando e em 1994, o assentamento foi transformado em ZEIS através da Lei 15.949, o que permitiu a urbanização da área e a permanência da comunidade no local. As obras de intervenções apontadas pelo plano urbanístico da área foram iniciadas em 1996 e atualmente, de acordo com o diagnóstico da ZEIS, a estrutura está quase toda completa: o abastecimento d’ água, o esgotamento sanitário, a energia elétrica, a pavimentação, a drenagem e, por fim, a coleta de lixo. Todavia, esta continua sem Comissão de Urbanização e Legalização (COMUL) instalada, não participando assim das Plenárias do Fórum do PREZEIS.

O desenho do perfil da ZEIS passou por várias modificações e nesta já foi considerada tanto a delimitação em linha vermelha tracejada, quanto à delimitação em linha contínua branca, conforme a foto abaixo (ver foto 3.2). No presente trabalho, consideramos a linha branca e ainda englobamos a urbanização posterior datada de aproximadamente 13 anos atrás, situada bem abaixo da foto, à margem do rio Capibaribe. É importante ressaltar que este limite foi traçado a partir das delimitações impostas pelos órgãos governamentais, bem como pelo sentimento de homogeneização da comunidade da área.



Foto 3.2 – Ortofotocarta com os limites da ZEIS.
Fonte: Atlas do desenvolvimento humano da Cidade do Recife.

A ZEIS do Poço é uma área que difere do restante do bairro no qual está inserida. Enquanto o bairro do Poço da Panela e seus vizinhos estão em constantes transformações, sendo necessárias leis para controlar o seu crescimento, a ZEIS continua a crescer lentamente, e ainda é um lugar tranquilo e sossegado, longe da pressão imobiliária que assola todas as suas áreas vizinhas (ver fotos 3.3 3 3.4).



Foto 3.3 – Vista aérea da ZEIS do conjunto de bairros formado pelo Poço da Panela, Monteiro e Casa Forte na década de 1990.
Fonte: Ana Paula Vilaça, 1998.



Figura 3.4 – Vista aérea da ZEIS do Poço da Panela na década de 1990.
Fonte: Ana Paula Vilaça, 1998.

A grande maioria dos moradores idosos do assentamento têm filhos, netos e até bisnetos que continuam morando na mesma comunidade. Dai o fato de muitos moradores comentarem que na ZEIS do Poço todo mundo é família e chega a ser um “bairro” à parte do bairro formal do Poço da Panela. A população da ZEIS possui equipamentos de saúde e educação relativamente perto e conta com todos os serviços de infra-estrutura básica, sendo beneficiada pelos transportes coletivos que circulam a certa distância da ZEIS e fazem as linhas: Dois Irmãos, Alto Santa Isabel e Olinda/ Dois Irmãos.

A ZEIS do Poço da Panela possui uma boa localização na cidade, situando-se em um bairro agradável de se viver, de classe média alta e alta da cidade do Recife. Porém, apesar dessa ZEIS estar localizada nesse bairro que está entre os que possuem as 10 maiores rendas médias da cidade, ela está entre as ZEIS que possuem as 10 menores rendas médias da cidade do Recife (ver tabela 3.8).

O Bairro do Poço da Panela é a sexta área apontada na tabela, tendo seus moradores uma renda média de valor aproximado de R\$ 3.500, e por outro lado a renda média dos responsáveis dos domicílios da ZEIS do Poço, inserida no bairro, situa-se entre as dez menores da cidade sendo de apenas R\$ 218, um valor muito menor do que o salário mínimo atual¹⁵³ (ver tabelas e 3.9).

As 10 Maiores rendas médias dos responsáveis pelo domicílio dos bairros de Recife		As 10 Menores rendas médias dos responsáveis pelo domicílio das ZEIS de Recife	
Bairro	Renda média dos responsáveis pelo domicílio, 2000	ZEIS	Renda média dos responsáveis pelo domicílio, 2000
Jaqueira	5.178,64	Zeis Ilha de Deus	105,54
Casa Forte	3.970,65	Zeis João de Barros	179,59
Aflitos	3.630,33	Zeis Caranguejo/ Tabaiars	180,12
Graças	3.589,62	Zeis Santo Amaro	192,96
Parnamirim	3.546,99	Zeis Beirinha	193,79
Poço	3.431,14	Zeis Coque	199,36
Derby	3.351,57	Zeis Rosa Selvagem	207,84
Boa Viagem	2.857,28	Zeis Sítio Grande	208,52
Santana	2.848,08	Zeis Coelhoos	212,98
Torreão	2.838,67	Zeis Poço da Panela	218,49

Tabelas 3.8 e 3.9 – Maiores rendas médias do Recife, 2000/Menores rendas médias do Recife, 2000.

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano da Cidade do Recife, 2005.

Essa profunda desigualdade que se verifica entre o bairro do Poço da Panela e a ZEIS inserida dentro dele é o principal motivo da escolha dessa localidade para a realização do nosso trabalho. A partir dessa grande desigualdade social existente nessa área da cidade, decidimos estudar os espaços livres públicos localizados próximos à ZEIS, ainda dentro do bairro, e verificar se existe sociabilidade entre os usuários que moram na ZEIS, e que conseqüentemente são pobres, e os usuários de renda mais alta que moram no restante do bairro.

Com apenas setenta domicílios a ZEIS do Poço é também o assentamento popular com o menor número de domicílios, fato que facilita a realização de uma pesquisa mais minuciosa e detalhada, ao permitir um contato direto com membros de quase todos os domicílios (ver tabela 3.10).

¹⁵³ O salário mínimo atual é de R\$ 465,00.

Em relação ao tamanho da ZEIS, o assentamento do Poço da Panela está entre as 10 menores, com apenas 0,96km de perímetro (ver tabela 3.11). Abrange ainda uma superfície de 2,51 ha, para uma população de cerca de 810¹⁵⁴ habitantes, representando uma densidade de 322 hab/ha, o que facilita o a nossa pesquisa sobre o uso e a apreensão dos espaços livres existentes na área por parte dos seus moradores.

As 10 Menores ZEIS de Recife segundo o total de domicílios particulares permanentes		As 10 Menores ZEIS segundo os perímetros(km) de Recife	
ZEIS	Total de domicílios particulares permanentes, 2000	ZEIS	Perímetro (km)
ZEIS Poço da Panela	70	Zeis Coronel Fabriciano	0,43
ZEIS Greve Geral	78	Zeis João de Barros	0,48
ZEIS Vila Esperança/Cabocó	160	Zeis Mangueira da Torre	0,55
ZEIS Ilha de Deus	215	Zeis Campo do Vila	0,62
ZEIS Vila União	215	Zeis Aritana	0,64
ZEIS Campo do Vila	247	Zeis Greve Geral	0,69
Zeis João de Barros	259	Zeis Coqueiral	0,75
Zeis Vila do Siri	259	Zeis Vila do Siri	0,83
Zeis Mangueira da Torre	305	Zeis Vila União	0,88
Zeis Sítio Wanderley	307	Zeis Poço da Panela	0,96

Tabelas 3.10 e 3.11 – Menores ZEIS segundo o Total de domicílios particulares permanentes, 2000/ Menores ZEIS segundo os perímetros, 2000.

Fonte: Atlas do desenvolvimento humano da Cidade do Recife, 2005.

A ZEIS do Poço da Panela caracteriza-se, portanto, por ser uma área predominantemente residencial, de topografia plana, localizada na margem esquerda do Rio Capibaribe, revestida de mangue, ocupada por população de baixa renda, abrigada em habitações de baixo padrão, estando inserida dentro de uma área nobre da cidade do Recife. No entanto, as populações dos diferentes estratos sociais não interagem, fato este que pretendemos investigar na nossa pesquisa ao analisar as formas, intensidade e tipos de usos e usuários dos espaços livres e públicos da área.

No capítulo 4 a seguir, trabalhamos empiricamente com a ZEIS do Poço da Panela. Analisamos mais aprofundadamente o assentamento, bem como os espaços livres existentes na área que são utilizados pela comunidade, a fim de aferir se existe sociabilidade nos mesmos.

¹⁵⁴ A ZEIS Poço da Panela aparece com 611 habitantes, conforme pesquisa realizada pela URB em 1996. Atualmente, ela possui 810 habitantes conforme cadastro das agentes de saúde.

CAPÍTULO 4

ESPAÇOS LIVRES DA ZEIS DO POÇO DA PANELA

Esse capítulo contém a descrição do objeto empírico do trabalho fundamentada numa pesquisa de campo que se deu em três momentos: o percurso inicial, com um reconhecimento primário da área e séries de fotografias, a observação direta de determinados espaços e conversas informais com alguns moradores, e por fim, a aplicação dos questionários semi-estruturados realizados dentro do assentamento. Vale ressaltar que além dos resultados da pesquisa empírica, esse capítulo foi contextualizado com a base teórica, a fim de interligar a realidade percebida com a fundamentação teórica.

O capítulo está dividido em três partes: na primeira, analisamos o território da ZEIS do Poço da Panela como um todo, na segunda, analisamos os micro-territórios nos quais está subdividida a ZEIS, e na terceira, buscamos identificar todos os espaços livres que aglomeram certa quantidade de pessoas, sejam eles ruas, largos, recantos e o campo de pelada (ver figura 4.1).

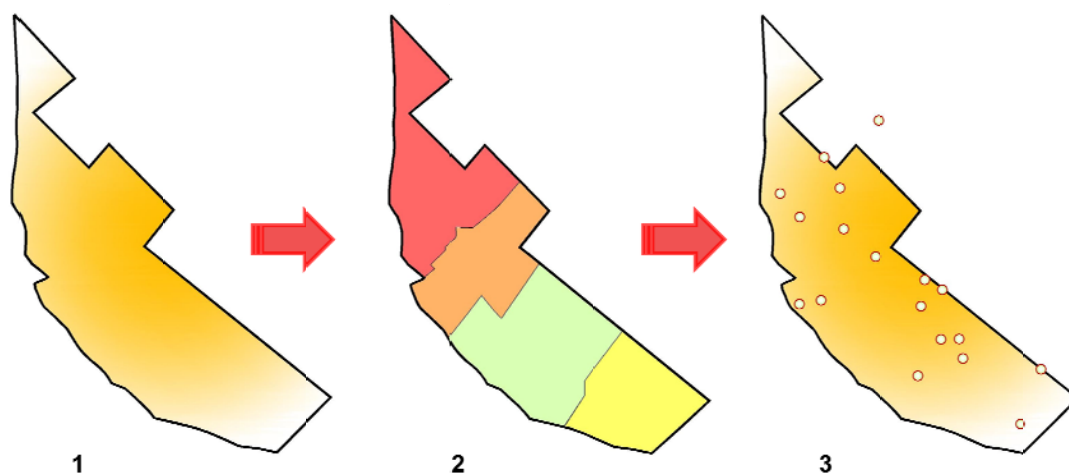


Figura 4.1 – Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) o território da ZEIS do Poço, (2) os micro-territórios existentes dentro da ZEIS, e (3) os espaços livres considerados pelos moradores (Mapa 3).
Fonte: a autora, 2009.

4.1. O TERRITÓRIO FORMADO PELA ZEIS DO POÇO DA PANELA

Partimos do pressuposto de que a ZEIS do Poço da Panela, como as demais áreas pobres da cidade, constitui um território à parte do restante do bairro no qual ela está inserida, e assim, seus espaços livres não fomentam a *sociabilidade*, essencial para que estes sejam considerados públicos. Uma vez que não há *acessibilidade irrestrita*, existe uma *apropriação* do lugar pelos moradores e ainda, há um *limite* claro entre o assentamento e o restante do bairro, acentuado pela relação de *identidade* dos moradores com a área e as práticas sociais existentes.

O território é considerado “o limite dessas práticas, o terreno onde elas se concretizam”. Segundo Gomes (2002)¹⁵⁵, “a noção de território é denotativa de uma delimitação espacial”, e, quando estabelecemos limites, estamos de fato, criando uma separação e uma classificação de um conjunto de elementos que têm como parâmetro fundamental sua distribuição no espaço. O território é, portanto, um conceito que atua como uma das chaves de acesso à interpretação de práticas sociais circunscritas a uma dada porção do espaço.

A área da ZEIS do Poço da Panela é considerada um território, na medida em que o espaço delimitado pelo assentamento enfatiza os três principais fatores da territorialidade humana: “a classificação das coisas e das relações por área, o controle de uma determinada porção do espaço e a comunicação da efetividade desse poder” (GOMES, 2002)¹⁵⁶. Esse espaço percebido, denominado território, possui significados psicológicos e culturais caracterizados por sua organização, feita “de acordo com as funções que acolhe” (FISCHER, 1994)¹⁵⁷.

O território formado pelo assentamento do Poço da Panela faz com que esse espaço seja desvinculado do restante do bairro, pois as delimitações desse território são muito visíveis, criando uma espécie de barreira psicológica para os transeuntes que estão caminhando pelo bairro e, de repente, avistam a ZEIS. “A diferença e a desigualdade vão se articular no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica” (SERPA, 2007)¹⁵⁸.

“É inevitável a constatação de que acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, o que vai determinar os processos de

¹⁵⁵ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 136.

¹⁵⁶ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 136.

¹⁵⁷ FISCHER, G. N. Op. Cit., 1994, p. 23.

¹⁵⁸ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 10.

territorialização (e na maior parte dos casos, de privatização) dos espaços públicos urbanos.”

SERPA (2007)¹⁵⁹

Por ser considerado um território, o assentamento do Poço da Panela é definido por um acesso diferencial (GOMES, 2002)¹⁶⁰. A acessibilidade está “estritamente vinculada, na demarcação dos territórios urbanos, à alteridade, contrapondo uma dimensão simbólica e abstrata à concretude física dos espaços públicos urbanos”. Pois, segundo Serpa (2007)¹⁶¹ a acessibilidade não é somente física, mas também simbólica, à qual está diretamente vinculada à apropriação social dos espaços públicos. Se o adjetivo “público” diz respeito a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar, por outro lado, algo mais do que o simples acesso físico a espaços “abertos” de uso coletivo.

“Afim, que qualidades norteiam a apropriação social do espaço público na cidade contemporânea? Como explicar a apropriação seletiva e diferenciada de espaços, que, em tese, seriam – ou deveriam ser – acessíveis a todos?”

SERPA (2007)¹⁶²

Analisamos então, a ZEIS do Poço da Panela como um território a parte do restante do bairro, a partir das quatro dimensões já comentadas no capítulo 1: a *apropriação social*, a *identidade*, a *acessibilidade* e os *limites*. Tanto a apropriação social quanto a identidade foram verificadas a partir de conversas informais e da aplicação do questionário semi-estruturado com os moradores, por constituírem dimensões mais simbólicas. Já as duas últimas dimensões, a acessibilidade e os limites, foram verificadas a partir da imagem e da morfologia caracterizada pelo traçado irregular, largura das ruas e tipologias habitacionais, que marcam a diferença entre a ZEIS e o restante do bairro.

4.1.1. Apropriação social

A ZEIS do Poço da Panela foi instituída visando regularizar e urbanizar um assentamento popular surgido espontaneamente como consequência da ocupação desordenada da margem do Rio Capibaribe e terrenos adjacentes. Grande parte dos atuais moradores ocupa a área desde antes da constituição da ZEIS e da sua regularização fundiária e urbana. Muitos nasceram nesta área e hoje em dia, por conta das lutas pela permanência e pela regularização das terras, consideram-se donos dela

¹⁵⁹ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 10.

¹⁶⁰ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p. 139.

¹⁶¹ SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 16.

¹⁶² SERPA, A. Op. Cit., 2007, p. 16.

e alguns moradores da área falam dela com propriedade e convicção de que o bairro termina no limite da ZEIS.

Muitos falam sobre o perigo de ultrapassar esse limite. O restante do bairro é, então, terra desconhecida, caracterizado por ruas e praças abandonadas, quase sem nenhuma utilização. Até o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, que, oficialmente, está localizada fora da ZEIS, em seu limite, segundo o ponto de vista de alguns moradores, pertence a eles, e daí não passam.

“Dona Maria”¹⁶³ dos Santos Lima¹⁶⁴ é um desses moradores antigos cujo depoimento expressa a apropriação do bairro. Ela é uma senhora de mais de 70 anos de idade e que vive na ZEIS do Poço da Panela há mais meio século. Toda a sua família vive aí também. Ela adora o assentamento, o bairro, como ela o chama, “é bem pequeno, e todo mundo se conhece dentro dele”, diz. Ela não sai do bairro para nada, apenas para as obrigações de ir ao mercado de Casa Amarela, para a Missa na Paróquia localizada na Praça de Casa Forte, ou para ir ao Banco resolver pendências, e diz até que ao passar da Igreja Nossa Senhora da Saúde, a partir de lá, passa a ser bem perigoso.

“Dona Lindaci” Maria Freitas de Souza¹⁶⁵ mora há 32 anos no assentamento e é bastante conhecida por todos os outros moradores, pois o filho dela virou um astro de futebol que começou sua carreira no Náutico, passando pelo Botafogo, já jogando também em Portugal e na Espanha e atualmente mora na Bulgária, onde é jogador da seleção do país. Com muito dinheiro disponível, Lúcio Wagner já sugeriu à sua mãe de sair da área, mas ela não quis.

“Aqui é uma área onde a gente consegue ter tranquilidade. Uma área onde uma vez ou outra acontece alguma coisa. Mas a gente não tem medo não, todo mundo se conhece. É uma área onde a gente pode dormir sossegado.”

“Dona Lindaci” (2008)

Assim como “Dona Lindaci”, muitos moradores já tiveram oportunidade de sair do assentamento para ir morar em outro local, mas todos se dizem muito satisfeitos no lugar em que moram. A maioria comenta o fato sob o ponto de vista da calma e a tranquilidade de se viver na ZEIS, não sentidas em outras áreas da cidade.

¹⁶³ Concordamos com a omissão da identidade dos entrevistados quando se trata de informações que possam prejudicar sua imagem. Como os depoimentos que transcrevemos são simples opiniões sobre o que representa o bairro para eles, não consideramos necessária a preservação do sigilo da sua identidade.

¹⁶⁴ Questionário nº01

¹⁶⁵ Questionário nº22

4.1.2. *Identidade*

A identidade tem uma relação próxima com a apropriação social. Os pronomes possessivos com o “meu” e o “nosso” são bastante comuns nos depoimentos dos moradores de uma área que foi apropriada por eles e é também muito corrente em uma área com a qual o indivíduo se identifica. Esse fato pode ser observado na ZEIS do Poço da Panela, na qual tivemos oportunidade de escutar vários moradores se referenciarem à área em que vivem dessa forma.

O adolescente Renato de Barros¹⁶⁶, que mora no assentamento desde que nasceu, ao ser perguntado se não preferia ir para outro lugar, respondeu prontamente: “Prefiro ficar aqui mesmo. Aqui é minha favela, meu canto. As pessoas que eu gosto moram tudo aqui”, e no decorrer da aplicação dos questionários, podemos perceber que muitas pessoas pensam como ele.

A fim de explicitar as opiniões apreendidas na ocasião da aplicação dos questionários e nas conversas informais com os moradores do assentamento, organizamos em uma tabela, agrupando os depoimentos da seguinte forma:

- (1) Depoimentos que explicitamente expressam a identificação com o local, assim como expressam a apropriação (é meu bairro, é nosso lugar);
- (2) Depoimentos que implicitamente expressam a identificação com o local, ainda que não expressem a apropriação (gosto daqui, aqui tem todos meus amigos, é perto de tudo);
- (3) Depoimentos que não expressam identificação com o local (é bom, é tranquilo);
- (4) Depoimentos que expressam implicitamente a falta de identificação do local (não gosto disto ou daquilo outro);
- (5) Depoimentos que expressam explicitamente a falta de identificação com o local, a não apropriação do local (aqui não é meu lugar, este não é lugar para a gente morar, eu queria morar em outro lugar).

Vale ressaltar que essa tabela é resultante de uma junção entre as duas dimensões: a apropriação social e a identidade. Não sendo possível dissociá-las na análise dos depoimentos dos moradores, optamos por unificá-las em uma única tabela mais completa (ver tabela 4.1).

¹⁶⁶ Questionário n°09

Apropriação Social	Número de questionários	Citações
Depoimentos que explicitamente expressam a identificação com o local expressam a apropriação	15	“Aqui é muito bom. Criei meus filhos tudinho aqui! É o nosso lugar!” (Questionário nº23) “O Poço é ótimo, é um lugar bom de se morar, não tem lugar melhor do que esse meu Poço não. Tranquilo mesmo. O único lugar que tem aqui para se morar é aqui mesmo. Por mim, nunca saia daqui do meu lugar.” (Questionário nº57) “O Poço é um lugar maravilhoso. É calmo, é divertido... Moro aqui desde novinho... aqui eu conheço todo mundo.” (Questionário nº58) “Aqui é bom, é calmo. Eu gosto do meu lugarzinho, do lugar onde eu moro, não queria morar em outros lugares não” (Questionário nº78) “Meu bairro é o lugar mais sossegado que existe na cidade do Recife. Ninguém vê inimizade de ninguém e todo mundo se conhece” (Questionário nº79)
Depoimentos que implicitamente expressam a identificação com o local, ainda não expressam a apropriação	25	“O Poço é uma mãe porque aqui ninguém briga, só briga assim no final de semana e é raro você ver confusão” (Questionário nº59) “Para mim o melhor bairro que tem é o Poço da Panela mesmo. Os outros bairros são muito violentos.” (Questionário nº66) “Aqui é muito bom de viver. Num tem muita confusão. Todo mundo vive de bem com todo mundo. Bairrozinho pacato.” (Questionário nº69) “Esse lugar aqui é muito bom, assim como é boa a área, tem muita gente que eu conheço, fico brincando aqui na frente, de barra bandeira, dominó...” (Questionário nº72) “O Poço é tranquilo, sem violência, e tem muita área verde. Aqui no Poço não tem nada, e quando tem uma briga, vem todo mundo separar” (Questionário nº75)
Depoimentos que não expressam identificação com o local.	30	“Aqui é um lugar tranquilo, sossegado.” (14) “O Poço é um lugar que tem um ponto turístico bom, pelos casarões antigos que tem.” (Questionário nº46) “O Poço é normal. Não tem muita confusão aqui não. Os outros falam muito do Poço, que tem ladrão, mas não tem...” (Questionário nº61) “É bom de se morar. É legal, é calmo...” (Questionário nº64) “O Poço é de bem. Num é um lugar calmo, calmo... Também pra vista de muitos outros, aqui é bom” (Questionário nº74)
Depoimentos que expressam implicitamente a falta de identificação do local	13	“Sábado e Domingo (no Poço) é chato, porque ninguém pode sair pra rua. Uns caras bêbados. Os bandidos ficam por aqui, vem gente de fora com cara de malandro” (Questionário nº40) “É um lugar muito bom de se morar. A vista desses lugares que tem por ai violento. Só é ruim porque é longe das coisas.” (Questionário nº47) “É calmo. É bom de morar pra quem gosta de tranquilidade. Mas é um pouquinho morgado.” (Questionário nº48) “O Poço é ótimo, o Poço é calmo. Não é muito movimentado. Mas o povo daqui tem a língua muito grande.” (Questionário nº64) “O lugar é muito bom, é ótimo esse lugar. O que não presta são as pessoas que moram nele” (Questionário nº65)
Depoimentos que expressam explicitamente a falta de identificação com o local, a não apropriação do local	7	“ É muito morgado. Não tem nada aqui. Aqui é o fim do mundo.” (Questionário nº24) “É um lugar tranquilo demais pra se morar, sem nada pra fazer.” (Questionário nº25) “O Poço é um lugar chato, morgado e sem ninguém” (Questionário nº76)

Tabela 4.1 – Citações dos moradores da ZEIS quanto à apropriação social e Identidade da área. Fonte: a autora, 2009.

Ao analisar a tabela 4.1, aferimos que 40 moradores, dos 90 que responderam o questionário, possuem certa identificação com a ZEIS do Poço da Panela e o principal motivo para este fato é de que “todo mundo se conhece”, ou que o “Poço é calmo” e “tranquilo”.

Quando perguntados sobre a área onde moram, alguns trechos e palavras se repetiam constantemente: 35 pessoas utilizam em seu depoimento a frase “é bom de se morar” (mais 8 pessoas disseram que é “ótimo” de se viver e 2 ainda utilizaram a palavra “maravilhoso”), 19 falaram sobre o assentamento ser “calmo” (3 disseram ainda que é “sossegado”) e 16 utilizaram a palavra “tranquilo” para melhor descrever a área em que moram.

A respeito das relações com os vizinhos, 6 moradores comentaram o fato de todo mundo se conhecer, 2 disseram que “todo mundo se ajuda”, 2 falaram sobre as crianças poderem “brincar soltas nas ruas” pois todos estão sempre observando as crianças dos outros e 2 admitiram dormir com portas abertas, por confiar nos vizinhos e alguns até comentaram sobre o fato de ser “uma grande família”.

De acordo com Dos Santos (1985)¹⁶⁷, “todo grupo social tem uma versão de si mesmo, uma imagem que cultiva e que é difundida no discurso”. Esse depoimento no qual a comunidade “é uma grande família”, “um lugar onde todos se conhecem”, “acentua a solidariedade, o auxílio que se prestam mutuamente nas ocasiões de necessidade, a afeição que os une entre si e ao bairro”.

“O morar lado a lado definia-os todos como vizinhos. A categoria vizinhos, portanto, é entendida como algo mais que uma continuidade no espaço do habitat. Definia uma comunidade moral. As pessoas enquadradas nesta categoria reconhecem um conjunto de expectativas e obrigações mútuas. O que se acentuava na auto-imagem era exatamente a reciprocidade, a troca.”

DOS SANTOS (1985)¹⁶⁸

Esses laços de vizinhança fazem aumentar o sentimento de apropriação e de identificação dos moradores com a área em que vivem e a ZEIS do Poço da Panela é um caso destes. Dentre as 90 pessoas questionadas, apenas 7 pessoas alegam não se identificar com a área e os motivos mais freqüentes é de que o assentamento é muito “morgado” – palavra que apareceu em 7 depoimentos – e que existe muita gente “fofoqueira”, fato que foi mencionado 4 vezes.

¹⁶⁷ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 84.

¹⁶⁸ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 84.

4.1.3. Acessibilidade

Existem sete ruas que servem de acesso à ZEIS do Poço da Panela, como mostrado no mapa 4.1 a seguir. A maioria delas se caracteriza por ser muito estreita – com aproximadamente 2 metros de largura – e não tem aspecto convidativo, pois por ser estreita, a prefeitura não pode coletar o lixo, ainda agravado pelo fato dessas ruelas estarem sempre cheias de gente, sentadas nas calçadas, observando as ruas e quem passa por elas, e isso faz com que as pessoas que não vivem na área se sintam pouco à vontade em adentrar.

Todas as ruas que dão acesso ao assentamento são pavimentadas, com exceção de uma. Foram pavimentadas recentemente por obra da prefeitura, e algumas casas ainda tiveram suas fachadas pintadas e isso deu outro aspecto à área, assim como diminuiu as diferenças morfológicas entre o assentamento do Poço da Panela e o bairro no qual está inserido.

A primeira delas, no sentido norte e sul, é a Travessa Visconde Araguaia (ver foto 4.1), uma rua estreita que dá acesso ao assentamento por trás da igreja Nossa Senhora da Saúde. Ali existe apenas um pequeno número de casas que não têm ligação direta com as casas do restante do assentamento, por isso essa travessa não é muito mencionada pelos moradores.



Foto 4.1 – Acesso da Travessa Visconde Araguaia. Fonte: a autora, 2009.

Outro acesso é a Estrada Real do Poço que tem certo grau de importância no bairro do Poço da Panela como um todo e é a principal via de acesso ao mesmo. Ela é bastante larga e convidativa, passa na frente da Igreja Nossa Senhora da Saúde e termina na ZEIS do Poço da Panela, nas margens do rio Capibaribe. Porém, poucas são as pessoas que sabem que essa estrada se estende até a ZEIS, a maioria pensa que ela acaba nos limites da Igreja, pelo fato de ter características diferentes ao

adentrar na ZEIS, mudando o material de pavimentação de grandes pedras irregulares para paralelepípedos e sua largura passando de forma gradativa de aproximadamente 10 metros para 5 metros. Assim, como acesso ao assentamento, ela também não é considerada convidativa (ver foto 4.2).



Foto 4.2 – Acesso da Estrada Real do Poço.
Fonte: a autora, 2009.

A Rua Irmã Maria da Paz merece certo destaque. É uma rua muito movimentada, na qual existe uma diversidade de usos maior do que nas demais e é muito citada pelos moradores do assentamento. Na verdade, as únicas ruas da ZEIS com denominação própria (pois todas as outras derivam delas) são: Rua Irmã Maria da Paz, Estrada Real do Poço, Travessa Visconde Araguaia, Rua Marechal Bittencourt e Avenida Beira Rio, esta última a única localizada no interior do assentamento e, portanto, não sendo considerada rua de acesso (ver fotos 4.3).



Foto 4.3 – Acesso da Rua Irmã Maria da Paz.
Fonte: a autora, 2009.

As outras quatro ruas que dão acesso ao assentamento são todas denominadas Rua Marechal Bittencourt, que é a rua que tangencia a ZEIS e todas essas ruas são consideradas travessas desta principal. Os moradores sabem que a Prefeitura denominou cada uma dessas ruas que cortam área e que são perpendiculares à Rua Marechal Bittencourt, mas ninguém sabe informar os seus verdadeiros nomes.

A primeira delas, continuando a seqüência de norte a sul, denominada pelos moradores de Quarta Travessa Marechal Bittencourt, é a única rua ainda de barro e acessando ela, chega-se a um dos micro-territórios da ZEIS, o sítio, que veremos a seguir, e o final dela leva ao campo de Pelada (ver foto 4.4). As outras três ruas, a Terceira, a Segunda e a Primeira Travessa Marechal Bittencourt, dão acesso ao assentamento pelo micro-território da Vila. A forma mais fácil de se chegar ao bairro do Poço até esse ponto da ZEIS é através da Rua Virgílio de Oliveira, outra rua muito importante do bairro, assim como a Estrada Real do Poço (ver fotos 4.5, 4.6 e 4.7).



Foto 4.4 – Acesso da Quarta travessa Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.5 – Acesso da Terceira travessa Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.6 – Acesso da Segunda travessa Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.7 – Acesso da Primeira travessa Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.

É válido ressaltar que as diferenças morfológicas entre as quatro ruas citadas e a Rua Virgílio de Oliveira – sendo esta, parte do tecido formal do bairro – formam uma barreira psicológica sentida pelo transeunte, tornando a ZEIS – e os espaços livres contidos nela – simbolicamente acessíveis de forma irrestrita *apenas* aos seus moradores ou àqueles que são oriundos do mesmo estrato social (ver mapa 4.1).



4.1.4. Limites

Os limites da ZEIS do Poço da Panela são bem visíveis. Grande parte de seu perímetro possui um limite natural: o rio Capibaribe, pelo qual só é possível acessá-la quando o bote que faz a travessia do rio está em funcionamento. Os outros limites do assentamento são as próprias ruas ou lotes do mesmo, que funcionam como limites artificiais, que fisicamente, não são tão delimitadores como o rio, porém, simbolicamente, funcionam como uma grande barreira.

“Ruas servem como referenciais definidores dos limites de um determinado território. São também unidades de alto significado para quem sabe reconhecê-las. (...) Sustentam uma contradição, ao evocarem um modo de vida para o qual funcionam como emblema e rótulo.”

DOS SANTOS (1985)¹⁶⁹

É notória a mudança nas dimensões das ruas e dos lotes quando comparamos o bairro do Poço da Panela e o assentamento inserido nele. A morfologia da paisagem muda completamente ao observarmos a ZEIS, e é possível apreender muitas dessas modificações ao analisar o limite entre o bairro e a própria ZEIS.

Em geral, o assentamento está limitado por lotes. O limite mais visível entre a ZEIS e o restante do bairro do Poço da Panela é a Rua Marechal Bittencourt. Ao percorrer esta rua observa-se claramente a diferença entre o território da ZEIS e da cidade formal, caracterizada pelos muros altos de aproximadamente 3 metros de altura com cerca elétrica, pertencente às famílias de poder aquisitivo médio-alto e alto e do outro lado desta rua, no assentamento, a ausência de muros, ou apenas uma cerca demarcando o que é jardim e o que é rua.

Outra diferença é a dimensão das ruas, de um lado as ruas mais largas, todas pavimentadas, alinhadas por calçadas também largas e bem tratadas, arborizadas, e com mobiliário público, e do outro, ruas estreitas, com calçadas de largura ínfima e irregulares, nas quais nota-se a ausência de tais mobiliários.

Ainda outra característica que marca o limite entre estas áreas é a diferença de dimensão dos lotes, de um lado, lotes imensos, usados para a construção de jardins, piscinas e outros elementos de lazer de apoio às casas, chegando a maioria a ter mais de 1.000 m², e do outro, lotes bem estreitos de menos de 100m² cada, os quais, na maioria dos casos, são ocupados inteiramente pela construção da moradia (ver tabela 4.2)

¹⁶⁹ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 24.

Limite da Rua Marechal Bittencourt	
Olhando para a ZEIS	Olhando para o lado do bairro formal
 Imagem dos gradis e barras de madeiras, ambos a uma altura de aproximadamente 1 metro, fazendo permeável a visão de quem está em casa para a rua.	 Imagem dos muros altos de aproximadamente 3 metros de altura, e uma pequena reunião do pessoal da associação dos moradores, localizada no outro lado da rua (na ZEIS). Permanecem desse lado porque em alguns dias é sombreado e mais ventilado do que estar dentro da sede.
 Imagem das casas de porta e janelas e as ruas que tangenciam elas e nos leva diretamente ao campo de pelada.	 Imagem dos muros altos e sem nenhuma abertura visual para a rua. Portões eletrônicos e cercas elétricas de vigilância para a rua.
 Imagem das ruas estreitas (com aproximadamente 2 metros de largura), recentemente asfaltadas e calçadas de pouco mais de meio metro, pelas quais também passam as linhas de poste.	 Imagem da Rua Virgílio Oliveira, rua larga que chega até o limite do assentamento com quase 10 metros, e devidamente calçada com largura de quase 2 metros.

Tabela 4.2 – Limites físicos da Rua Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.

Para a maioria dos moradores da ZEIS, o “bairro” deles “termina no poste da Igreja”, que é até onde eles conhecem “todo mundo” e vivem em uma comunidade bastante homogênea. “Seu Edilson” Francisco Campos¹⁷⁰, morador da Vila, um dos micro-territórios existentes na ZEIS, há 13 anos, mas há mais de 30 anos, residente da área, fez um comentário interessante a respeito desse limite de bairro:

“O nosso bairro vem daqui (início da rua Marechal Bittencourt) até a Igreja. O Poço não é mais até a avenida não. O Poço pra gente que é assim, mais ou menos (pobre), é daqui até Cavani (ateliê perto da Igreja). A gente sabe que o limite é outro mas não considera.”

“Seu Edilson” (2008)

Essa delimitação do bairro apontado por alguns moradores, de certa forma, demonstra a apropriação desta área, que pertence a eles. O Poço da Panela é o “canto” deles. O limite dado pela prefeitura ao bairro do Poço simplesmente não é reconhecido por eles e o bairro deles passa a ser aquela área que compreende o assentamento.

Os limites aí encontrados, além de físicos, como já demonstrados acima, são também simbólicos. Além dos muros mais baixos ou a total ausência deles, dos lotes menores e das ruas mais estreitas, a forma de viver dos moradores do assentamento difere totalmente da forma de quem vive fora dele, no restante do bairro do Poço da Panela. Enquanto os moradores da ZEIS vivenciam as ruas e calçadas, e passam grande parte do dia na frente de suas casas, encontrando-se e conversando com os vizinhos, os que moram na área do restante do bairro não costumam sair de suas casas a pé, ou se o fazem, é por algum propósito prático de precisar ir a algum lugar.

O limite simbólico mostra claramente essa diferença de se viver o espaço livre, desde as ruas e as calçadas, bem como as praças e o pátio existentes nessa área limítrofe. Esse limite está intrinsecamente ligado à sociabilidade que nos propomos a analisar, entre os moradores da ZEIS e os que moram fora dela, e juntamente com a apropriação social, a identidade e a acessibilidade, correspondem às dimensões características das territorialidades existentes nesses espaços, conferindo-lhes o caráter público ou não. São estas especificidades que caracterizam a ZEIS como um território à parte do restante do bairro onde está inserida. Apesar deste território ser apropriado pela maioria de seus moradores que se identificam com o local, os espaços livres nele inseridos não induzem à sociabilidade uma vez que o uso “público” destes espaços não possui uma acessibilidade irrestrita.

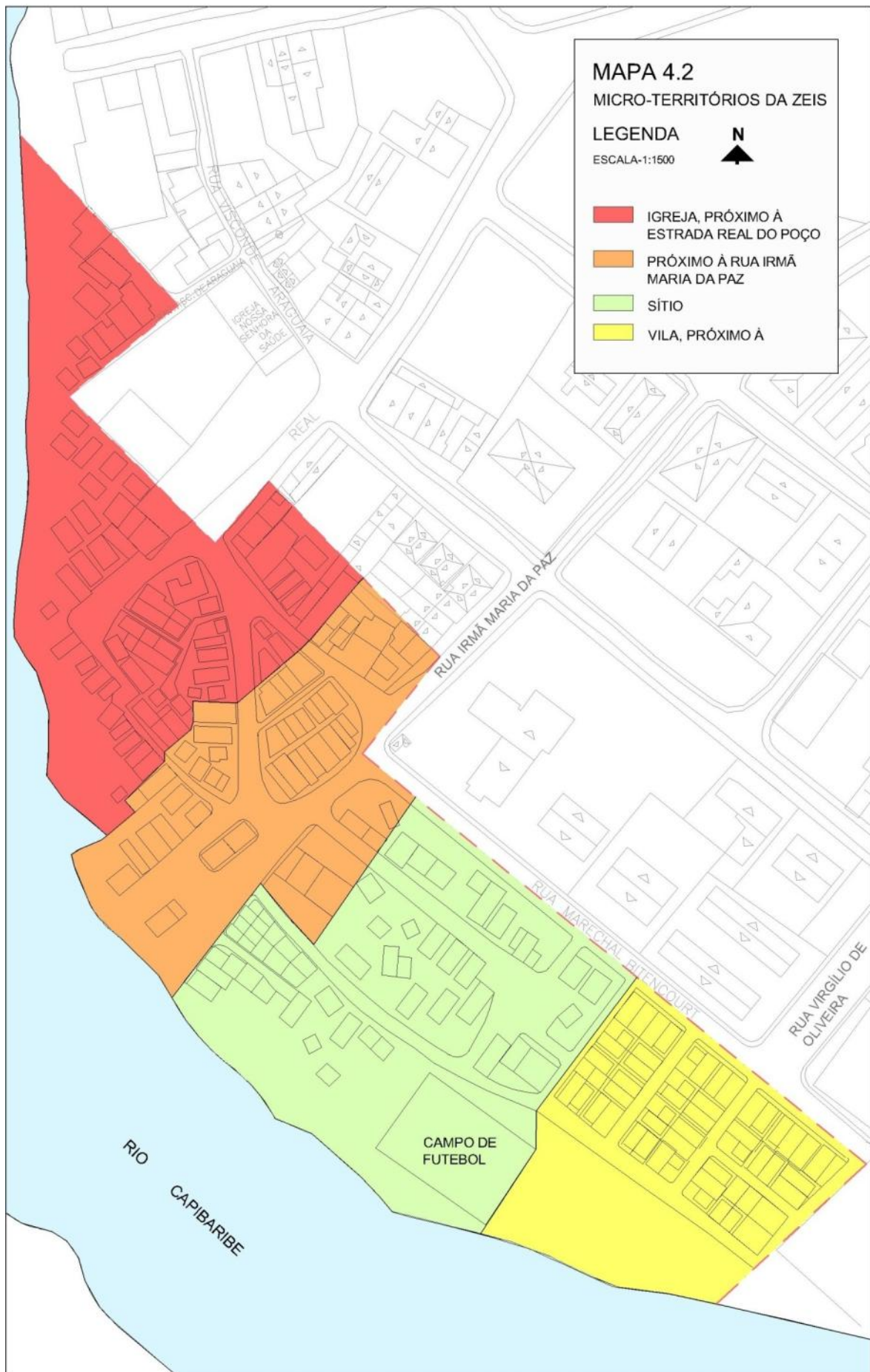
¹⁷⁰ Questionário nº 04

4.2. OS MICRO-TERRITÓRIOS EXISTENTES NA ZEIS DO POÇO DA PANELA

Ao analisar a área que compreende o território da ZEIS do Poço da Panela, observa-se a sua divisão em micro-territórios, devido às diferenças morfológicas das quadras e do período de formação de cada um deles. No total identificamos quatro micro-territórios que foram apreendidos na medida em que foi perguntado aos moradores através do questionário semi-estruturado, o seu local de residência (ver mapa 4.2):

- (1) O micro-território dos que moram próximos à Igreja Nossa Senhora da Saúde, onde todas as ruas, becos e vielas são considerados Estrada Real do Poço;
- (2) O micro-território dos que moram próximos à Rua Irmã Maria da Paz e assim como acontece com a Estrada Real do Poço, esta rua é endereço de todas as residências da área, mesmo as localizadas em ruelas secundárias;
- (3) O micro-território que compreende o que os moradores chamam de sítio, local que evoca uma paisagem interiorana, com vegetação frondosa, ruas de barro e muito tortuosas, sem nenhum planejamento visível. Abrange a área onde vivem alguns dos moradores mais antigos. Três grandes famílias se auto-declaram proprietárias desta área, incluindo o campo de pelada que uma determinada família exerce sua posse, pois não pode pertencer a nenhuma família, já que por estar situado na margem do rio é considerado terreno de marinha;
- (4) E finalmente, o micro-território que compreende a Vila, construída há pouco mais de 10 anos para abrigar os moradores que viviam em barracos de madeira na margem do rio. Este se diferencia dos demais micro-territórios por possuir traçado ortogonal, contendo ruas, calçadas e mobiliário urbano adequado.

Cada um destes micro-territórios da ZEIS do Poço da Panela possui algumas características próprias, mas somente são percebidas com um conhecimento mais aprofundado da área. Notamos que os moradores de cada território costumam frequentar espaços livres diferentes, de acordo com a maior proximidade do local de residência a estes espaços, fato este que não poderia deixar de ser, à medida que os espaços existentes no assentamento são pequenos recantos, espaços residuais, trechos de ruas e calçadas, sem atrativo algum, utilizados apenas para encontros de alguns grupos de moradores.



Maria da Saúde¹⁷¹, moradora da ZEIS desde que nasceu, vivendo no primeiro micro-território descrito, localizado próximo a Igreja Nossa Senhora da Saúde, diz que é muito difícil ir “para aquelas casas lá debaixo”, ao se referir ao micro-território da Vila. “Eles é que vêm muito de lá pra cá quando tem festa”.

O mesmo acontece com os moradores do que chamamos de território dos residentes da proximidade da Rua Irmã Maria da Paz. Em geral eles não saem dali. Muitos jogam futebol no campo de pelada, ou conversam no pátio da Igreja, mas na maior parte do tempo estão nesta rua, formando um aglomerado de gente durante todo o dia.

“Seu Eli” Francisco da Silva¹⁷², ao falar dessas subdivisões da área, como morador do sítio, diz: “em Biu Coió eu não vou não. Não me sinto bem lá na frente”, sendo “Biu Coió” um bar localizado próximo à Igreja Nossa Senhora da Saúde, e, portanto, em outro território da ZEIS, sendo assim, freqüentado por outros moradores. Ao ser perguntado sobre o micro-território da Vila, também vemos uma diferenciação nas palavras de “Seu Eli”, “o pessoal da Vila é adolescente pra gente aqui”. Fazendo referência ao pouco tempo da construção da vila, quando comparada às outras áreas do assentamento.

Não seria correto dizer que esses micro-territórios não possuem ligações entre si, pois todos os quatro são interligados. Porém é correto afirmar que cada um possui características distintas. Na Vila, por exemplo, existe apenas um telefone público e, como a maioria dos moradores não possui este tipo de aparelho em suas casas, “Dona Zuleide”¹⁷³, que mora na casa que fica em frente ao tal telefone é a chamada “Telefonista da área”. “Se alguém liga e diz: quero falar com fulano! Eu digo: perai, vou chamar!” e Janaína Alves da Silva¹⁷⁴, fica muito grata com o serviço que a vizinha presta aos moradores da Vila.

Esses são os quatro micro-territórios que subdividem a área do assentamento do Poço da Panela. A seguir, destacamos os espaços livres encontrados durante a pesquisa de campo, tendo por base técnicas de observação direta e aplicação de questionários com uma amostra de mais de 10% da população selecionada aleatoriamente.

¹⁷¹ Questionário nº 44

¹⁷² Questionário nº 15

¹⁷³ Questionário nº 27

¹⁷⁴ Questionário nº 29

4.3. OS ESPAÇOS LIVRES EXISTENTES NA ZEIS DO POÇO DA PANELA

Os espaços livres do assentamento reforçam a idéia de territorialidade. Analisamos estes espaços da ZEIS do Poço da Panela que atraem alguma aglomeração de pessoas e constatamos que os mesmos, em geral, funcionam como extensão da própria casa do morador, sendo utilizados os espaços das moradias e estendendo-se até a rua, ou calçada, para realizar alguma atividade que a área restrita da moradia não comporta. As ruas do assentamento, portanto, ganham uma enorme importância devido à exigüidade das moradias e da necessidade de utilizá-las para outra função que não seja a de passagem.

Segundo Dos Santos (1985)¹⁷⁵, a palavra rua vem do latim *ruga*, primitivamente o sulco situado entre dois renques de casas ou muros em uma povoação qualquer, mas esse conceito se modifica completamente ao adentrar em algum assentamento popular. Ao analisar a ZEIS do Poço da Panela é impossível imaginar a moradia sem a rua como espaço e apoio das atividades domésticas. A importância delas para os moradores da ZEIS pode ser percebida pela constatação da quantidade de atividades e significados para os quais servem de apoio ou de lócus.

O autor (DOS SANTOS, 1985)¹⁷⁶ segue dizendo que uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão “alma da rua” significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções. Ruas têm caráter e podem ser agitadas, tranquilas, sedes de turmas, pontos e territórios (BRIGGS, 1972)¹⁷⁷. A par de caminhos, são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo. Um “microcosmo real” de espaços e relações (JACOBS, 1973)¹⁷⁸ que tem a ver com repouso e movimento, com dentro e fora, com intimidade e exposição.

Apesar de todas as ruas do assentamento possuírem uma vivacidade distinta do restante do bairro do Poço da Panela, algumas merecem destaque por serem as mais evidenciadas pelos moradores: a Travessa Visconde Araguaia, a Estrada Real do Poço, a Rua Irmã Maria da Paz, a Rua Marechal Bittencourt, e a Rua Beira Rio. É interessante notar que todas elas, com exceção da Rua Beira Rio, dão acesso ao assentamento ou estão localizadas em seu limite (ver mapa 4.3).

¹⁷⁵ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 24.

¹⁷⁶ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 24.

¹⁷⁷ BRIGGS, A. “A humanização do meio ambiente”. São Paulo: Cultura. 1972.

¹⁷⁸ JACOBS, J. Op. Cit., 2001.



A travessa visconde Araguaia é muito utilizada principalmente pelas crianças que moram mais próximas a ela e passam suas tardes de lazer brincando e jogando dominó e baralho em mesas improvisadas. Os adolescentes também gostam de ficar por lá e costumam pegar mangas e outras frutas cultivadas no quintal da Igreja Nossa Senhora da Saúde que dá seus fundos para esta rua (ver fotos 4.8 e 4.9).



Foto 4.8 – Crianças na Travessa Visconde Araguaia.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.9 – Crianças e adolescentes na Travessa Visconde Araguaia.
Fonte: a autora, 2009.

A Estrada Real do Poço possui uma grande diversidade de usos; é nela onde está localizada a Igreja Nossa Senhora da Saúde e o seu pátio – local das maiores festas do bairro como um todo – e ainda alguns bares (Barraca de “Seu Vital” e Bar de “Biu Coió”) o que dá a ela ainda mais movimento. O fim dela dá no recanto da fofoca, um espaço singular da ZEIS. Essa rua é freqüentada por gente de todas as idades, desde idosos até bebês com seus pais. As pessoas costumam ficar na frente de suas casas, cumprimentando umas às outras e é a rua mais visitada por turistas e curiosos, artistas e fotógrafos que querem conhecer a área (ver fotos 4.10 e 4.11).



Foto 4.10 – Estrada Real do Poço e o pátio da Igreja em época de festa.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.11 – Pessoas na Estrada Real do Poço.
Fonte: a autora, 2009.

A Rua Irmã Maria da Paz possui também uma grande diversidade de usos; o mercadinho de “Tonho” funciona ali, assim como outros pequenos pontos comerciais

informais. Por ser uma rua bastante sombreada, ela nunca está deserta: sempre tem pessoas sentadas nas calçadas ou no próprio chão, conversando e trocando idéias, independente do dia e da hora (ver fotos 4.12 e 4.13).



Foto 4.12 – Rua Irmã Maria da Paz de esquina com a Rua Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.13 – Pessoas na Rua Irmã Maria da Paz. Fonte: a autora, 2009.

A Rua Marechal Bittencourt é um dos principais limites do assentamento. É nela onde se encontra a associação dos moradores, bem como vários pontos comerciais e de serviços, como o bar da “Beata”, o cabeleireiro “das três irmãs” e o mercado de “Mila”. Esses usos combinados, unidos à maior largura da rua e das calçadas, fazem com que esta rua seja também muito movimentada. Muitos idosos, adultos e adolescentes nas calçadas, crianças brincando, ora na rua ora nas calçadas com baralhos e dominós (ver fotos 4.14 e 4.15).



Foto 4.14 – Crianças na Rua Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.15 – Adolescentes na Rua Marechal Bittencourt. Fonte: a autora, 2009.

Por fim, a Rua Beira Rio, esta é a única rua que tem denominação própria na vila. Ela é paralela ao rio Capibaribe, daí seu nome. É ao longo desta rua que está localizado o campo de pelada, sendo assim, ainda mais freqüentada em dias de campeonatos ou jogos de futebol. Não possui a mesma característica das demais ruas citadas de acordo com a diversidade de usos, pois é uma rua totalmente residencial.

Porém possui um fator diferenciado que a torna particularmente agradável, sua vegetação frondosa que dá diretamente para o rio Capibaribe, sendo assim, além de sombreada, ventilada. (ver figuras 4.16, 4.17, 4.18 e 4.19).



Foto 4.16 – Pessoas na Rua Beira Rio em frente ao campo de pelada. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.17 – Bicicletas na Rua Beira Rio. Fonte: a autora, 2009.

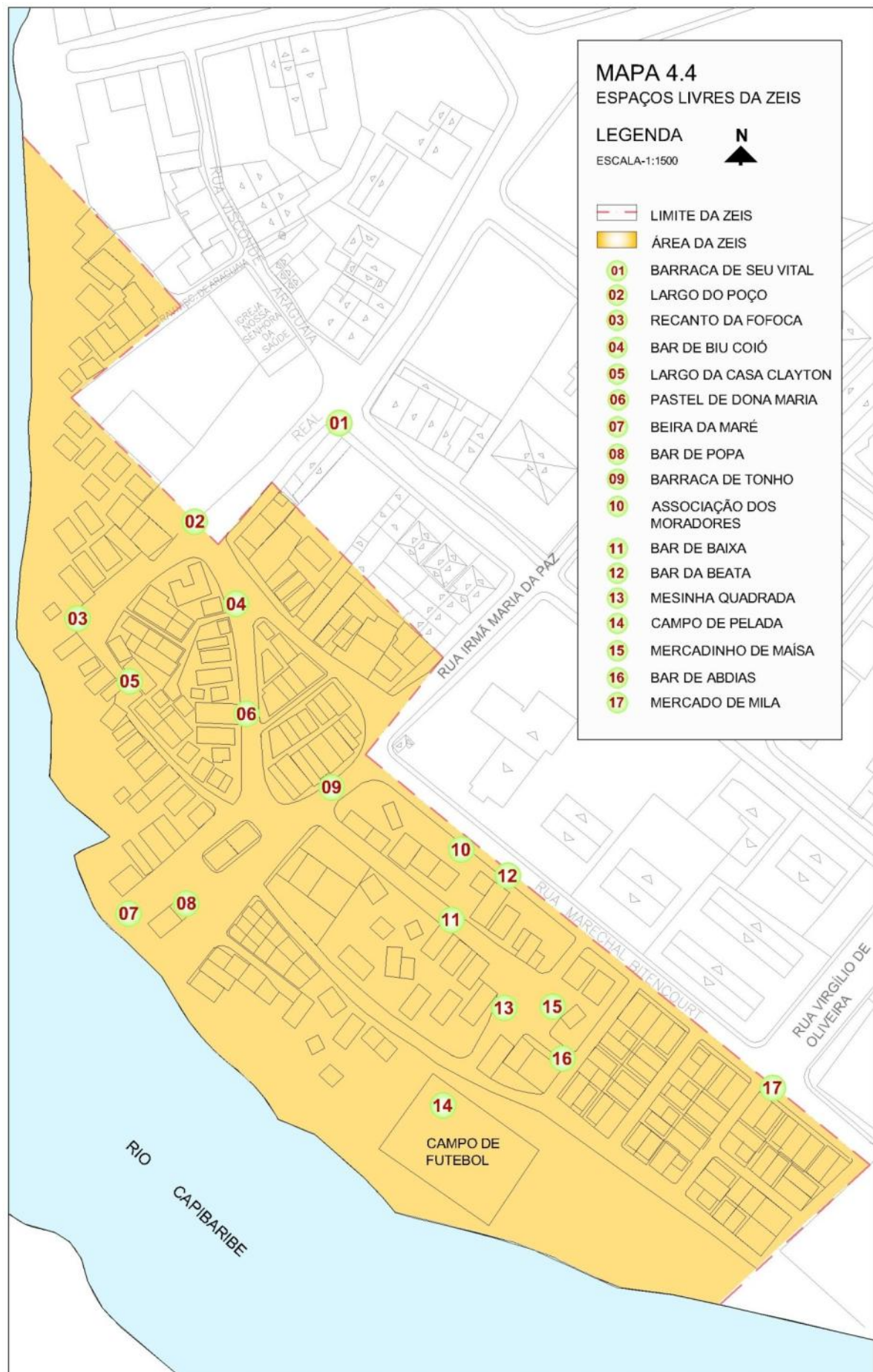


Foto 4.18 – Música na Rua Beira Rio. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.19 – Piscina na Rua Beira Rio. Fonte: a autora, 2009.

A partir de conversas com os moradores, bem como através dos depoimentos conseguidos com a aplicação do questionário semi-estruturado, podemos descobrir vários recantos nos quais os moradores da ZEIS costumam passar o tempo. A maioria deles são trechos de ruas e calçadas e estão demarcados no mapa a seguir (ver mapa 4.4).



O *ponto 1* demarcado no mapa é o único ponto que pela legislação, não está inserido no assentamento, mas ele é de tamanha importância para a população residente, que foi considerado por nós como o primeiro espaço livre. A calçada da barraca de “Seu Vital”, apesar de muitos moradores comentarem sobre a elitização desse espaço que vem ocorrendo nos últimos anos, por conta da grande clientela de média e alta renda que costuma frequentar o local nos finais de semana, também é frequentada por alguns moradores da ZEIS (ver fotos 4.20 e 4.21).



Foto 4.20 – “Barraca de Seu Vital” durante a semana. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.21 – “Barraca de Seu Vital” durante o fim de semana. Fonte: a autora, 2008.

O *ponto 2* é o largo do Poço. Na ponta do pátio da igreja, na parede da última casa do limite da ZEIS, muitos moradores se encostam debaixo de uma frondosa árvore, onde já existem inclusive bancos improvisados. A maioria dos que permanecem nesses espaços são homens, apesar de muitas mulheres passarem por aí, principalmente para utilizar o telefone público, instalado ao lado da árvore. Nos fins de semana, o carrinho de espetinho de Marconi aparece na cena e faz aumentar o movimento do lugar. É aí também onde alguns moradores lavam seus carros ou prestam serviço lavando o carro de terceiros, ou seja, é um lugar de inúmeras atividades (ver fotos 4.22 e 4.23).



Foto 4.22 – “Largo do Poço” durante a semana. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.23 – “Largo do Poço” durante o fim de semana com uma piscina montada. Fonte: a autora, 2008.

O ponto 3 varia de nome, entre “Recanto da fofoca”, “pracinha da fofoca” ou ainda “pracinha do fuxico”. Este é um dos mais organizados espaços livres da área. Alguns meninos da comunidade, há cerca de três anos atrás, fizeram um trabalho de mosaico num grande muro-painel, onde foram colocados alguns bancos e uma mesinha, e isso deu ao lugar um encanto próprio. Moisés¹⁷⁹, um adolescente de 19 anos, conta orgulhoso, que chegou um dia da escola e viu que estavam quebrando azulejos coloridos e colando no local, ele, assim como outros colegas de mesma idade, se juntou ao grupo liderado por um casal de “pessoas de fora” que tiveram essa iniciativa de embelezar aquele lugar. Ele e alguns colegas toparam ajudar e até hoje seus nomes estão gravados na obra (ver fotos 4.24 e 4.25).



Foto 4.24 – “Recanto da Fofoca” durante a semana. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.25 – “Recanto da Fofoca” durante o fim de semana. Fonte: a autora, 2009.

O ponto 4, com 20 anos de existência, é um dos inúmeros bares existentes no assentamento: o bar de “Biu Coió”. Tem suas portas abertas todos os dias da semana e é o bar que tem mais clientes assíduos diariamente. Pelo menos uma ou duas mesas colocadas na rua estão sempre lotadas de gente jogando dominó, por sinal, o jogo de mesa mais comumente praticado pela comunidade (ver fotos 4.26 e 4.27).



Foto 4.26 – “Bar de Biu Coió” durante a semana. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.27 – “Bar de Biu Coió” durante o fim de semana. Fonte: a autora, 2009.

¹⁷⁹ Questionário n°60

O *ponto 5* foi destacado por alguns adolescentes da área como sendo o lugar onde eles mais ficam, trata-se de um lugar bem peculiar por ser um largo no meio de um beco estreito de pouco mais de um metro de largura. É denominado o “largo da casa de Clayton”, por este morar exatamente na frente deste largo, e ainda, por sua casa estar constantemente recebendo clientes, da barraca que funciona no portão de sua casa (ver fotos 4.28 e 4.29).



Foto 4.28 – “Largo da casa de Clayton”, à dir., a barraca na porta. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.29 – Outro ângulo do “Largo da casa de Clayton”. Fonte: a autora, 2009.

Nos finais de semana, outros moradores do largo também o utilizam. Colocam um som potente no terraço da casa, montam uma mesa no largo com algumas cadeiras e compram cerveja para passar o tempo conversando com amigos. E o largo, que durante a semana é tomado por adolescentes que se encontram na frente da casa de “Clayton”, passa a ser também um espaço de adultos (ver foto 4.30).



Foto 4.30 – “Largo” durante o fim de semana. Fonte: a autora, 2009.

O *ponto 6* é a tenda móvel colocada por “dona Maria” todas noites durante a semana e nos finais de semana também durante o dia, na qual ela monta seu cardápio de batatinhas e pasteizinhos feitos na hora em uma grande panela de óleo. A tenda é interessante porque passa o dia dentro da casa, sombreando o jardim, e à noite ela puxa para a calçada, quase sem nenhum trabalho, sob a qual arruma uma mesa, a panela e alguns guardanapos (ver foto 4.31).



Foto 4.31 – “Pastel de Dona Maria” em uma noite de semana. Fonte: a autora, 2008.

O ponto 7 demarcado no mapa é a beira do rio, conhecida pelos moradores da ZEIS como “beira da maré” onde até o ano passado funcionava o bote, porém por problemas financeiros, parou de funcionar. “Necessita de reparos, que custam, em média, 3000 reais”, diz “Seu Severino” José da Silva¹⁸⁰, dono do bote e de algumas das terras do dito “sítio”. A travessia durava aproximadamente 10 minutos até o outro lado do rio, quem tomava conta era Natal, seu filho, que já chegou a transportar diariamente 300 passageiros. Custava 1 real cada deslocamento e funcionava das 6 às 18 horas. Alguns anos atrás, o horário do bote era até 22 horas, mas por conta da violência, pouco a pouco o horário de funcionamento foi reduzindo. Hoje em dia o ponto do bote é o local onde o rio é mais visível e se pode ver a outra margem. É uma vista bucólica e algumas pessoas gostam de contemplá-la (ver fotos 4.32 e 4.33).



Foto 4.32 – Bote de travessia do rio Capibaribe na “Beira da maré”. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.33 – Religiosos pregando na “Beira da maré”. Fonte: a autora, 2009.

O ponto 8 é uma continuação do ponto 7, e atualmente está quase que permanentemente fechado. É o “Bar de Popa”. De todos os bares da comunidade, esse é o que proporciona uma vista mais bonita e é, sem dúvida, o mais agradável. Está localizado quase que na margem do rio, no final da Rua Irmã Maria da Paz. Foi

¹⁸⁰ Questionário n°79

citado por vários moradores e possivelmente voltará a funcionar mais regularmente, por isso, foi incluído também, na lista (ver foto 4.34).



Foto 4.34 – “Bar de Popa” que atualmente está sem funcionamento. Fonte: a autora, 2008.

O ponto 9 se dá na “Barraca de Tonho”, um mercadinho bem aceito pela comunidade, o mais “em conta”, como dizem os moradores por ser o que sempre vende fiado a todos os moradores e “Tonho” é bem querido na comunidade por esse feito. Ele abre o local todos os dias, sem exceção, às 6 horas da manhã, para que as crianças da comunidade comecem ai antes de ir para escola, e só fecha às 21 horas.

“Seu Tonho”¹⁸¹ possui esse lugar, inicialmente vendia apenas verdura, e hoje em dia, há mais de dois anos, virou um mercado de necessidades mais cotidianas. Ele compra as mercadorias principalmente na Ceasa e na Avenida Norte, e o pão, ele vai pegar diariamente, diretamente do forno da padaria, no bairro vizinho, em Casa-Forte.

A “Barraca de Tonho” se constitui um ponto muito importante pelo fato de estar localizada numa das ruas mais movimentadas do assentamento – a Rua Irmã Maria da Paz – e sempre congrega um grande número de pessoas. Além disso, a rua é cheia de gaiolas de passarinhos, patos, guaiamuns e caranguejos pescados no Rio Capibaribe, que a distingue ainda mais das demais (ver foto 4.35).



Foto 4.35 – “Barraca de Tonho” na Rua Irmã Maria da Paz. Fonte: a autora, 2009.

¹⁸¹ Questionário nº77

O *ponto 10* é a associação de moradores da comunidade. Ela se localiza na rua limite que separa a comunidade do restante do bairro: a Rua Marechal Bittencourt, e por conta disso, a sua calçada está sempre bem movimentada. Lá, além da distribuição do leite (nas terças, quintas e sábados) ainda há o “sopão” da quinta à noite, todos patrocinados pelo atual vereador que apóia a associação do local, Augusto Carreras. Ainda oferece aulas de judô, karatê e outras atividades do mesmo tipo, além de aulas de danças e o coral, ambos duas vezes na semana. Nos finais de semana se dão as swingueiras de axé para o público jovem da área (ver foto 4.36).

Não é preciso mais para explicar a vivacidade desta rua, com gente entrando e saindo constantemente da associação. Sem dúvida, este espaço oferece muitas atividades para os mais jovens, motivo pelo qual muitos moradores mais antigos reclamam da associação, por ser voltada totalmente para as crianças e adolescentes do assentamento, esquecendo dos demais moradores.



Foto 4.36 – “Associação dos moradores”.
Fonte: a autora, 2008.

O *ponto 11* identificado é outro barzinho bastante freqüentado na área: o “Bar de Baixa”. Pertencia ao pai dele e atualmente, ao próprio “Baixa” – como o chamam – e existe há três anos. As mesas do bar ocupam todo um trecho da rua e torna-se difícil a passagem. Mesmo fechado, esse ponto é uma referência: os moradores costumam colocar as cadeiras na frente do local, onde se reúnem. A rua onde está localizado o bar faz parte do chamado “sítio” e, portanto, apenas familiares habitam o local (ver fotos 4.37 e 4.38).

É possível ver aí criações de cavalos e outros animais, como um verdadeiro sítio, ainda, notamos a presença de uma máquina de lavar, nova, ao ar livre, deixada lá por Cibele – sobrinha de Baixa – dia e noite. Ela diz não se preocupar em deixar fora de casa a tal máquina, pois ninguém rouba nada por ali.



Foto 4.37 – “Bar de Baixa” durante a semana.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.38 – Crianças na frente do “Bar de Baixa”. Fonte: a autora, 2009.

O ponto 12 que foi identificado é o “Bar da Beata”, funcionando quase ao lado da associação de moradores contribuindo ainda mais com o movimento de uma das três principais ruas do assentamento, a Rua Marechal Bittencourt. Tanto o bar de “Baixa” quanto o da “Beata” pertencem a membros da mesma família. “Baixa é meu irmão e Beata é minha tia” diz “Seu Marcos” Vieira da Silva¹⁸² (ver foto 4.39).



Foto 4.39 – “Bar da Beata” temporariamente fechado. Fonte: a autora, 2009.

O ponto 13 é a chamada “mesinha quadrada”, construída por “Seu Eli”, também morador do chamado “sítio”. Ele construiu a tal mesinha há alguns meses atrás para juntar os vizinhos nos finais de semana. A idéia funcionou e esse é mais um espaço livre a ser considerado na ZEIS do Poço da Panela. Bem embaixo de um frondoso pé de azeitona, a mesinha torna-se muito agradável, ainda mais porque todos se juntam, fazem churrasco e trazem algumas cervejas para pôr para gelar em algum isopor (ver fotos 4.40, 4.41, 4.42 e 4.43).

¹⁸² Questionário nº32



Foto 4.40 – “Mesinha quadrada”. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.41 – “Mesinha quadrada” e o campo de pelada ao fundo. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.42 – Churrasco na “Mesinha quadrada”. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.43 – Churrasco na “Mesinha quadrada”. Fonte: a autora, 2009.

O *ponto 14* é o principal espaço livre localizado na ZEIS do Poço da Panela: o campo de pelada. Alguns moradores dizem pertencer a “Seu Abdias”, patriarca de uma das famílias que se diz dona da área do sítio, e tudo ao redor do campo de pelada está vinculado a esta família: o próprio campo, o “Bar de Abdias”, localizado em frente ao mesmo e o mercado Nossa Senhora da Saúde, também conhecido como mercadinho de Maisa (todos os donos são irmãos e herdeiros do finado “Seu Abdias”) (ver fotos 4.44, 4.45, 4.46 e 4.47).



Foto 4.44 – Campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.45 – Jogos no campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.46 – Jogos no campo de pelada.
Fonte: a autora, 2008.



Foto 4.47 – Concentração dos jogadores no bar de “Abdias”, com vista para o campo de pelada.
Fonte: a autora, 2008.

O *ponto 15* é o já mencionado mercadinho de “Maisea”¹⁸³, o maior mercado da área, que existe há 10 anos. O sonho de “Dona Maisea” sempre foi construir esse mercado, e finalmente conseguiu. “Dona Maisea” compra todas as mercadorias em Casa Amarela ou no Hiper Casa Forte, daí alguns moradores reclamarem dos preços de seus produtos, visto que “Tonho”, o dono do outro mercado, faz compras na Ceasa. Hoje, o mercado é ponto de encontro de mulheres da comunidade, a frequência de pessoas neste local é intensificada pela existência do “bar de Abdias” localizado em frente. Por estes motivos a área livre que circunda tais locais torna-se altamente atrativa para as pessoas permanecerem (ver foto 4.48).



Foto 4.48 – “Mercadinho de Maisea”. Fonte: a autora, 2009.

O *ponto 16* é o já mencionado “Bar de Abdias”, que com a sua morte, passou para seu filho, “o mudinho”, porém, o nome de Abdias permaneceu. Segundo “Seu Carlos” Inácio Pereira da Silva¹⁸⁴, mais conhecido como “Carne de boi”, “no bar de Abdias dá de tudo, tem até umas pessoas ricas que vêm pra cá também beber, o

¹⁸³ Questionário nº20

¹⁸⁴ Questionário nº19

pessoal da INABI¹⁸⁵ mesmo...”. Durante os dias da semana o bar não funciona, em contrapartida, a larga calçada entre o bar e o mercadinho dá lugar ao jogo de dominó das mulheres que acontece diariamente, no qual homem não entra, segundo elas, porque “jogar com homem sempre dá confusão”. “Dona Lúcia” Maria de Luna¹⁸⁶ chama essa Calçada de “Calçadão da fama”, ela pertence ao grupo do dominó junto a mais uma dezena de mulheres (ver fotos 4.49 e 4.50).



Foto 4.49 – “Calçadão da Fama”. Fonte: a autora, 2009.



Foto 4.50 – Mulheres jogando dominó no “Calçadão da Fama”. Fonte: a autora, 2009.

O ponto 17 do mapa é o “Mercadinho de Mila”, cujo dono é “Seu William (Mila)” Severo da Silva¹⁸⁷. A respeito do fato de colocar mesas na via pública, segundo “Seu Mila”, “estamos tentando. Às vezes a gente bota no sábado e dá um lucro danado. De vez em quando a gente bota uma televisão com DVD aqui na frente”. A idéia é de “comprar uma churrasqueira e voltar a colocar mesas na rua” – a Rua Marechal Bittencourt – pois chama mais atenção e atrai clientes não só da comunidade como de fora, visto que o “Mercadinho de Mila” localiza-se na esquina da Rua Virgílio de Oliveira, um importante de acesso à ZEIS (ver foto 51).



Foto 4.51 – “Mercadinho de Mila”. Fonte: a autora, 2009.

¹⁸⁵ Conjunto residencial construído para a população de renda média, situado no bairro do Poço da Panela.

¹⁸⁶ Questionário n°21

¹⁸⁷ Questionário n°30

Esses 17 pontos demarcados no mapa e comentados um a um acima correspondem a todos os pontos de aglomeração da comunidade no assentamento do Poço da Panela.

A grande quantidade de espaços de aglomeração dos moradores, formando espaços livres, se dá principalmente a um motivo mais evidente: a exigüidade das dimensões das moradias e, portanto, a necessidade das pessoas ficarem o mais tempo possível fora de suas casas. Alguns dos espaços livres citados foram formados estritamente com a finalidade de lazer, como é o caso do “Largo do Poço” (Ponto 2), no “Recanto da fofoca” (Ponto 3), no “Largo da casa de Clayton” (Ponto 5), na “Beira da maré” (Ponto 7), a “Mesinha quadrada” (Ponto 13) etc.

Muitos moradores colocam suas cadeiras de balanços na calçada para ficar conversando com os vizinhos e observando o movimento de pessoas na rua. As casas, em geral, são muito pouco iluminadas ou ventiladas, o que dá uma sensação desagradável ao ficar muito tempo dentro delas, daí a razão para que os moradores passem tanto tempo fora das mesmas. Esse é um costume verificado não apenas na ZEIS do Poço da Panela, mas em todos os assentamentos populares. Nessas áreas, os moradores permanecem muito tempo fora de suas casas, e o mínimo de tempo possível dentro delas. Sobre esse costume de permanecer na rua, Diniz (2007) comenta:

“É comum percebermos curiosamente nas ruas dos bairros populares (...), a circulação numerosa de pedestres transitando constantemente pelas calçadas, sobretudo, nas ruas onde se concentra um número bem acentuado de atividades comerciais; notamos também, nesses espaços, a presença de moradores parados nas portas de suas casas conversando com vizinhos; crianças correndo e brincando pelas praças e ruas pouco estruturadas; homens conversando, discutindo, se desentendendo, rindo, bebendo, jogando nas portas das pequenas bodegas e bares localizadas nas esquinas das ruas do lugar.”

DINIZ (2007)¹⁸⁸

Outros espaços livres, porém, surgiram a partir da necessidade de subsistência e assim foram formados pontos de comércio e serviço, como o “Mercadinho de Tonho” (Ponto 9), o “Mercadinho de Maisa” (Ponto 15) e o “Mercadinho de Mila” (Ponto 18). Tanto os mercadinhos como as inúmeras barracas e bares informais que foram surgindo ao longo dos anos, como a “Barraca de Seu Vital” (Ponto 01), o “Bar de Biu Coió” (Ponto 04), o “Pastel de Dona Maria” (Ponto 06), o “Bar de Popa” (Ponto 08), o “Bar de Baixa” (Ponto 11), o “Bar da Beata” (Ponto 12) e o “Bar de Abdias” (Ponto 16).

¹⁸⁸ DINIZ, Lincoln D. S. in SÁ, Alcindo J. D. (Org), “Por uma geografia sem cárceres públicos ou privados”. Recife: 2007, p.205.

Existem ainda várias atividades informais que vez por outra são realizadas nas ruas e calçadas, como consertos de carros e eletrodomésticos e ainda outras que não podemos verificar, pois muitos delas funcionam de maneira “oculta” numa “associação que está implícita para os que conhecem o assentamento”. Como diz Dos Santos (1985)¹⁸⁹, assim, todo mundo sabe que, por exemplo, “na casa de Toninho funciona uma tinturaria, mas isso não é perceptível para o estranho”. O comércio e serviço é, portanto, uma atividade muito corrente, que usualmente, utiliza-se a calçada para estender um pouco mais a venda e dar mais visibilidade à mesma.

Por fim, outro uso dos recantos, becos, ruelas, ruas e calçadas que ainda não foi citado, e que, de certa forma, dá vida aos espaços livres da ZEIS do Poço da Panela é o de lavar e estender roupas, ou mesmo de cozinhar e lavar pratos, costume muito corriqueiro na área. Como diz Dos Santos (1985)¹⁹⁰, grande parte das moradias não possui quintais e têm lotes muito estreitos e a rua, portanto, “se converte num quintal sem muros”.

4.3.1. Intensidade de utilização dos espaços livres

Para verificar a intensidade de utilização dos espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela, subdividimos a análise, principalmente, de acordo com as faixas etárias utilizadas na tabulação dos 90 questionários semi-estruturados aplicados na comunidade: bebê, criança, adolescente, adulto e idoso. É preciso ressaltar, portanto, que tanto o gênero como a faixa de renda dos usuários foram levados em consideração e mencionados quando necessário.

Todos os espaços livres utilizados pelas crianças dentro da comunidade se resumem ao campo de pelada e às ruas, em geral, principalmente às ruas que dão de frente para as suas casas. De todas as 20 crianças entrevistadas, 41% utilizam o campo todos os dias, outras 53% o utilizam uma ou mais vezes na semana e apenas 6% disseram que nunca vão lá. Algumas treinam e jogam futebol, outras apenas assistem jogos, durante os períodos ociosos, sendo o campo um ótimo lugar para se empinar pipa (ver gráfico 4.1).

¹⁸⁹ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 69.

¹⁹⁰ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 53.

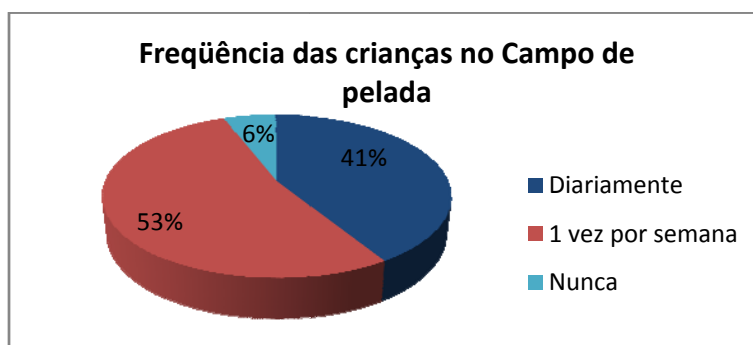


Gráfico 4.1 – Frequência das crianças no campo de pelada.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Quando indagadas sobre quais os outros espaços livres da ZEIS do Poço que costumam utilizar com mais frequência, 29% das crianças incluíram dois espaços livres públicos comentados mais aprofundadamente no capítulo seguinte (capítulo 5) e que não pertencem à comunidade do Poço, mas que são utilizados por eles: o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e a pracinha do “Amor” (ver gráfico 4.2).

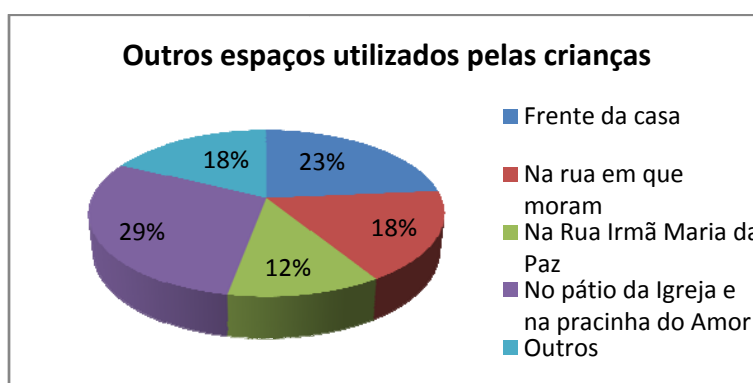


Gráfico 4.2 – Preferência das crianças por outros espaços além do campo de pelada.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Quando perguntadas sobre outros espaços livres públicos, relativamente próximos ao assentamento do Poço da Panela, descobrimos então a tamanha importância do Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde (localizada no limite da ZEIS) e da chamada Pracinha do “Amor” (localizada a menos de 300 metros da mesma). Muitas crianças que moram no assentamento costumam frequentar esses espaços diariamente. A Praça de Casa Forte (localizada no bairro de Casa Forte) e o Parque Santana (localizado em Santana) também foram mencionados, e em menor intensidade, o Parque da Jaqueira (localizado na Jaqueira), porém, como espaços livres públicos a serem frequentados mais ocasionalmente (ver gráfico 4.3).

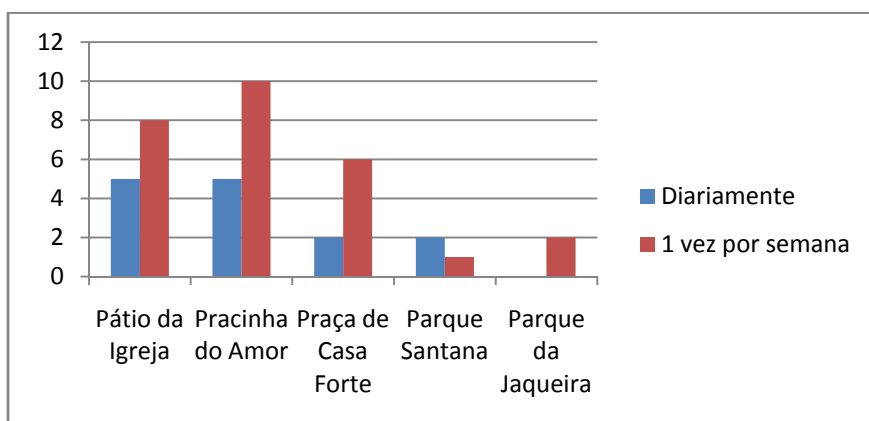


Gráfico 4.3 – Freqüência das crianças em outros espaços livres públicos da cidade.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Muitas crianças têm ordem de não passar do Pátio da Igreja ou da Pracinha do “Amor”, por esse motivo também, é que elas são mais freqüentadas. A mãe de Poliana da Silva Campos¹⁹¹ sempre lembra a ela de que “pode ficar até a Igreja”, “além de lá é perigoso”¹⁹². As crianças recebem esses avisos e os respeitam, mesmo porque 71% delas, ao serem perguntadas se preferem brincar na ZEIS ou em outros cantos da cidade, responderam que preferem ficar pela ZEIS – incluindo o pátio da Igreja e a pracinha do “Amor” – enquanto que apenas 29% preferem sair de lá.

As respostas mais comuns à pergunta “onde vocês costumam brincar?,” portanto, foram “na frente de casa” ou “na rua onde moramos”, com respectivamente 23% e 18%. Principalmente pelo fato das mães sempre estarem dando uma olhada neles para saber o que estão fazendo, e por isso, sendo necessário permanecerem próximos de casa. “Não sai daí da frente não”, “fique aqui aonde eu posso lhe ver”, são algumas das frases que a mãe de Bruna Araujo¹⁹³ diz a ela. As brincadeiras nas calçadas de casa são diversas, montam mesas e jogam dominó e baralho, principalmente. A rua é lugar para queimado, barra bandeira, Garrafão e Pega. 12% das crianças citaram a Rua Irmã Maria da Paz, por ser uma rua em constante atividade, e como já dito anteriormente, muito diversificada, as crianças gostam de ficar por ali.

Quanto aos adolescentes, estes possuem respostas mais variadas sobre os espaços livres do assentamento que costumam freqüentar. Porém, ao serem perguntados sobre o campo de pelada, as opiniões convergem. Quase a metade, 47%, dos 20 adolescentes questionados costuma freqüentar o campo diariamente,

¹⁹¹ Questionário nº49

¹⁹² Interessante notar com essa informação que o que acham perigoso são as ruas do bairro do Poço da Panela que estão fora da ZEIS, isto é, o bairro ocupado por famílias de nível médio e alto.

¹⁹³ Questionário nº41

enquanto 24% freqüentam semanalmente e 29%, nos quais todas são meninas, nunca vão lá (ver gráfico 4.4).

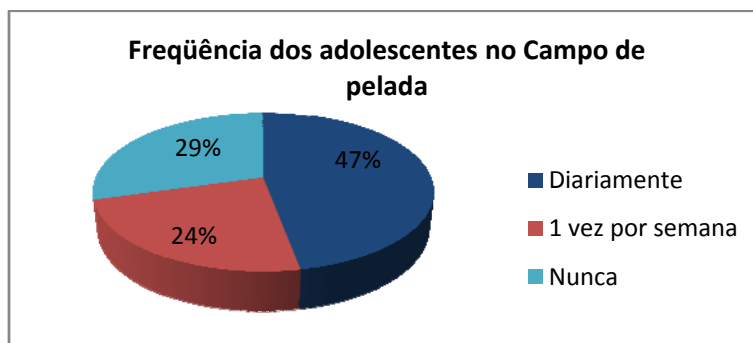


Gráfico 4.4 – Freqüência dos adolescentes no campo de pelada.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Existem vários pontos de encontros dos adolescentes, pois eles são mais seletivos que as crianças, têm segredos e coisas em comuns e os grupos são mais restritos. Entre eles, 36% ainda preferem ficar na frente de suas casas, como quando eram crianças. O restante fica nas próprias ruas ou nas outras ruas do assentamento, alguns costumam ir para o bar de Abdias, que por ser na frente do campo, podem assistir os outros jogando, alguns vão para o recanto da fofoca ou para a beira da Maré, outros inclusive, se reúnem na frente da casa de Clayton – um dos colegas que possui uma barraquinha de chicletes na sua porta e, portanto, os amigos sempre estão por ali. Vale lembrar que cada um desses espaços corresponde a um grupo diferente de adolescentes, bastante diversificado e segregado dos demais.

Alguns chegaram a citar o terreno baldio no qual jogam vôlei como espaço localizado dentro da ZEIS que costumam freqüentar. O terreno baldio, no entanto, assim como o pátio da Igreja e a pracinha do “Amor”, não pertence à comunidade, mas poucos sabem disso. Por sua vez, tanto o pátio quanto a pracinha foram novamente bastante mencionados, pois 55% dos adolescentes disseram freqüentar o pátio da Igreja, todos os dias no final da tarde, e 30% alegaram ir para a pracinha do “Amor” à noitinha, conversar e, vez por outra, namorar. Ainda, uma quantidade menor de adolescentes (15%) mencionou o Parque Santana para atividades desportivas, como correr ou mesmo jogar futebol (ver gráfico 4.5).

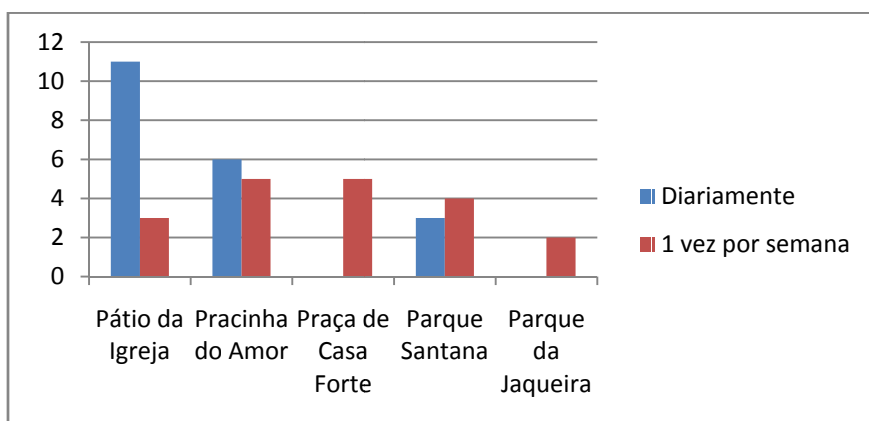


Gráfico 4.5 – Frequência dos adolescentes em outros espaços livres públicos da cidade.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Os adultos, ainda mais que os adolescentes, costumam frequentar vários espaços livres da ZEIS. Como nas outras faixas etárias, o campo de pelada é o ponto de convergência destes moradores. Dos 37 adultos questionados, 27% deles frequentam o campo de pelada e 40% diz frequentar uma vez por semana. A maioria dos homens treina e joga futebol, enquanto as mulheres vão assistir os jogos. Há ainda 30% dos adultos que nunca ficam por lá (ver gráfico 4.6).

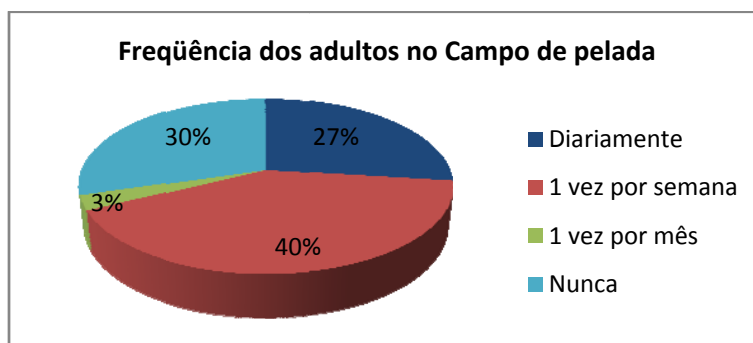


Gráfico 4.6 – Frequência dos adultos no campo de pelada.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Ao menos seis bares são mencionados por eles e seis calçadas localizadas em ruas diferentes do assentamento são utilizadas como extensão dos mesmos, cada um com suas características próprias, o bar de “Biu Coió”, de “Popa”, de “Baixa”, da “Beata”, de “Abdias” e de “Seu Vital”, sendo este último fora do limite do assentamento, porém todos o consideram dentro. Alguns espaços livres funcionam mais ativamente nos finais de semana, o largo do Poço enche de gente aos domingos devido à presença do carrinho de espetinho de Marconi, junto ao qual vários adultos comem e tomam cerveja. A chamada “Mesinha quadrada” construída por Seu Eli também é um desses espaços que ganham vida aos domingos, entre partidas de dominó e copos de cerveja.

Quanto aos espaços livres públicos existentes próximos ao assentamento, o pátio da Igreja é o mais freqüentado, com 48% dos adultos utilizando diariamente, sendo o segundo mais freqüentado a pracinha do “Amor”, com 21%, seguida do Parque Santana e da Praça de Casa Forte, respectivamente com 17% e 14% (ver gráfico 4.7).

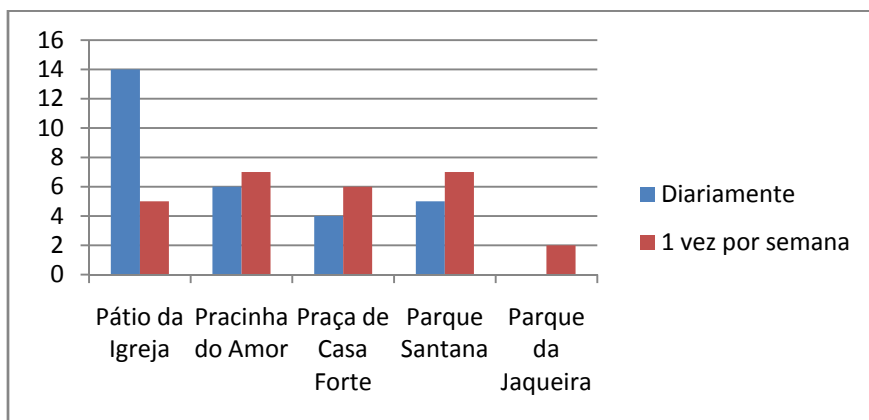


Gráfico 4.7 – Freqüência dos adultos em outros espaços livres públicos da cidade.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Pela primeira vez na pesquisa, outros espaços livres públicos localizados no entorno da ZEIS foram mencionados: a pracinha de Mano Teodósio e a pracinha da Nordeste (Praça adotada pela Nordeste Segurança de Valores). E com essas duas menções terminamos de enumerar todos os espaços livres públicos utilizados pelos moradores da ZEIS do Poço da Panela. No entanto essas pracinhas não possuem grande relevância devido ao fato de não terem sido bastante mencionadas, apenas por algumas mães com bebês que passeiam por ali com seus filhos.

Finalmente, o último grupo etário de nossa análise é o grupo dos idosos. Os moradores do assentamento que possuem idade mais avançada não saem muito da frente de suas casas, costumam passar grande parte do dia com as cadeiras nas calçadas olhando o movimento das ruas, falando com todos que passam, dando “bom dia” e “boa tarde”. Alguns possuem netos que ficam brincando na frente deles enquanto eles tomam conta e o dia passa rápido dessa maneira.

Ainda assim, alguns passeiam diariamente pelo pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde. Foi mencionada também a pracinha do “Amor” e a Praça de Casa Forte, como lugares de visita semanais. Os outros espaços livres públicos localizados próximos ao assentamento nunca são visitados, são bastante longe, e a maioria dos moradores mais velhos não vêem necessidade de sair da área. Todo mundo que eles conhecem estão ali (ver gráfico 4.8).

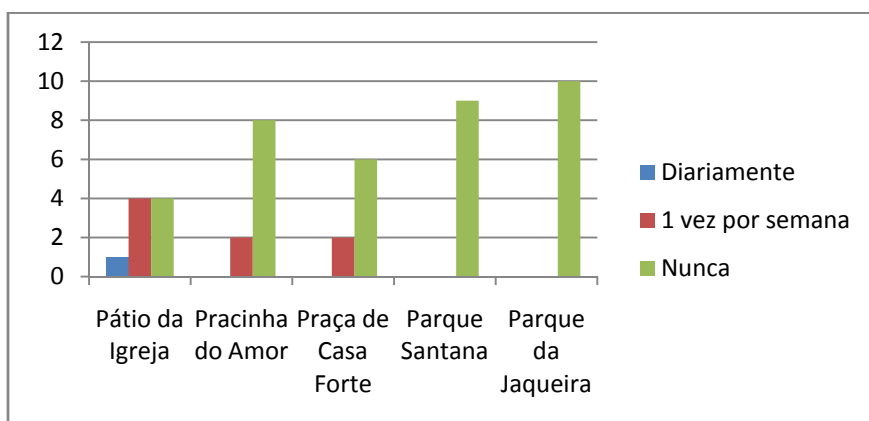


Gráfico 4.8 – Frequência dos idosos em outros espaços livres públicos da cidade.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

4.3.2. Modalidade de utilização dos espaços livres

A fim de identificar os tipos de usos dados aos espaços livres existentes na ZEIS do Poço da Panela, além da observação direta perguntamos aos 90 moradores selecionados, o que eles faziam em cada um desses espaços e as respostas foram agrupadas de acordo com a faixa etária de cada um. Já as variáveis de gênero e de faixa de renda foram mencionadas somente quando estas influenciaram nos resultados obtidos.

As crianças, em geral, brincam de pega, garrafão, queimado e barra bandeira com outras, nas ruas do assentamento, utilizando principalmente as mais largas e asfaltadas, como a Rua Marechal Bittencourt. Também soltam pião ou empinam pipa, atividades individuais, mas que freqüentemente formam um aglomerado de outras crianças, apenas observando, e essas atividades se dão principalmente no campo de pelada, no pátio da Igreja ou na pracinha do “Amor”. No campo de pelada também, muitas jogam futebol e participam de campeonatos. Algumas outras costumam jogar baralho nas calçadas da ZEIS, geralmente em frente às suas casas, com mesas e bancos improvisados.

Os adolescentes se juntam para conversar e existem muitos espaços livres próprios para eles, qualquer largo ou recanto tem potencial de ser utilizado por eles, sendo necessário apenas o uso da criatividade de se construir mesas e bancos improvisados. Costumam se reunir em pequenos grupos de acordo com as afinidades, porém um número maior de adolescentes se reúne no final da tarde no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde. Muitos costumam freqüentar o campo de pelada para jogar e assistir os jogos.

Os adultos, além de jogar futebol no campo de pelada, como as crianças e os adolescentes, costumam freqüentar assiduamente os bares existentes no assentamento, estes, são inclusive abertos durante a semana, e é provável ver homens sentados em suas mesas, bebendo cerveja e às vezes jogando dominó em plena segunda feira à tarde. Estes bares funcionam como verdadeiros pontos de encontros de adultos, principalmente os homens. As mulheres não costumam freqüentar, em geral, passam mais tempo em suas casas nos afazeres domésticos. Os adultos se reúnem também de forma freqüente para conversar e trocar idéias, e calçadas e ruas fazem parte deste cenário.

Em geral os idosos não fazem bastante uso dos espaços livres e não exercem atividades variadas. A maioria costuma se reunir entre eles em calçadas, sentados em cadeiras mais confortáveis para observar o movimento da comunidade e falar com quem passa. Vale ressaltar que esta faixa etária foi a que deu mais subsídios para a complementação do histórico do assentamento do Poço da Panela apresentado no trabalho.

4.3.3. Exclusividade de utilização dos espaços livres

A fim de verificar a sociabilidade nesses espaços – podendo ela ser uma sociabilidade entre os residentes do mesmo assentamento, segundo o gênero e a idade; uma sociabilidade entre os residentes do assentamento com residentes de outros assentamentos de nível social similar; e uma sociabilidade entre os residentes do assentamento e os residentes no entorno de nível sócio-econômico diferente – analisamos primeiramente cada espaço evidenciado quanto à exclusividade.

Apesar da existência de micro-territórios na ZEIS, os espaços livres são utilizados por todos os moradores, não havendo diferenças quanto ao local de moradia de cada um. No entanto, é válido ressaltar que como muitos espaços livres foram evidenciados, fica claro que cada um deles tem seus freqüentadores locais, que na grande maioria dos casos, são os que moram mais próximos.

Cada um dos espaços livres apontados tem seus freqüentadores específicos, e sua dinâmica de ser. Tentaremos analisar o grau de exclusividade de cada um pela caracterização dos usuários de ditos espaços de acordo com o gênero, a faixa etária, e a faixa de renda dos mesmos. Para tal, ressaltaremos de maneira breve, a dinâmica de cada espaço (ver tabela 4.3).

Espaço livre	Gênero dos frequentadores	Faixa etária dos frequentadores	Faixa de renda dos frequentadores
Barraca de Seu Vital	Masculino e Feminino	Adultos	Moradores da ZEIS. O restante do bairro frequenta nos finais de semana.
Largo do Poço	Masculino. Feminino só nos finais de semana.	Principalmente adultos. Bebês, crianças, adolescentes e idosos nos finais de semana.	Moradores da ZEIS
Recanto da fofoca	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos	Moradores da ZEIS
Bar de Biu Coió	Masculino e Feminino	Adultos	Moradores da ZEIS e de outras comunidades de mesmo nível social.
Largo da casa de Clayton	Masculino e Feminino	Principalmente adolescentes. Crianças e adultos nos finais de semana .	Moradores da ZEIS
Pastel de Dona Maria	Masculino e Feminino	Crianças, adolescentes e adultos	Moradores da ZEIS
Beira da maré	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes e adultos.	Moradores da ZEIS
Bar de Popa	-	-	-
Barraca de Tonho	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos	Moradores da ZEIS e do restante do bairro frequentam eventualmente.
Associação dos moradores	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos	Moradores da ZEIS e de outras comunidades de mesmo nível social.
Bar de Baixa	Masculino	Adulto	Moradores da ZEIS e de outras comunidades de mesmo nível social.
Bar da Beata	-	-	-
Mesinha Quadrada	Masculino	Adulto	Moradores da ZEIS
Campo de pelada	Masculino e Feminino	criança, adolescente e adulto.	Moradores da ZEIS e de outras comunidades de mesmo nível social.
Mercadinho de Maisa	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos	Moradores da ZEIS e do restante do bairro eventualmente.
Bar de Abdias	Feminino. Masculino nos finais de semana, pois o bar abre.	Principalmente adultos. Adolescentes nos finais de semana.	Moradores da ZEIS, de outras comunidades de mesmo nível social, e do restante do bairro.
Mercado de Mila	Masculino e Feminino	Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos	Moradores da ZEIS e do restante do bairro

Tabela 4.3 – Exclusividade de utilização dos espaços livres.
 Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

4.3.4. *Sociabilidade nos espaços livres*

Após conferir a intensidade, modalidade e, principalmente, a exclusividade de utilização dos espaços livres da ZEIS do Poço da Panela, já se pode ter uma idéia da sociabilidade dos mesmos. Esta análise é de extrema importância para a verificação do caráter “público” destes espaços.

No que diz respeito à sociabilidade entre os próprios residentes da ZEIS, a maioria dos espaços analisados são acessíveis a todos, sendo óbvio que crianças e adolescentes não freqüentem os bares, mas ficam brincando e passeando pelas ruas e calçadas dos mesmos. Os idosos não costumam sair da frente de suas casas, e por isso não freqüentam vários dos espaços, mas no geral, são acessíveis a todos do assentamento.

No que diz respeito à sociabilidade nestes espaços entre os moradores da área e os moradores de outras comunidades que possuem o mesmo nível social, os bares são freqüentados pelos dois grupos, bem como o campo de pelada. No campo, existem campeonatos com times provenientes de outros locais e todos pagam o mesmo preço para jogar lá, tendo assim, os mesmos direitos (veremos o campo de pelada de forma mais detalhada no próximo capítulo).

Dos 17 espaços evidenciados, apenas cinco possuem usuários provenientes do restante do bairro, oriundos de outro estrato social. São eles: a barraca de “Seu Vital” (que está fora do limite oficial da ZEIS mas é considerada pelos moradores incluída nela), a “barraca de Tonho”, o “mercadinho de Maisa”, o “bar de Abdias” e o “Mercado de Mila”. Vale salientar, no entanto, que todas as barracas e bares de calçadas sobrevivem da clientela do local. É importante lembrar que “além de viver num bairro, as pessoas podem viver de um bairro” (DOS SANTOS, 1985)¹⁹⁴. Portanto, os freqüentadores provenientes de fora da ZEIS constituem uma minoria nestes espaços.

Deste modo, apesar de existir sociabilidade entre os moradores da ZEIS do Poço da Panela, independente do gênero e da faixa etária ao qual pertence, e ainda entre estes moradores e os que vivem em outras comunidades populares de mesmo nível social, não existe sociabilidade entre a população de diferentes estratos sociais. Esse fato nos remete à idéia de Simmel (1983)¹⁹⁵, já explicitada no capítulo 1, na qual

¹⁹⁴ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985, p. 76.

¹⁹⁵ SIMMEL, G. Op. Cit., 1983, p.165-172.

a sociabilidade possui a característica “intraclassista”, ligada à idéia de que as interações entre os indivíduos seriam praticadas sobretudo entre iguais.

É importante lembrar que este assentamento é considerado um território a parte do bairro, constituído desde a ocupação dos primeiros moradores e da conseqüente formação de uma comunidade na área. Assim, seu acesso é simbolicamente restrito e este fato reflete diretamente na exclusividade de usuários nos espaços livres existentes na mesma. Este território segundo Frúgoli (2007)¹⁹⁶, que é inicialmente público, ao ser ocupado por determinado grupo, “em teoria, pertence a todos, mas observa-se que de fato os ocupantes são os seus proprietários provisórios; nesses espaços, os comportamentos são em grande parte regidos pelas normas sociais e pelos costumes”. Portanto, as normas e os costumes da comunidade transparecem nos espaços livres do assentamento, tornando-os espaços cujos verdadeiros “donos” é a comunidade da ZEIS.

O bairro do Poço da Panela, como todo o restante da cidade do Recife, é então fragmentado: a população de médios e altos estratos que mora no bairro não costuma adentrar no território da ZEIS para utilizar seus espaços livres, assim como a população de baixos estratos pertencentes à comunidade da ZEIS não costuma sair de lá para utilizar o restante dos espaços livres públicos da cidade (ver gráfico 4.9).

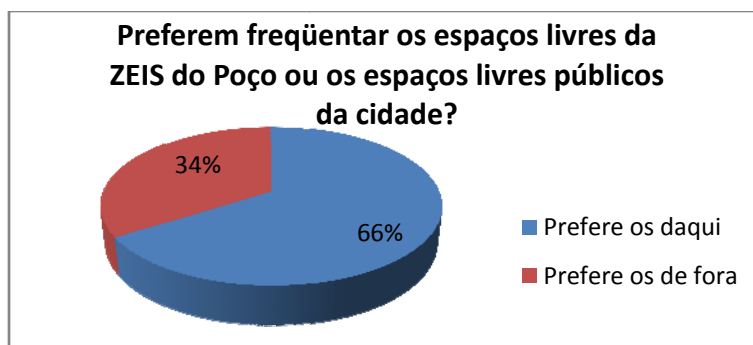


Gráfico 4.9 – Espaços livres e espaços livres públicos utilizados pelos moradores da ZEIS.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

É importante ressaltar que os espaços livres considerados como pertencente à ZEIS do Poço da Panela inclui também o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e a pracinha do “Amor”, que veremos detalhadamente a seguir no próximo capítulo.

¹⁹⁶ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 25.

CAPÍTULO 5

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO ENTORNO DA ZEIS DO POÇO DA PANELA

No decorrer do trabalho, notamos que o limite do assentamento imposto pela prefeitura dizia respeito apenas aos espaços privados, e os espaços públicos não eram levados em conta. Explicando melhor a afirmação acima, ao longo dos dias de observações nos quais estivemos no assentamento do Poço da Panela e a partir da aplicação dos questionários semi-estruturados e das conversas informais, notamos que muito freqüentemente os moradores faziam referências a espaços livres públicos que estavam localizados fora do limite da ZEIS, como se estes fizessem parte dela.

Assim, visando uma complementação do trabalho, resolvemos analisá-los também. Os espaços livres públicos citados pelos moradores nos questionários semi-estruturados foram: a pracinha do Nordeste, a pracinha de Mano Teodósio, o terreno baldio (denominado informalmente de campinho de vôlei) e principalmente, o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e a pracinha do “Amor”. Pelo fato desses dois últimos serem os mais mencionados, resolvemos analisá-los mais profundamente, aproveitando a oportunidade de compará-los com o espaço livre mais relevante do assentamento pesquisado: o campo de pelada (ver figura 5.1).

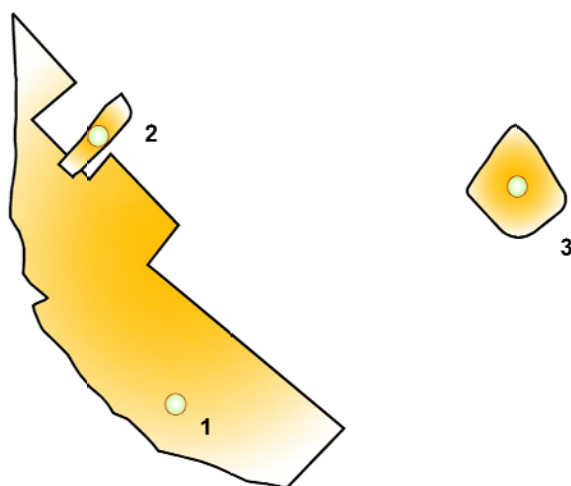


Figura 5.1 – Ilustração explicativa da subdivisão do capítulo: (1) o campo de pelada, espaço livre pertencente à ZEIS, (2) o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, localizado no limite entre a ZEIS e o restante do bairro do Poço da Panela, e (3) a pracinha do “Amor”, situada a 300 metros do assentamento. Fonte: a autora, 2009.

5.1. OS ESPAÇOS LIVRES MAIS RELEVANTES DA ÁREA

Após analisar os espaços onde havia qualquer tipo de aglomeração no assentamento, reconhecemos que o espaço livre mais significativo é o campo de pelada. A fim de fazer uma análise comparativa, reconhecemos os três espaços livres mais evidenciados pela comunidade: o primeiro foi, portanto, o campo, inserido na ZEIS, o segundo, o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, e o terceiro, a pracinha do “Amor”, ambos localizados em um raio de 300 metros do assentamento.

A escolha desses espaços livres não se deu aleatoriamente. Inicialmente fizemos uma pesquisa de campo na comunidade na qual conversamos informalmente com os moradores e aplicamos o questionário semi-estruturado para saber quais os espaços livres mais freqüentemente utilizados, e pesquisamos também as plantas e os mapas do assentamento a fim de verificar quais são os espaços livres mais expressivos por possuírem áreas mais extensas.

Após a identificação destes espaços livres, cada um foi analisado separadamente: o espaço livre do campo de pelada, o espaço livre público do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde – situado no limite entre o assentamento e o restante do bairro do Poço da Panela – e o espaço livre público correspondente à pracinha do “Amor” – situado no exterior do assentamento, mas bem próximo a ele (Ver Mapa 5.1).

A partir dessa análise inicial, pudemos perceber melhor as relações estabelecidas nos espaços livres, os distintos usos dados a eles e ainda a sociabilidade entre os usuários dos mesmos, principalmente, a interrelação entre os usuários dos diferentes estratos sociais, isto é, dos moradores das ZEIS com seus vizinhos que moram também no Poço da Panela, porém fora da ZEIS. Dessa forma, tivemos a oportunidade de comparar o grau de sociabilidade em cada um deles, sendo esta a principal variável para a análise do espaço livre, a respeito do mesmo ter caráter público ou não.



5.2. O CAMPO DE PELADA

Segundo Sá Carneiro e Mesquita (2000)¹⁹⁷, os campos de pelada se distribuem por todo o Recife, constituindo 52% dos espaços livres residuais da cidade. São “localizados quase sempre em terrenos privados, sob uma supervisão da comunidade” do assentamento, e é utilizado principalmente para o esporte e para as celebrações e festividades da área, por ser geralmente o único espaço livre de maior tamanho no entorno imediato – este é exatamente o caso do campo de pelada da ZEIS.

O Campo de pelada, com aproximadamente 1000m², é o espaço livre de maior área da ZEIS do Poço da Panela. Está localizado no centro do assentamento, na margem do Rio Capibaribe, sendo o local mais utilizado pelos moradores, e por isso, considerado o “coração pulsante” da área, no qual tudo acontece. Trata-se de um campo improvisado de terra batida, cuja única vegetação é a de manguezal que contorna a margem do rio e funciona como uma barreira existente entre a comunidade e o próprio rio, interceptando a visão do mesmo (ver fotos 5.1 e 5.2).



Foto 5.1 – Jogadores se preparando para uma partida no campo de pelada.
Fonte: a autora, 2008.



Foto 5.2 – Pessoas assistindo jogos no campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

A fim de melhorar as condições do campo, alguns moradores da ZEIS implementaram uma grande tela para evitar que a bola do jogo de futebol caia no rio e atualmente quase a metade do campo é cercado por essa tela improvisada. Visando a possibilidade de utilização do campo à noite, uma iluminação foi instalada em meados de 2008 e é mantida pela prefeitura, e hoje em dia, os usuários estão muito satisfeitos com as melhorias que o campo vem sofrendo.

¹⁹⁷ SÁ CARNEIRO; MESQUITA. A. R.; L. Op. Cit., 2000, p. 30.

5.2.1. Intensidade de utilização

Durante as 8 (oito) horas que quantificamos os usuários do campo através da observação direta – quinta feira e domingo, pela manhã, das 9:00 às 11:00 horas e pela tarde, das 15:00 às 17:00 horas – contabilizamos um total de 119 usuários, nos quais foram verificados 38 usuários na quinta feira e 81 no domingo, sendo registrada a maior quantidade de usuários na manhã de domingo: 46 pessoas (ver gráfico 5.1).

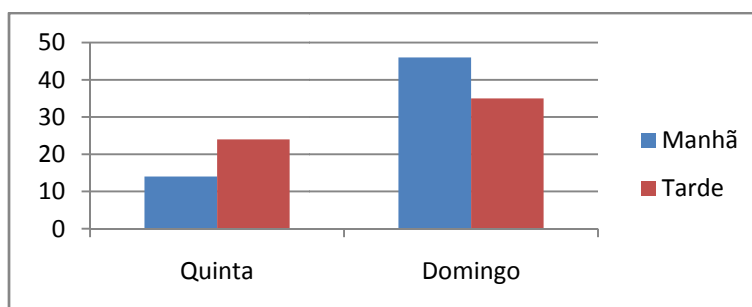


Gráfico 5.1 – Intensidade de utilização total do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

O campo, que durante a semana é palco de jogos e eventos esporádicos, nos finais de semana fica cheio de gente, com programação de jogos o dia inteiro e inúmeros campeonatos, de jovens e adultos, infantil, e até feminino. Existe uma organização para a reserva antecipada do local e todos pagam o valor de R\$ 1,00 ao usá-lo, arrecado pela família que é dona do bar de “Seu Abdias” – localizado em frente ao campo – considerada também, “dona” do mesmo (ver fotos 5.3 e 5.4).



Foto 5.3 – Organização do campo de pelada no bar de “Seu Abdias”. Fonte: a autora, 2008.



Foto 5.4 – Arrecadação do dinheiro do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

A família de “Seu” Abdias é quem cuida do campo. Varrem-no pelo menos uma vez por semana e o interruptor dos postes que ilumina o campo possui um cadeado que só pode ser aberto por algum membro responsável. Dessa forma, ocorre uma privatização do campo que divide a comunidade em dois grupos: os que são a favor e os que são contra essa apropriação. Porém vale ressaltar que tal fato não impede o campo de ser frequentado por todos os moradores da comunidade.

Dos 119 usuários que quantificamos, a maioria permanece mais de meia hora no local – cerca de 66% – e em grande parte dos casos, até mais de uma hora, média de tempo que aumenta ainda mais nos fins de semana, nos quais muitos passam o dia inteiro no campo entre uma partida e outra, reverzando-se entre jogar e assistir. Aproximadamente 22% permanece entre 10 a 30 minutos, o restante dos usuários dá passadas mais rápidas pelo campo, e corresponde a uma minoria. Durante a semana, pela manhã o campo está mais vazio, crianças aproveitam e brincam, no único período em que o campo pode ser visto sem ninguém. À tarde, se dão alguns jogos e treinos e a movimentação no campo passa a ser maior (ver gráfico 5.2).

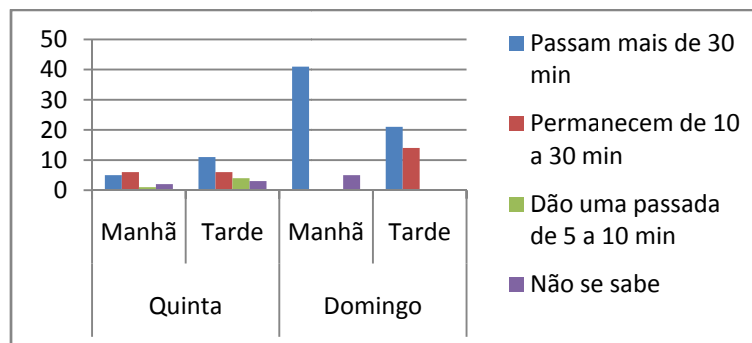


Gráfico 5.2 – Permanência no campo de pelada nos distintos períodos de tempo. Fonte: a autora, 2008.

A partir do questionário aplicado, podemos saber aproximadamente, o percentual da população residente no assentamento que utiliza o campo de pelada e com que frequência isto ocorre. Das 90 pessoas entrevistadas, cerca de 71% utiliza o campo, e 29% não costuma utilizar, em geral, mulheres e idosos. 32% alega frequentar diariamente, 37% frequenta semanalmente, 1% mensalmente e 1% apenas em dias festivos (ver gráfico 5.3).

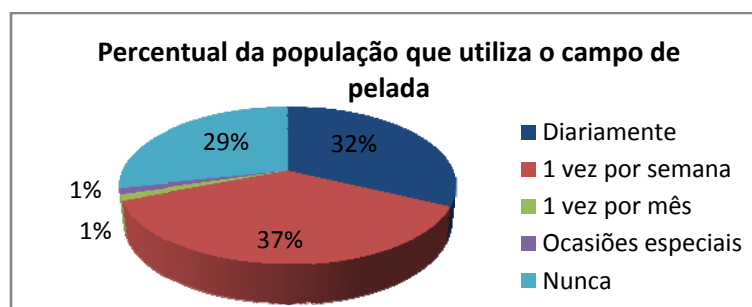


Gráfico 5.3 – Percentual da população que utiliza o campo de pelada. Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Notamos que a utilização do campo é bastante intensa, principalmente nos finais de semana, como visto na manhã de domingo. Ao permanecer no local por algum tempo, é fácil esquecer que se está no bairro do Poço da Panela, pois este local, diferentemente dos outros espaços livres do bairro é vivo e cheio de pessoas interagindo umas com as outras.

5.2.2. Modalidade de utilização

Muitas atividades ocorrem no campo. As crianças que não têm idade suficiente para jogar futebol, ficam aí empinando pipa, soltando pião e outras brincadeiras populares. Seus pais, além de as observarem, estão aí, compondo a platéia de torcedores dos jogos de futebol que ocorrem eventualmente. Escolinhas de futebol funcionam no local e são freqüentadas tanto por homens quanto por mulheres e crianças, e ainda existem campeonatos de futebol para todos os gêneros e idades.

A fim de analisar as modalidades de utilização do campo de maneira mais aprofundada, primeiramente, subdividimos de acordo com o tipo de atividades exercidas, podendo ser: domésticas, produtivas (sendo essas duas primeiras atividades utilizadoras do espaço livre como extensão da moradia), desportivas e/ou lúdicas, convivência, passeio e/ou contemplação, festivas, culturais e turísticas, e por fim, organizações comunitárias, políticas e religiosas (ver tabela 5.1).

Classificação das atividades	Tipos de usos
Domésticas	• Comendo aperitivo no campo
Produtivas	• Varrendo a calçada e o campo • Descarregando carroça no próprio campo • Costurando na calçada do campo • Atendendo os jogadores no campo e no bar de “Seu Abdias”
Deportivas e/ou lúdicas	• Brincando de pega e de cavalo de pau • Empinando pipa • Andando de bicicleta • Jogando Bola
Convivência	• Conversando • Assistindo aos jogos
passeio e/ou contemplação	• Passeando • Observando o movimento do campo
Festivas	-
Culturais e/ou turísticas	-
Organizações comunitárias, políticas e/ou Religiosas	-

Tabela 5.1 – Tipos de usos do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

A partir dos tipos de atividades classificados na tabela acima, subdividimos também os tipos de uso do campo de pelada em duas categorias: as atividades individuais e as atividades coletivas, sociais. As atividades individuais foram caracterizadas pelas atividades que são feitas por apenas uma pessoa, sem a necessidade de outras, e as atividades coletivas, foram caracterizadas pelas atividades que agregam pessoas, e que fomentam a interação no espaço livre com caráter público. O resultado foi de que apenas 10% dos usuários do campo de pelada o utiliza para fins individuais, não exercendo nenhuma atividade de interação com as outras pessoas que também utilizam o campo (ver gráfico 5.4).

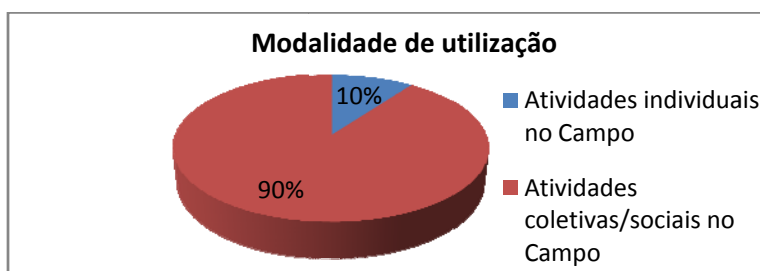


Gráfico 5.4 – Modalidade de utilização do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

Apesar de possuir essa denominação, o campo de pelada não é apenas um espaço livre para se jogar futebol, lá as pessoas passeiam e encontram uns aos outros, crianças brincam de pega, de cavalo de pau, empinam pipa e andam de bicicleta, e também, todos jogam futebol. Mas um fator fundamental é que a maioria dessas atividades é feita em conjunto, em companhia de outras pessoas, fato que é essencial para que um espaço tenha caráter público.

5.2.3. Exclusividade de utilização

A modalidade de utilização não é o único fator que influencia na sociabilidade de um determinado espaço livre. Sem dúvida, é um fator importante, porém, é preciso analisar também a exclusividade de utilização deste espaço e para isso, é preciso ter em mente os vários tipos de exclusividades. No presente trabalho nos atamos ao gênero dos usuários, à faixa etária dos mesmos, e principalmente, à faixa de renda – sendo esta última analisada a partir da localização da moradia, ou seja, se o usuário mora na ZEIS, em outras comunidades populares ou mesmo, se mora no restante da área do bairro.

De acordo com o gênero dos usuários do campo, aproximadamente 84% deles é do sexo masculino, e uma minoria de apenas 16%, do sexo feminino. Vale ressaltar que no domingo pela manhã, em um dos dias de observação, apenas uma mulher estava presente no campo de pelada, e era a moça que trabalha no bar de “Seu Abdias”, na frente do campo, e que serve de apoio aos jogos (ver gráfico 5.5).

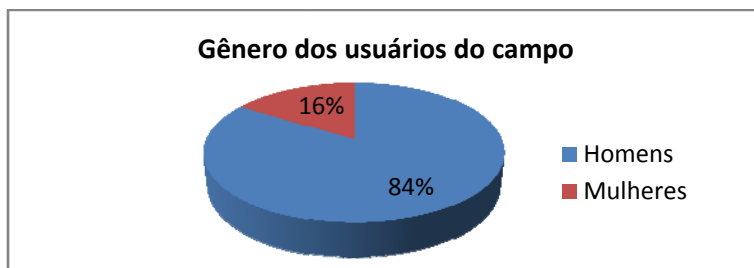


Gráfico 5.5 – Gênero dos usuários do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

Quanto à faixa etária, subdividimos os grupos em bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Verificamos que adultos e crianças utilizam o campo quase que com a mesma frequência, correspondendo a respectivamente 40 e 39% dos usuários, os adolescentes estão na faixa dos 21%, e o campo não é freqüentado nem por bebês, nem por idosos (ver gráfico 5.6):

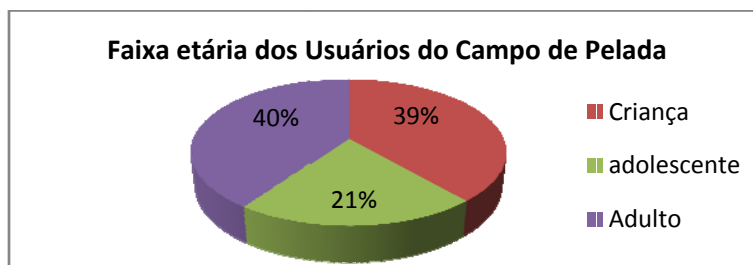


Gráfico 5.6 – Faixa etária dos usuários do campo de pelada. Fonte: a autora, 2008.

Notamos que 100% dos usuários do campo de pelada, possui renda mais baixa e nenhum morador do restante do bairro do Poço da Panela freqüenta, ou até mesmo chega a conhecer o campo. Muitos usuários vêm de outras comunidades, com faixa de renda similar a dos moradores da ZEIS, que também pagam para jogar no campo e participam dos campeonatos.

5.2.4. Sociabilidade

Visando dar continuidade ao trabalho, subdivimos a sociabilidade em três tipos distintos: sociabilidade entre os residentes do mesmo assentamento, a sociabilidade entre os residentes do assentamento com residentes de outros assentamentos de nível social similar; e, por fim, a sociabilidade entre os residentes do assentamento e os residentes no entorno de nível sócio-econômico diferente.

No que diz respeito à sociabilidade entre os moradores da própria ZEIS, todos interagem entre si, cada faixa etária e independente do sexo, possui seu espaço no campo de pelada. Os jogos de futebol – principal atividade exercida no campo – são obviamente, subdivididos em categorias, porém isso não impede a convivência de todos no local.

Em relação ao gênero, as mulheres freqüentam o campo em menor número, mas esse fato se dá pela falta de interesse pelo esporte lá exercido. Quando falamos de faixa etária, precisamos lembrar que os idosos e bebês não costumam freqüentar o campo, os idosos pelo fato da maioria deles não costumam sair da frente de suas

casas, e os bebês, pelo fato dos responsáveis por eles terem consciência do perigo de uma bolada, ou do sol forte que assola o campo em algumas partes do dia.

Quanto à sociabilidade no campo entre os moradores da ZEIS do Poço e os moradores de outros assentamentos com o mesmo perfil sócio-econômico, é comum aparecerem ônibus nos finais de semana com jogadores provenientes de comunidades como Alto do Mandu, Alto Santa Isabel ou Bananal. Os moradores de outros assentamentos vizinhos utilizam o campo deles e vice-versa, e tudo funciona de uma maneira muito acertada e organizada. São relações amistosas, de muita proximidade.

Portanto, a respeito da sociabilidade entre pessoas pertencentes ao mesmo estrato social, podemos verificar no campo de pelada a co-presença de indivíduos tão citada por Frúgoli (2007)¹⁹⁸. Este espaço possui uma grande diversidade de usuários, homens e mulheres, pessoas de todas as idades, oriundas tanto da ZEIS do Poço da Panela como de outras comunidades populares, integradas e “articulando várias redes de relações”.

Vale ressaltar, porém, que todos os usuários do campo pertencem ao mesmo estrato social, não havendo relação alguma com os moradores do restante do bairro do Poço, que continua tão próximo geograficamente, mas distante socialmente. Portanto, o último grau de sociabilidade analisado, entre os moradores da ZEIS e pessoas de outros estratos sociais (principalmente, os vizinhos do mesmo bairro), é vista como inexistente. Constatamos que esses não utilizam o campo e muitos deles desconhecem sua existência. O campo é, como já foi dito anteriormente, utilizado 100% por pessoas de baixa renda – tanto da ZEIS quanto das comunidades vizinhas – e esse fato responde, em parte, ao nosso questionamento sobre o caráter público do espaço livre.

¹⁹⁸ FRÚGOLI, H. “Sociabilidade urbana”. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007, p.25.

5.3. O PÁTIO DA IGREJA

O pátio da Igreja de Nossa senhora da Saúde localiza-se no limite entre o bairro “formal” e o assentamento “informal” do Poço da Panela. É um espaço livre constituído por dois cruzamentos de ruas – a Estrada Real do Poço com a Rua Visconde Araguaia, e a Estrada Real do Poço com o Largo –, e ainda, pela barraca de “Seu Vital”, localizada na esquina da frente da Igreja. Por estar neste limite e ainda possuir uma área bastante heterogênea com espaços diversificados, este possui características e usuários diferentes daqueles espaços livres inseridos na ZEIS (ver fotos 5.5 e 5.6).



Foto 5.5 – Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde. Fonte: a autora, 2009.



Foto 5.6 – Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde com terreno da Igreja ao fundo. Fonte: a autora, 2009.

Possui uma área de aproximadamente 800m² e é um lugar que funciona como espaço livre para diversos tipos de atividades. A existência da barraca, junto ao pátio da Igreja, e sua localização no limítrofe, contribui para que neste espaço se registre uma afluência de pessoas com grande diversidade social, não encontrada em nenhum espaço livre existente dentro do assentamento.

Vários grupos distintos utilizam o pátio, formando o que denominamos de micro-territórios do espaço livre – em uma escala menor do que a dos micro-territórios existentes como subdivisões da ZEIS – sendo estes distinguidos pelo gênero, faixa etária, e/ou principalmente, faixa de renda, variando também os tipos de atividades exercidas por cada grupo. Além desses micro-territórios concebidos pela própria utilização do pátio, vale ressaltar ainda, a importância dos dois telefones públicos localizados na área, uma vez que muitas pessoas não possuem telefones em suas moradias e utilizam-os diariamente. Os locais dos telefones nunca ficam vazios, e funcionam como uma outra forma de propiciar encontros entre os moradores.

5.3.1. Intensidade de utilização

Durante as 8 (oito) horas que quantificamos os usuários do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde contabilizamos um total de 200 usuários que utilizam o pátio para alguma atividade, sendo registrados 71 na quinta e 129 no domingo, destacando-se este por ser o dia em que as pessoas não trabalham, e ainda com mais evidência para as tardes do domingo, no qual o pátio atinge seu maior público (ver gráfico 5.7).

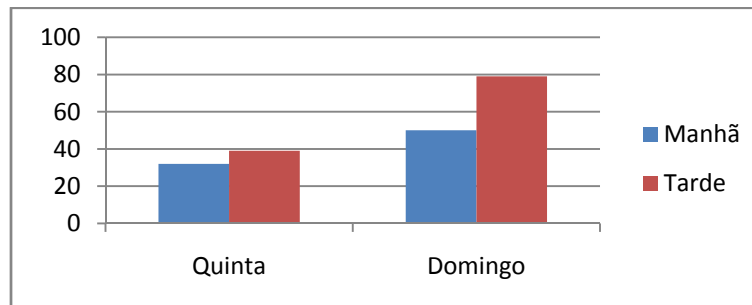


Gráfico 5.7 – Intensidade de utilização total do pátio da Igreja. Fonte: a autora, 2008.

Foi constatado que durante a semana o pátio fica mais vazio e menos procurado, principalmente pelas pessoas que não moram na comunidade e que possuem um poder aquisitivo maior, freqüentemente, possuindo mais ocupações e obrigações. O período no qual o pátio fica mais sub-utilizado é os das tardes de semana, principalmente entre meio dia e quatro da tarde, quando o sol está mais forte. Nos finais de semana, algumas pessoas passam o dia inteiro indo e vindo do local, sendo destacadas as tardes de domingo, período em que se nota maior afluência de pessoas no pátio, formando vários grupos distintos e pode-se constatar uma grande diversidade de usos.

Do total dos 200 usuários quantificados pela observação direta, 36% das pessoas permanece mais de meia hora, algumas chegando, inclusive a passar mais de 1 hora lá; cerca de 26% passou entre 10 a 30 minutos, aproximadamente 25%, deu passadas rápidas variando entre 5 a 10 minutos, e ainda 13% que não pôde ser quantificado (ver gráfico 5.8).

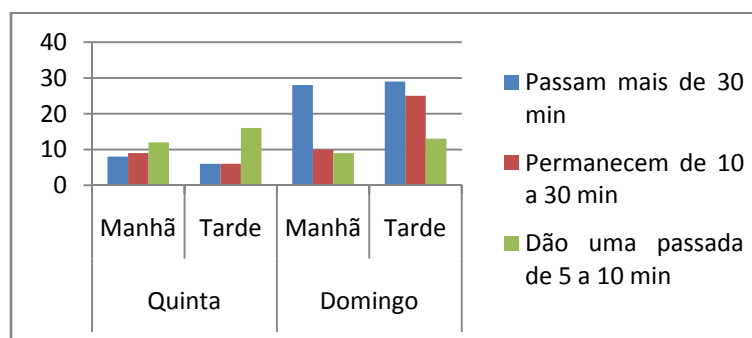


Gráfico 5.8 – Permanência do pátio da Igreja nos distintos períodos de tempo. Fonte: a autora, 2008.

Com a aplicação do questionário semi-estruturado na comunidade, podemos ter uma noção aproximada do percentual da população residente na comunidade que utiliza o pátio da Igreja e com que frequência o faz. Das 90 pessoas que foram submetidas ao questionário, um total de 77% utiliza o pátio da igreja e 23% alega nunca ir no local. 37% dos moradores questionados diz freqüentar diariamente, 26% freqüenta semanalmente, 9% freqüenta mensalmente, e 5% freqüenta apenas em ocasiões especiais de dias festivos (ver gráfico 5.9).

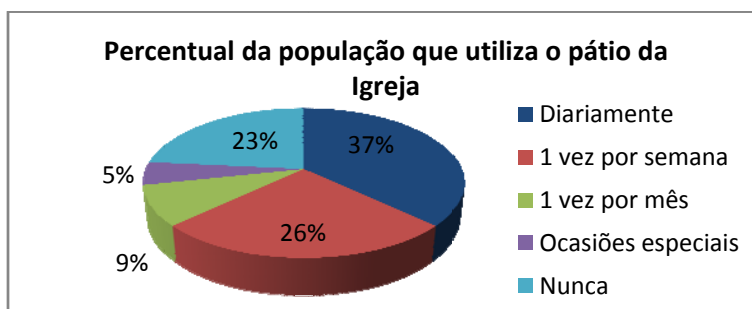


Gráfico 5.9 – Percentual da população que utiliza o pátio da Igreja.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

O pátio é visto como o principal espaço de lazer dos moradores da ZEIS – ultrapassando o campo de pelada – pois é o espaço que quase 80% da comunidade diz frequentar. Esse fato se dá devido às diversas atividades possíveis de serem exercidas no local, que diferentemente do campo, não possui regras de usos específicas nem horários restritos.

5.3.2. Modalidade de utilização

Diariamente, muita gente da comunidade se senta para descansar e encontrar outras pessoas no pátio e o utiliza de forma bastante variada. Como não há bancos nem cadeiras, as pessoas se sentam no chão, encostadas no muro da Igreja. O pátio é utilizado mais esporadicamente por pessoas que não pertencem à comunidade, porém estas, em geral, o utilizam para atividades mais objetivas, como ir à Igreja Nossa Senhora da Saúde para algum evento, beber cerveja com amigos na barraca de “Seu” Vital, localizada em frente à Igreja, ou passear com cachorros.

Vale ressaltar que há algumas ocasiões especiais em que esse espaço se transforma e a intensidade, bem como a modalidade e exclusividade de sua utilização, mudam completamente. Esta área é o ponto de encontro de todo o bairro no carnaval, e até de pessoas de outras áreas da cidade e de diversos níveis sociais. Alguns blocos de rua se concentram aí, e são desses eventos que surge a expressão do

carnaval ser uma festa democrática. Também é aí que ocorrem eventos festivos por ocasião do São João, ano novo e festas religiosas, do bairro como um todo, com a diferença de que nessas outras datas, participa principalmente a comunidade local. É preciso destacar, entretanto, que durante o resto dos dias do ano, neste espaço livre público se vivencia uma realidade bem diferente.

A partir da análise da modalidade do uso de determinado espaço livre, é possível dar início à verificação da sociabilidade existente no mesmo. Conforme já feito no campo de pelada, subdividimos os tipos de atividades exercidas no pátio, para melhor apreensão de como o mesmo vem sendo utilizado e para dar uma melhor idéia da pluralidade de usos que um espaço pode exercer (ver tabela 5.2).

Classificação das atividades	Tipos de usos
Domésticas	• Telefonando do telefone público do bar • Telefonando do telefone público do largo • Lendo
Produtivas	• Pedreiro, cimentando calçada • Consertando carro • Lavando motos e carros • Montando piscina de plástico • Varrendo a calçada • Pastando com animais • Atendendo no bar • Tomando conta de crianças
Deportivas e/ou lúdicas	• Brincando de pega • Empinando pipa • Jogando bola • Andando de bicicleta • Jogando pião • Tomando banho numa piscina de plástico • Bebendo o bar
Convivência	• Conversando
passeio e/ou contemplação	• Passeando • Observando o movimento • Descansando • Passeando com o cachorro • Passeando com o bebê
Festivas	• Indo ao carnaval • Indo à palhoça no pátio no São João
Culturais e/ou turísticas	• Visitando a Igreja • Fotografando a Igreja • Pintando ou desenhando a área
Organizações comunitárias, políticas e/ou Religiosas	• Indo à festa de Nossa Senhora da Saúde • Indo à Missa • Indo a Casamentos • Indo a Batizados

Tabela 5.2 – Tipos de usos do pátio da Igreja. Fonte: a autora, 2008.

Após analisar todas as atividades realizadas no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, podemos subdividi-las em atividades individuais e atividades coletivas, e o resultado inicial foi de que 29% dos usuários do pátio da Igreja o utiliza para fins

individuais, não exercendo nenhuma atividade de interação com outras pessoas (ver gráfico 5.10).

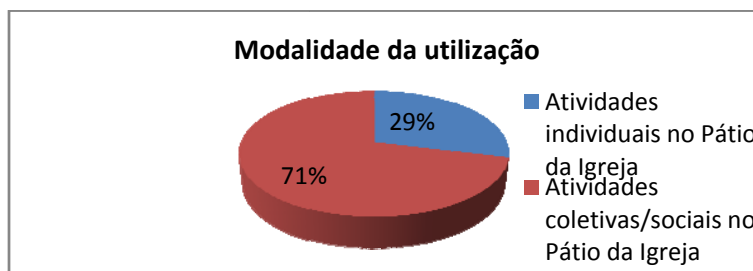


Gráfico 5.10 – Modalidade de utilização do pátio da Igreja. Fonte: a autora, 2008.

Os tipos de usos individuais mais freqüentes são muitas vezes relacionados às atividades que deveriam ser feitas na própria casa, porém, devido à exigüidade da mesma, são feitas nos espaços livres, como as pessoas que usam os telefones públicos existentes no pátio, ou mesmo, lêem e estudam por ali. Alguns moradores da ZEIS, por não possuírem jardim em suas casas, lavam seus carros no pátio e outros fazem serviços de lavarem carros de outras pessoas. Outra atividade individual bastante freqüente é a de passear com animais de estimação, em geral, cachorros. Foi considerada atividade individual também, a de passear com recém nascidos, para fazê-los tomar um pouco de sol.

5.3.3. Exclusividade de utilização

Analizamos aqui o gênero dos usuários, a faixa etária, e principalmente, a faixa de renda dos mesmos – sendo este último analisado a partir do local de moradia, se os usuários moram na ZEIS ou pertencem a comunidades populares vizinhas, ou ainda se estes moram no restante do bairro – e dessa forma, podemos verificar se existe ou não uma exclusividade de utilização deste espaço.

Segundo o gênero das pessoas que utilizam o pátio da Igreja, cerca de 71% delas é do sexo masculino e 29%, do sexo feminino, com destaque para uma observação relevante de que o número de mulheres que freqüentam o pátio aumenta significativamente – em quase quatro vezes mais – nos finais de semana, passando de 12 usuárias mulheres na quinta feira, para 46 no domingo, enquanto que a quantidade de homens passa de 59 para 86 usuários apenas (ver gráfico 5.11).

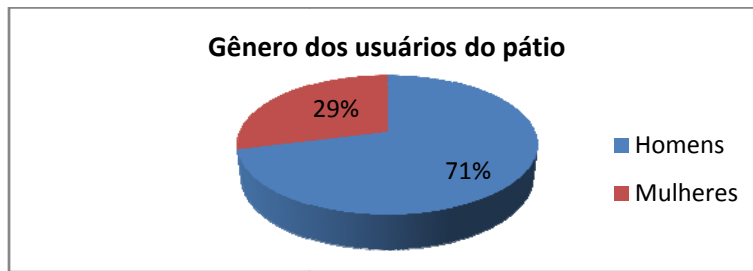


Gráfico 5.11 – Gênero dos usuários do pátio. Fonte: a autora, 2008.

Notamos que a grande maioria dos usuários é adulta, correspondendo a 61% do total dos usuários, em seguida, os principais usuários são as crianças, com 25%, e em menor quantidade, os adolescentes, com 6%, os bebês e os idosos, ambos com 4%, como mostra o gráfico abaixo (ver gráfico 5.12):

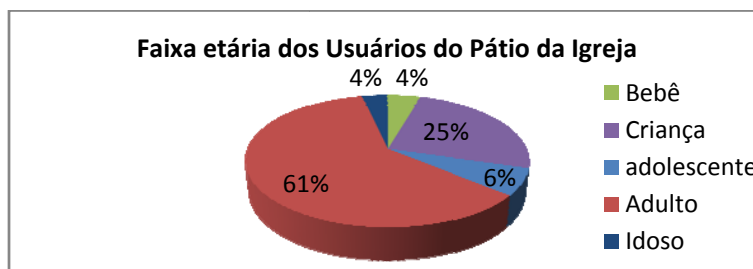


Gráfico 5.12 – Faixa etária dos usuários do pátio da igreja. Fonte: a autora, 2008.

Do total de usuários que quantificamos, pudemos perceber que, nesses dois dias analisados, 76% residem na própria ZEIS ou de comunidades vizinhas de mesmo estrato social e 24% provêm de fora dela, principalmente do seu entorno, do restante do bairro do Poço da Panela, e conseqüentemente, possuem um nível de renda bem mais elevado (ver gráfico 5.13).

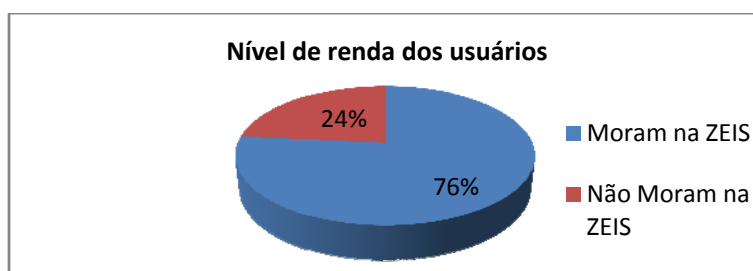


Gráfico 5.13 – Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda. Fonte: a autora, 2008.

A maior diversidade de usuários quanto ao nível de renda ocorre nos finais de semana, nos quais algumas pessoas que não moram na ZEIS, mas no restante do bairro do Poço, vão para este espaço para se encontrar na barraca de “Seu” Vital, na qual passam uma grande parte do dia, e outras vão visitar a Igreja, onde além das missas, são realizados numerosos casamentos, batizados, enterros e outras

cerimonias religiosas. Há também alguns turistas ou mesmo artistas e fotógrafos que passam para visitar, tirar fotos ou desenhar a paisagem do lugar (ver gráfico 5.14).

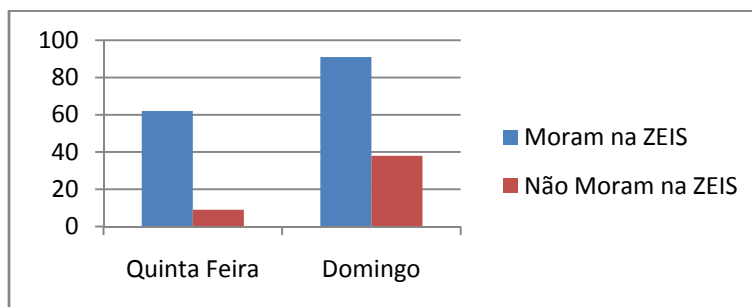


Gráfico 5.14 – Usuários do pátio da Igreja quanto ao nível de renda. Fonte: a autora, 2008.

É possível verificar no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde uma grande diversidade de usuários, porém apesar de todos os grupos de pessoas utilizarem o mesmo espaço, existe um “pacto” silencioso e todos respeitam o distanciamento proposto simbolicamente e cada grupo que frequenta o pátio possui seu próprio espaço, considerado aqui como micro-território.

5.3.4. Sociabilidade

Após analisar a intensidade, a modalidade e a exclusividade de utilização do pátio da Igreja, a análise da sociabilidade é uma compilação das anteriores. Vimos que é intenso o uso do pátio da Igreja, principalmente nos finais de semana, e que as atividades exercidas no mesmo são bem diversificadas, inclusive pela existência de vários grupos distintos que frequentam este espaço.

Segundo Gomes (2002)¹⁹⁹, “alguns locais específicos do pátio possuem características e usuários próprios que se apropriam do lugar e terminam por fundar sobre o espaço público uma idéia de território identitário fechado e exclusivo”, esses usuários são os grupos sociais que formam o que denominados na pesquisa de micro-territórios.

Esses micro-territórios podem ser comumente encontrados em espaços livres públicos e tratam-se “de lugares sociais que permitem a reunião de pessoas e que podem ser objeto de uma apropriação específica se o grupo tem o hábito de aí se reunir” (FRÚGOLI, 2007)²⁰⁰. No total, o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde pode ser subdividido em quatro micro-territórios distintos (ver figura 5.2):

¹⁹⁹ GOMES, P. C da C. Op. Cit., 2002, p. 182.

²⁰⁰ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p.24.



Figura 5.2 – Pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e seus micro-territórios. Fonte: a autora, 2008.

- (1) O calçadão da “casa ocre”, um casarão antigo de importância histórica, onde os adolescentes se reúnem todos os dias, principalmente no fim da tarde, os rapazes arrumados e as moças maquiadas vão se encontrar (ver foto 5.7);



Foto 5.7 – Calçadão da “casa ocre”.
Fonte: a autora, 2009.

- (2) A calçada da barraca de “Seu Vital”, que funciona também como bar, principalmente nos fins de semana, e é o local que registra mais pessoas não residentes do assentamento e de outros estratos sociais (ver foto 5.8);



Foto 5.8 – Pessoas de nível social mais alto na Barraca de “Seu Vital” no fim de semana.
Fonte: a autora, 2009.

- (3) A frente da Igreja onde as crianças empinam pipa, brincam com bola e correm, também onde as mães passeiam com seus bebês no final da tarde, e ainda onde algumas pessoas levam seus cachorros para passear (sendo estes últimos, tanto do assentamento, quanto do seu entorno) (ver fotos 5.9 e 5.10);



Foto 5.9 – Crianças brincando no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 5.10 – Mães passeando com bebês no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde.
Fonte: a autora, 2009.

- (4) E por último, o local mais utilizado, onde há o maior espaço sombreado, e tem a vista do largo do Poço, principal largo do assentamento. Muito dificilmente esse recanto fica vazio. Todos passam um tempo ai, conversando com os outros, trocando idéias. Alguns até levam seus carros e motos para lavarem ai e ter companhia (ver fotos 5.11 e 5.12).



Foto 5.11 – Sombra do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde com piscina montada no final de semana. Fonte: a autora, 2009.



Foto 5.12 – Aglomerado de homens na sombra do pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde.
Fonte: a autora, 2009.

Assim, o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde é constituído de quatro micro-territórios distintos subdivididos principalmente a partir da faixa etária e da faixa de renda, o gênero dos usuários é irrelevante. Observa-se que nesses micro-territórios, mesmo quando não se nota a presença efetiva de nenhum indivíduo ou grupo, é como se os mesmos estivessem delimitados de alguma forma e outras

pessoas não permanecem neles. Em teoria, pertence a todos, mas na prática, é um espaço já apropriado por um determinado grupo. Segundo Frúgoli (2007):

“O território público é ocupado temporariamente por uma pessoa ou por um grupo. A sua característica é precisamente o ser público: em teoria, pertence a todos, mas observa-se que de facto os primeiros ocupantes são os seus proprietários provisórios; nesses espaços, os comportamentos são em grande parte regidos pelas normas sociais e pelos costumes.”

FRÚGOLI (2007)²⁰¹

Os usuários provenientes da ZEIS costumam relacionar-se, nos distintos grupos e micro-territórios, porém, os que não moram no assentamento e possuem outra faixa de renda, não se socializam com os demais e a maioria permanece na barraca de “Seu” Vital, micro-território delimitado por eles. Pode-se dizer, portanto, que o pátio da Igreja, é um dos espaços livres do bairro que agrega maior número de usuários de diferentes poder aquisitivo, convivendo lado a lado, mesmo que não interajam entre si. Esse fato vai de encontro à sociabilidade vista por Simmel (1983)²⁰² como sendo caracterizada por sua qualidade “intraclassista”, pois na prática esse fato parece não ocorrer.

²⁰¹ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p.25.

²⁰² SIMMEL, G. “Sociologia”. São Paulo: Ática, 1983.

5.4. A PRACINHA DO AMOR

O seu nome formal é Praça José de Sá Pessoa, em homenagem a doutor José, que segundo Senhor Ingá de Sá Pessoa, filho dele, era dono de todas as terras do entorno da Praça. O nome “pracinha do amor” surgiu informalmente, posterior à sua criação, pelo fato de muitos casais irem namorar no local. Além da conotação romântica da praça, ela ainda é conhecida por ser um reduto de comércio de drogas entre os traficantes e os moradores da vizinhança, principalmente os mais abastados.

“Havia uma guarita e um pessoal que fornecia entorpecentes para o pessoal rico. A praça à noite ficava cheia de carros. Eu mesmo liguei pra polícia, que passou a fazer batidas todas as noites aqui.”

INGÁ DE SÁ PESSOA (2008)²⁰³

Com aproximadamente 3000 m², esse espaço livre público está localizado a 300 metros de distância da comunidade e por pertencer a área da cidade dita formal, a sua utilização pela comunidade popular da ZEIS do Poço, bem como pelo restante da população do bairro, é muito mais equilibrada (ver fotos 5.13 e 5.14).



Foto 5.13 – Pracinha do “Amor”.
Fonte: a autora, 2009.



Foto 5.14 – Mobiliário urbano da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2009.

A Praça possui alguns brinquedos – como balanços e gangorras – e é bem cuidada e limpa, apesar de ter um aspecto de certo abandono, uma vez que, desses três espaços visto, é a menos utilizada. Um único funcionário da prefeitura é responsável pela conservação da praça e trabalha no local de segunda a sexta durante toda a manhã, e muitas vezes, ele é o único usuário da praça durante esse período.

²⁰³ Conversa informal realizada pela autora em meados de 2008, com Senhor Ingá de Sá Pessoa, durante uma de suas caminhadas matinais realizadas diariamente à pracinha.

5.4.1. Intensidade de utilização

Diferentemente dos outros espaços livres considerados, a pracinha do “Amor” é muito pouco utilizada, sendo quantificados apenas 34 usuários durante as 8 horas analisadas. No entanto, ela foi muito citada durante a aplicação dos questionários semi-estruturados e por isso foi incluída na pesquisa. Foram observadas 22 pessoas na pracinha durante a semana e 12 no fim de semana, o contrário do que ocorreu nos outros espaços, nos quais a intensidade de utilização aumenta durante o fim de semana (ver gráfico 5.15).

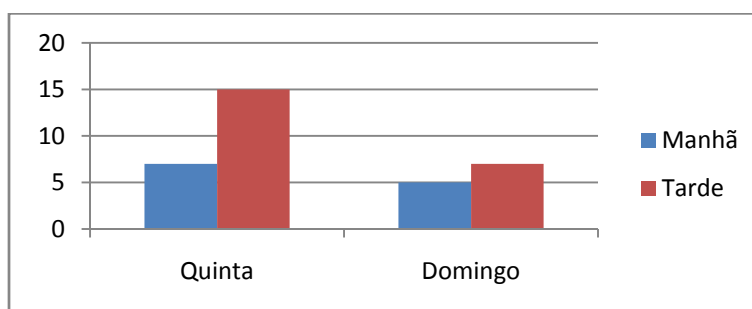


Gráfico 5.15 – Intensidade de utilização total da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2008.

Do total dos 34 usuários verificados, a maioria deles permanece na pracinha entre 10 a 30 minutos, chegando a 64%, 15% passam mais de 30 minutos e são pouquíssimas as pessoas que passam apenas de 5 a 10 minutos, apenas 9%. Não foi possível verificar o tempo de permanência de 15% dos usuários. Vale ressaltar que a pracinha é mais utilizada durante a tarde e também a noite, quando seu uso é bem mais intenso, dividido entre pessoas fumando e casais namorando, porém esse período do dia não foi analisado (ver gráfico 5.16).

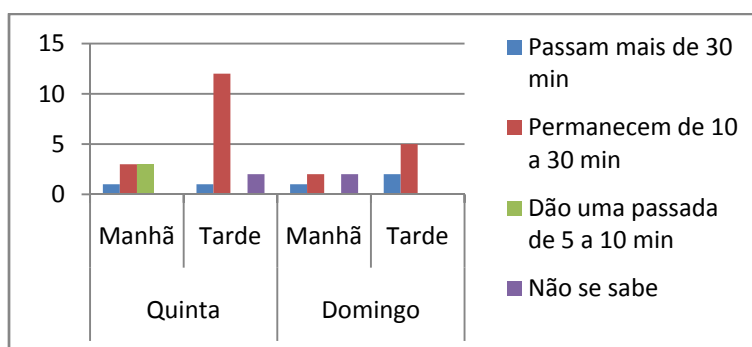


Gráfico 5.16 – Permanência da pracinha do “Amor” nos distintos períodos de tempo. Fonte: a autora, 2008.

A pracinha do “Amor” passa por longos períodos de abandono durante o dia, e é muito comum passar no local e não ver ninguém. Esse fato se dá, em parte, pela sua localização, pois ela não é nem incorporada à comunidade do Poço da Panela e nem incorporada ao resto da vizinhança, que quando quer utilizar um espaço livre

público, locomove-se em automóvel, preferindo a praça de Casa Forte ou até mesmo o parque da Jaqueira.

Com o questionário semi-estruturado aplicado na comunidade, foi possível ter uma idéia aproximada do percentual da população residente que utiliza a pracinha do “Amor” e com que frequência a utiliza. Das 90 pessoas com as quais conversamos, cerca de 64% frequenta o local, e por conseguinte 36% não costumam ir. 21% dos moradores questionados alega frequentar diariamente, 30% frequenta semanalmente e 13%, mensalmente (ver gráfico 5.17).

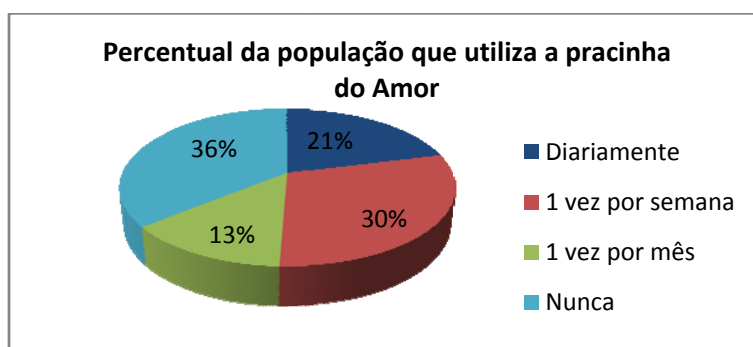


Gráfico 5.17 – Percentual da população que utiliza a pracinha do “Amor”.
Fonte: questionário semi-estruturado aplicado pela autora, 2009.

Vemos que a pracinha do “Amor” não é tão intensamente utilizada como os outros espaços livres analisados, sendo seus principais usuários os que a utilizam apenas uma vez por semana. Além do mais, quase 40% dos moradores da ZEIS não a frequenta e os motivos alegados invariavelmente recaem sobre o perigo, insegurança e, principalmente, as drogas.

5.4.2. Modalidade de utilização

A pracinha do “Amor” é vista como um lugar de passagem para quem está passeando com cachorros, por isso essa é a atividade mais freqüente observada no local. Outras atividades foram verificadas também, mas em uma quantidade irrelevante, pelo fato da pouca utilização da pracinha. Conforme foi feito nos espaços livres anteriores, subdividimos os tipos de atividades exercidas na pracinha, para melhor apreensão de como a mesma vem sendo utilizada e para dar uma melhor idéia da pluralidade de usos que um espaço pode exercer (ver tabela 5.3).

Classificação das atividades	Tipos de usos
Domésticas	• Dormindo • Lavando roupa • Estendendo roupa
Produtivas	• Limpando a praça • Tomando conta de crianças
Deportivas e/ou lúdicas	• Fazendo exercício • Brincando nas gangorras e balanços • Andando de bicicleta
Convivência	• Conversando • Fumando com parceiros • Namorando
passeio e/ou contemplação	• Passeando • Descansando • Passeando com cachorros
Festivas	• Indo ao Carnaval
Culturais e/ou turísticas	-
Organizações comunitárias, políticas e/ou Religiosas	• Pregando a palavra de Deus

Tabela 5.3 – Tipos de usos da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2008.

A partir da observação desses usos, podemos subdividi-los em atividades de caráter individual e em atividades de caráter coletivo, e o resultado inicial foi que aproximadamente 21% dos seus usuários a utiliza para fins individuais, sem exercer nenhuma atividade de interação com o restante das pessoas. 79%, no entanto, vão para a pracinha no intuito de relacionar-se com os demais, inclusive, pode-se dizer que a maioria dos usuários já chega em pequenos grupos e poucos são os que passam por ai sozinhos (Ver gráfico 5.18).

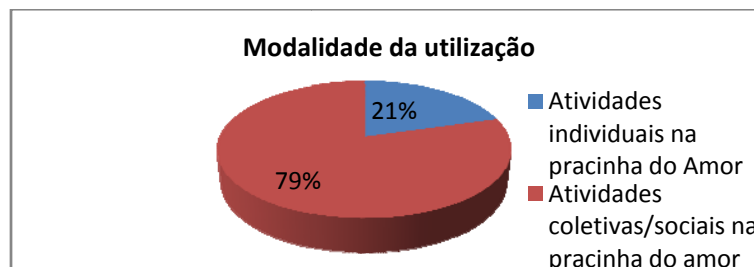


Gráfico 5.18 – Modalidade de utilização da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2008.

Como já foi dito anteriormente, a pracinha é conhecida pelos seus freqüentadores mais assíduos: casais de namorados e grupos de jovens fumando maconha, porém esses usuários a utilizam à noite. Além dessas atividades que deram fama ao local, durante o dia, ainda é possível ver muitas crianças brincando nas gangorras e balanços existentes ou ainda pessoas passeando com seus animais de estimação. Vê-se também idosos passeando e bebês com seus responsáveis, assim como adultos e adolescentes conversando.

5.4.3. Exclusividade de utilização

A exclusividade de utilização foi analisada a partir do gênero dos usuários, a faixa etária dos mesmos, e principalmente, a faixa de renda. A primeira variável, o gênero, mostrou-se equilibrada: 50% dos usuários são do sexo masculino e 50% do sexo feminino (ver gráfico 5.19).

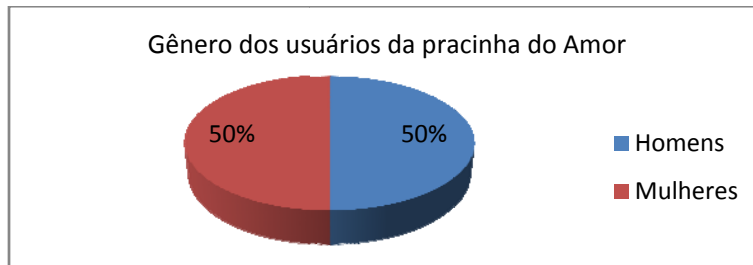


Gráfico 5.19 – Gênero dos usuários da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2008.

Notamos também que quase a metade dos usuários é adulta, correspondendo a 47% do total quantificado. Existe uma quantidade relevante de crianças e adolescentes, que correspondem a respectivamente, 17% e 18%. Notamos ainda a presença de idosos, assim como de bebês, respectivamente, com 6% e 12% do total de usuários (ver gráfico 5.20):

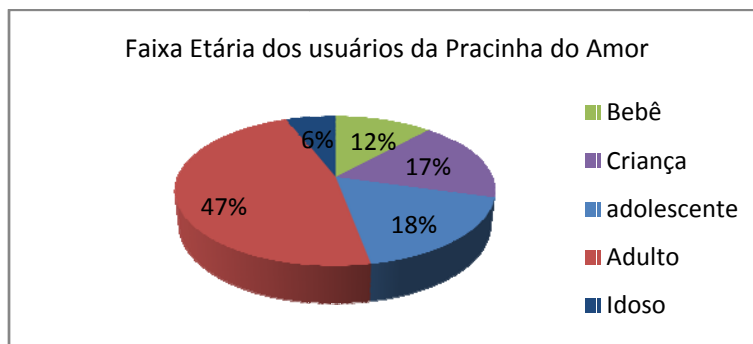


Gráfico 5.20 – Faixa etária dos usuários da pracinha do “Amor”. Fonte: a autora, 2008.

A maior diversidade de usuários – se é que pode-se dizer que existe alguma diversidade na pracinha do “Amor” – se dá nos dias de semana. Nos quais o número de usuários é muito maior do que durante os finais de semana (ver gráfico 5.21).

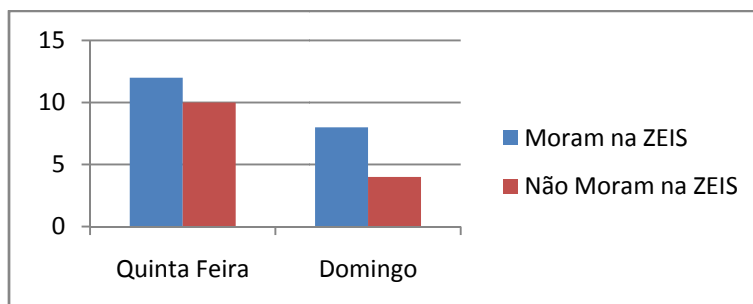


Gráfico 5.21 – Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda. Fonte: a autora, 2008.

Da totalidade de usuários que quantificamos na pracinha do “Amor”, pudemos perceber que, nesses dois dias analisados, 59% residem na própria ZEIS e 41% são oriundos de fora dela, principalmente do seu entorno, do restante do bairro do Poço da Panela, e conseqüentemente, possuem um nível de renda bem mais elevado (ver gráfico 5.22).

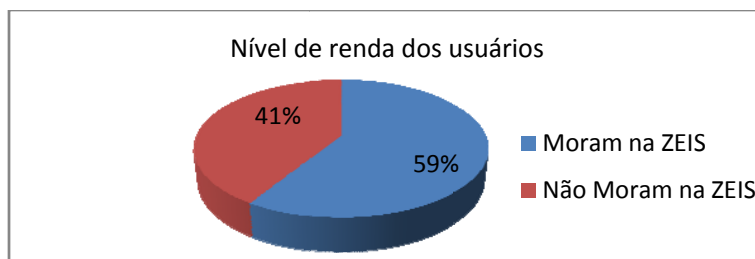


Gráfico 5.22 – Usuários do pátio da igreja quanto ao nível de renda. Fonte: a autora, 2008.

Assim, quanto à exclusividade de utilização, esse espaço é bastante equilibrado. Mais de 40% de seus usuários não moram na ZEIS, sendo portanto, um espaço muito utilizado pela população de renda mais alta do bairro.

5.4.4. Sociabilidade

O fato de possuir brinquedos – escorregos, balanços, gangorras – faz com que algumas crianças apareçam para brincar no local. Ela é constantemente utilizada por bebês que são levados pelas suas babás ou familiares para tomar sol, pessoas idosas que passeiam por aí, e adultos e jovens que vêm aí para conversar, namorar e/ou fumar. No entanto, a praça possui também usos não apontados nos outros espaços livres públicos: além de cachorros passeando com seus donos, a pracinha ainda serve de local de pasto para cavalos e vacas.

É uma praça bem ensolarada e um pouco árida, porém possui um playground e uma área de bancos mais sombreada e privilegiada. Assim como no pátio da Igreja, neste espaço nota-se também a existência micro-territórios, que são utilizados por grupos distintos, porém, esses micro-territórios não têm local específico, mas sim, horários específicos:

- (1) A praça do “Amor” é o micro-território dos mais idosos pela manhã, quando o sol está mais fraco e é o Playground onde as crianças brincam e as mães passeiam com seus bebês tanto pela manhã quanto pelo final da tarde (ver foto 5.15);



Foto 5.15 – Pessoas na pracinha do “Amor” durante o dia. Fonte: a autora, 2009.

- (2) É o micro-território nos quais os jovens vão conversar, namorar e fumar maconha à noite (ver foto 5.16).



Foto 5.16 – Adolescentes fumando na pracinha do “Amor” no final da tarde. Fonte: a autora, 2009.

É conveniente ressaltar que diferentemente do que ocorre no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, os micro-territórios da pracinha são utilizados em horários diferentes, e raramente coincidem. Nota-se visivelmente, um pacto silencioso entre os usuários da pracinha. Todos sabem os horários que se deve ir ou não para o local e muitos têm medo dos grupos de jovens que frequentam a pracinha à noite, inclusive impedindo outros usuários de ir.

Além desses micro-territórios existentes, existe outro pacto na pracinha. Este é entre os moradores da ZEIS e seus vizinhos de bairro, que apesar de utilizarem o mesmo espaço público sem estarem divididos em nenhum tipo de micro-território, não se relacionam entre si, e inclusive as crianças de estratos sociais diferentes, não brincam nos mesmos brinquedos, como se pertencessem a mundos distintos.

5.5. UM COMPARATIVO ENTRE OS ESPAÇOS LIVRES ANALISADOS

A fim de entender mais precisamente o que ocorre no principal espaço livre da ZEIS do Poço da Panela e nos dois espaços livres públicos vizinhos a ele, analisamos cada um desses espaços separadamente para que posteriormente fosse possível a realização de um estudo comparativo entre os três. O estudo baseia-se nas categorias de análises já identificadas: intensidade de utilização, modalidade de utilização, exclusividade de utilização e, assim, também a sociabilidade.

Quanto à intensidade de utilização, notamos que a forma de se relacionar com os espaços livres entre os moradores da ZEIS e os indivíduos de estratos sociais mais altos é diferente. Os espaços livres para os moradores da ZEIS são essenciais para o dia-a-dia e funcionam como parte integrante da moradia, sendo utilizados para múltiplas funções. Para o restante da população do bairro, esses espaços são encarados estritamente como espaços de lazer e ócio, sendo muito menos utilizados.

Nota-se, portanto, que quanto mais nos afastamos da ZEIS, menos pessoas utilizam os espaços livres públicos, sejam elas provenientes da ZEIS ou de fora dela, o que reforça a idéia de que quem mais utiliza esses espaços são os moradores dos assentamentos populares. Para verificar tal fato, juntamos dois dados: a quantidade de pessoas que utiliza determinado espaço livre, bem como o tempo de permanência no mesmo (Ver gráfico 5.23).

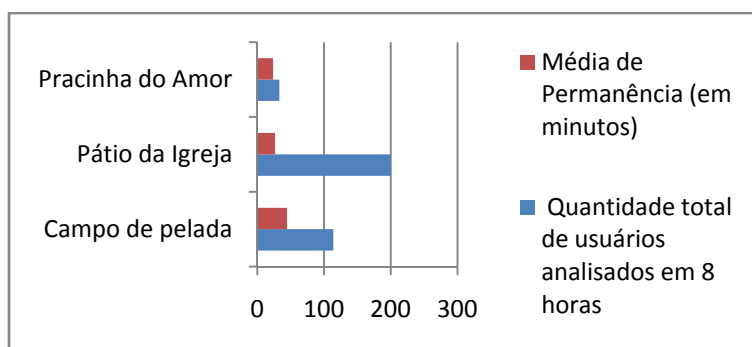


Gráfico 5.23 – Média de permanência e quantidade total de usuários nos três espaços livres.
Fonte: a autora, 2008.

Assim, observamos que o espaço de maior média de permanência corresponde ao único que está localizado dentro da ZEIS e que é utilizado apenas pelos moradores da mesma. Ainda, a maior quantidade de pessoas pode ser verificada no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde, o qual possui 76% de seus usuários sendo moradores da ZEIS.

Quanto à modalidade de utilização, é importante ter em mente que todos os espaços livres analisados possuem mais de 70% de seus usuários realizando atividades coletivas, interagindo com outras pessoas.

O campo de pelada – o único espaço livre dos três espaços livres analisados – é o que mais fomenta interação entre as pessoas. Cerca de 90% dos usuários deste espaço o utiliza para realizar atividades coletivas, interagindo com outras pessoas. Esse fato se refere diretamente às relações estabelecidas pelos moradores do assentamento, os quais muitas pessoas da comunidade afirmaram ser “uma grande família”, o que reflete claramente nos usos dos espaços livres.

Tanto no pátio da Igreja quanto na pracinha do “Amor”, foram atribuídas mais de 20% dos usuários realizando atividades individuais em cada um, e estes são considerados espaços livres públicos por ser acessíveis a todos. Justamente por essa característica de que “todos” podem freqüentar, é que os usuários tendem a se isolar mais, devido ao medo causado pelo “estranho”, pelo que é desconhecido.

Pessoas de diferentes estratos sociais se estranham mutuamente. Como diz Gomes (2002)²⁰⁴, “a população mais abastada cada vez utiliza menos os espaços livres públicos das cidades, fato agravado pela não intenção de se relacionar com a população de baixa renda”, e a parcela que ainda freqüenta, prefere evitar esses “estranhos” provenientes de estratos sociais mais baixos (ver tabela 5.4).

	Campo de Pelada (%)	Pátio da Igreja (%)	Pracinha do “Amor” (%)
Atividades Individuais	10	29	21
Atividades coletivas	90	71	79

Tabela 5.4 – Modalidade de utilização nos três espaços livres. Fonte: a autora, 2008.

Visando uma melhor apreensão dos resultados, no que diz respeito à exclusividade de utilização, subdividimo-la em três categorias: quanto ao gênero, quanto à faixa etária e quanto à faixa de renda.

De acordo com o gênero, em geral, notou-se mais usuários do sexo masculino utilizando os espaços livres. Esse fato é cultural: as meninas são mais presas em casa e têm mais restrições para sair, o mesmo acontece com as adolescentes. E as mulheres, quando não estão trabalhando, estão cuidando da casa, em seus afazeres domésticos, e são as principais responsáveis pelos filhos. Apenas na pracinha do “Amor” constatou-se equilíbrio entre as duas variáveis.

²⁰⁴ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002, p.185.

A faixa etária dos usuários foi subdividida em cinco: bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Os bebês frequentam os espaços livres que seus responsáveis utilizam e, assim como os idosos, foram vistos tanto no pátio da Igreja como na pracinha do “Amor”. As crianças foram notadas em maior quantidade no campo de pelada e os adolescentes se subdividem entre o campo e a pracinha do “Amor”. Já os adultos são os principais usuários dos espaços livres – em todos eles, o número de usuários adultos quantificados era superior ao de 40% das pessoas – fato notado devido a que muitos adultos não possuem emprego regular ou trabalham apenas algumas horas por semana em sub-empregos.

A última categoria de análise observada é, sem dúvida, a mais importante para a concretização deste trabalho, pois concordamos que esta é a diferença mais visível entre o espaço livre e os dois espaços livres públicos: a de exclusividade de utilização de determinado espaço livre observada a partir da renda do usuário.

Fica claro que os espaços livres existentes nos assentamentos populares não são frequentados por pessoas de diferentes estratos sociais, fato que pôde ser evidenciado no campo de pelada da comunidade, ou mesmo em qualquer outro espaço livre existente na ZEIS, com exceção de alguma eventualidade. Essas eventualidades são ocasiões eventuais, que não condizem com a rotina de determinado grupo. Assim, o grupo social a que pertence os moradores do bairro do Poço da Panela que não moram na ZEIS costuma comprar alguma mercadoria em alguns dos mercadinhos existentes na área, ou passear pelas ruas do assentamento para tirar fotos, ou mesmo conhecer o lugar (ver tabela 5.5).

Categorias de análise	Variáveis de análise	Campo de Pelada (%)	Pátio da Igreja (%)	Pracinha do “Amor” (%)
Gênero	Masculino	84	71	50
	Feminino	16	29	50
Faixa etária	Bebê	0	4	12
	Criança	39	25	17
	Adolescente	21	6	18
	Adulto	40	61	47
	Idoso	0	4	6
Faixa de Renda	Mora na ZEIS	100	76	59
	Não mora na ZEIS	0	24	41

Tabela 5.5 – Exclusividade de utilização nos três espaços livres. Fonte: a autora, 2008.

Notamos ainda que quanto mais nos distanciamos da ZEIS, mais equilibrado se dá o uso dos espaços livres por diferentes estratos sociais, e mesmo assim, a sociabilidade entre os diversos estratos não sofre várias mudanças de um espaço livre para outro. Eles simplesmente não interagem, utilizando-os para atividades distintas e por vezes até em horários distintos (ver gráfico 5.24).

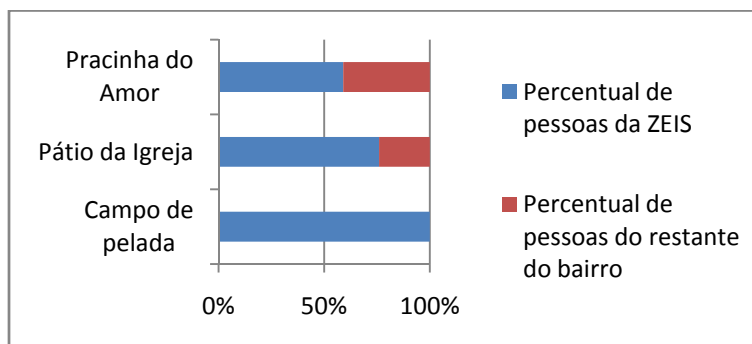


Gráfico 5.24 – Percentual dos usuários dos três espaços segundo a faixa de renda. Fonte: a autora, 2008.

De fato, podemos constatar que existe exclusividade de utilização em qualquer espaço livre público que se analise. O medo do “estranho” já citado anteriormente, aflorado na sociedade contemporânea, faz as pessoas se subdividirem em grupos e formarem territórios ou micro-territórios sem interagirem uns com os outros.

Além do mais, os usos dados aos espaços públicos vêm se tornando cada dia menos coletivos e mais individuais, como já comentado por Gomes (2002)²⁰⁵, as pessoas possuem vários equipamentos para serem utilizados no espaço público, com uso estritamente individual, como i-pods, mp3 players, celulares e muitos outros, enfraquecendo assim a interação entre os indivíduos nesses espaços.

Tudo isso tem como consequência o abandono do espaço público na cidade contemporânea, principalmente pelos estratos mais altos da população, que faz diminuir a diversidade antes encontrada nos mesmos, enfraquecendo assim, a sociabilidade. A seguir, em nossas considerações finais, resumimos todos estes fatos apreendidos com a realização da nossa pesquisa.

²⁰⁵ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

OS ESPAÇOS LIVRES DOS ASSENTAMENTOS POPULARES SÃO EFETIVAMENTE ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE?

Os espaços livres localizados nos assentamentos populares podem ser caracterizados como espaços públicos? Foi esta pergunta que nos dispomos a responder no decorrer desta pesquisa. Usando outras palavras, este trabalho procurou analisar os espaços livres da ZEIS do Poço da Panela a fim de verificar se estes espaços poderiam ser considerados efetivamente públicos ou não.

Com o intuito de analisar os espaços livres considerando a possibilidades destes serem públicos, buscamos conceituar o que entendemos por espaço livre público, nossa variável em questão. Chegamos à conclusão, então, de que a categoria “público” a que queríamos chegar diz respeito à possibilidade de interação social a partir do livre acesso de todos os indivíduos a determinado espaço.

O espaço público foi então definido para este trabalho como principal locus de reprodução de vida coletiva, segundo Gomes (GOMES apud ALBERNAZ, 2004)²⁰⁶, concebido como facilitador das práticas sociais, e ainda espaço de sociabilidade entre os diferentes grupos sociais que aí se relacionariam entre si.

Além da sociabilidade que procuramos aferir, utilizamos também outra categoria de análise: o território, pois a existência deste pode ou não interferir na sociabilidade de determinado espaço. Assim, nosso estudo se baseou em verificar a existência de territórios em tais espaços formados por diferentes grupos sociais, bem como na interação entre os mesmos para se chegar à sociabilidade.

Ao longo desta dissertação, pôde-se perceber como o estudo da sociabilidade é algo complexo que precisa ser aprofundado se quisermos chegar a resultados concretos e objetivos. Foi “preciso entendê-la como algo constantemente constituído (e dissolvido) pelos indivíduos, através de interações recíprocas” (FRÚGOLI, 2007)²⁰⁷ e apesar de sua complexidade, nos foi possível chegar a algumas conclusões. Vimos que para que haja sociabilidade nos espaços livres, é preciso que exista co-presença dos usuários, de diferentes gêneros, faixa etária e faixa de renda, e ainda que estes exerçam atividades coletivas e se relacionem entre si.

²⁰⁶ ALBERNAZ, P. Op. Cit., 2004, p. 45.

²⁰⁷ FRÚGOLI, H. Op. Cit., 2007, p. 08.

Verificamos a existência de 17 espaços livres na ZEIS do Poço da Panela. Primeiramente, observamos que estes espaços são utilizados de forma intensa pelos moradores da área, seja para atividades de lazer, comumente exercidas nos espaços livres públicos, seja para atividades domésticas de cozinhar, ou lavar e estender roupas, devido à exigüidade das moradias existentes no assentamento. Notamos também que os moradores costumam passar grande parte de seus dias nas calçadas e ruas da ZEIS, apenas observando quem passa e conversando com os vizinhos, o que faz com que estes possuam uma forte relação de proximidade, constituindo assim, uma “grande família” (DOS SANTOS, 1985)²⁰⁸.

Pouco a pouco, no entanto, fomos nos dando conta do relativismo do termo “público” na sociedade contemporânea. Assim, buscamos analisar alguns espaços livres considerados públicos, localizados no entorno do assentamento, com o intuito de compará-los com os espaços livres existentes na ZEIS, analisados inicialmente. A conclusão a que se chegou é de que tanto os dois espaços livres considerados públicos – o pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde e a pracinha do “Amor” – quanto os 17 espaços livres – recantos nos quais havia algum aglomerado de gente na ZEIS – possuem restrições de usos e de sociabilidade entre os diferentes usuários.

Vimos que os dois espaços livres públicos analisados, apesar de serem considerados públicos, não atendem a todas as características do ser “público”, pois embora sejam acessíveis a todos, as pessoas que os freqüentam não interagem entre si, e se fecham em seus grupos sociais, chegando até a formar micro-territórios para uma melhor e mais pacífica utilização dos espaços. Observamos também que os 17 espaços livres encontrados na ZEIS foram sendo formados visando atender apenas à população local que vive na área, e, portanto, não sendo muito comumente utilizados por não residentes.

Os territórios e micro-territórios existentes no bairro do Poço da Panela, bem como as práticas sociais que ocorrem nestas áreas, fazem os espaços serem vivenciados de forma diferente e fragmenta o bairro em “pequenos mundos”. Essa é a dinâmica da cidade que reflete, por conseguinte, na dinâmica do bairro. Ainda assim, verificamos que existem espaços livres com potencial para se tornarem públicos na ZEIS, mas não o são devido aos territórios demarcados na mesma que fazem com que estes espaços sejam de uso apenas aos moradores da área. Ao nosso entender, existem alguns motivos para que isso ocorra:

²⁰⁸ DOS SANTOS, C. N. F. Op. Cit., 1985.

- (1) Os espaços livres da ZEIS, em geral, não têm atrativos suficientes para incitar um grupo de usuários mais diversificados que não moram na ZEIS. São espaços que foram sendo criados para atender a uma população local mais restrita. Inclusive dentro da ZEIS, o único espaço livre que atende a toda comunidade é o campo de pelada;
- (2) Além dos espaços livres potenciais não serem atrativos o suficiente, o restante do bairro elitizado do Poço da Panela, se caracteriza por alguns fenômenos existentes na sociedade contemporânea, como a privatização dos espaços livres públicos, com fechamento de ruas e condomínios e o conseqüente emuralhamento da vida social (GOMES, 2002)²⁰⁹;
- (3) Mesmo que as pessoas de outros estratos sociais freqüentassem esses espaços livres, muito provavelmente não haveria interação entre os diversos grupos sociais. Fato que foi constatado ao analisar os dois grandes espaços livres públicos situados no entorno da ZEIS.

Passamos, então, a refletir sobre a validade desse questionamento: será que existe na cidade do Recife espaços efetivamente públicos, no sentido mais amplo da palavra?

Assim, pensamos no parque da Jaqueira, espaço livre bastante citado entre os moradores da ZEIS ao qual nos dirigimos com questionários e que a princípio era o mais próximo da concepção de “espaço público” que adotamos como parâmetro ao longo deste trabalho. O parque da Jaqueira, por exemplo, é público, mas existe um pacto de uso no qual é implícito que durante a semana ele é utilizado pelos moradores de estratos sociais mais altos que vivem em suas imediações e que durante os finais de semanas, pessoas de estratos sociais mais baixos o freqüenta.

Posteriormente, procuramos refletir sobre outro espaço público de máxima importância em nossa cidade: a praia. Logo percebemos que na praia também existe um pacto de uso. Aos domingos é dia da população mais pobre freqüentá-la, e isso já está implícito em todos os usuários. Além do mais, na praia, nota-se claramente a existência de territórios demarcados, os quais são acessados por pessoas de diferentes níveis sociais, não havendo, desta forma a “co-presença” dos usuários (SIMMEL, 1983)²¹⁰.

²⁰⁹ GOMES, P. C. C. Op. Cit., 2002.

²¹⁰ SIMMEL, G. Op. Cit., 1983.

Poderíamos citar vários outros exemplos nos quais ocorreriam o mesmo. Portanto, chegamos à conclusão de que todo “público” tem restrições, ou seja, não são totalmente públicos como deveriam. Na sociedade atual, o uso dado aos espaços ditos públicos tornam-se cada vez mais exclusivos, e o caráter público passa a não existir. Segundo Albernaz (2004)²¹¹, “muitos autores admitem que o espaço público deixou de assumir o papel que teve outrora como suporte e condição para a interação social”.

Verificamos então que os espaços livres públicos remanecentes já não possuem mais o seu caráter de “público” que os definiu previamente, pois as pessoas de distintos níveis sociais já não interagem neles e conseqüentemente não é exercida a sociabilidade. De acordo com Serpa (2007)²¹², “há uma necessidade de se repensar o futuro das cidades contemporâneas, cada vez mais segregadas em espaços privatizados, sendo rechassados os espaços públicos existentes”.

²¹¹ ALBERNAZ, P. Op. Cit., 2004, p. 48.

²¹² SERPA, A. Op. Cit., 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E TESES:

ALBERNAZ, P. in LIMA, Evelyn F. W; MALEQUE, Miria R. (Orgs), "Espaços e Cidades. Conceitos e Leituras". Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 2004.

ARENDT, H. "A Condição Humana". Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARRAIS, R. "O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX". São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARBETTA, P. A. "Métodos estatísticos". Capítulo 3: "Estatística aplicada às ciências sociais". Santa Catarina, 2002.

BELL, D. & VALENTINE, G. "Mapping desire". London: Routledge, 1995.

BOURDIEU, P. "The logic of practice". Stanford: Stanford University Press, 1980.

BRIGGS, A. "A humanização do meio ambiente". São Paulo: Cultura, 1972.

CAMPOS, H. A. "Permanências e mudanças no quadro de requalificação sócio-espacial da área central do Recife (PE): estudo sobre territorialidades urbanas em dois setores revitalizados". Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Geografia – UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

CARACAS, L. B. "Viver e Sentir – Investigando os significados atribuídos aos espaços livres públicos da Rua da Estrela". Dissertação de Mestrado – MDU. Recife, 2002.

CÁRRION, Fernando. "Espacio Público: punto de partida para la alteridad". Texto enviado ao CECI pelo autor, 2004.

CASTELLS, M. "La cuestion urbana". Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 1977.

COUTINHO, E. "O Espaço da Arquitetura". São Paulo: Perspectiva, 1970.

DE LA MORA, L. "Introdução à Construção do Conhecimento Científico" Apostila da disciplina. Recife, 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. "Modos de Ser e de Viver: a sociabilidade urbana". In: Tempo Social, São Paulo, V. 4, n. 1-2, p. 95-109, 1994.

DINIZ, L. D. S. in SÁ, Alcindo J. D. (Org), "Por uma geografia sem cárceres públicos ou privados". Recife, 2007.

DOS SANTOS, C. N. F. "Quando a rua vira casa". São Paulo: Projeto, 1985.

FICHTER, J. H. "Sociologia". São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973.

FISCHER, G. N. "Psicologia social do ambiente". Lisboa: Instituto Piaget – Sociedade Gráfica Ltda., 1994.

- FRÚGOLI, H. "Sociabilidade urbana". Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.
- GEHL, J; GEMZOE, L. "Novos espaços urbanos". Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- GEORGE, A. L. e BENNET, A. "Case studies and theory development in the social sciences". Cambridge: BCSIA – Harvard University, 2004.
- GIL, A. C. "Métodos e técnicas de Pesquisa social". São Paulo: Editora Atlas S.A., 1995.
- GOMES, P. C. C. "A condição urbana: ensaio de geopolítica da cidade". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GRAÇA, M. S. "Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados". Tese de doutorado. Programa "Problemas de la Arquitectura y Ciudad Moderna: Teoría, Historia, Proyectos". Universidad de Valladolid. Espanha, 2005.
<http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&q=usos+dos+espa%C3%A7os+p%C3%BAblicos&btnG=Pesquisar&meta=>
- HABERMAS, J. "Mudança Estrutural da Esfera Pública". Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- HPH. Resumo executivo do Projeto Negócio em casa – ZEIS Chico Mendes. Recife, 2005.
- JACOBS, J. "Morte e Vida nas grandes cidades". São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. "Sociologia Geral". São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- LE BERRE, M. "Territoires", in: BAILLY, A. (org.). "Encyclopédie de Géographie". Paris, 1983.
- LYNCH, K. "A imagem da cidade". Lisboa: Edições 70, 1990.
- MAGALHÃES, S. "Sobre a cidade. Habitação e democracia no Rio de Janeiro". São Paulo: Pro Editores, 2002.
- MARTÍNEZ, C. "Arquitectura Urbana. Elementos de teoría y diseño". Madrid: Librería Editorial Bellisco, 1990.
- MAYRINK, V.L.M. "A paisagem do Rio Capibaribe – Um recorte de significados e representações". Tese de doutorado, UFRJ, Instituto de Geociências, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2003.
- MELO, M. L. "Metropolização e Subdesenvolvimento". In: SOUZA, M.A. 1990.
- MINAYO, M. C. S. "O desafio do conhecimento". São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.
- MINAYO, M. C. S. "Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, M. M. "Como fazer pesquisa qualitativa". Recife: Bargaço, 2005.

PANERAI, P. O retorno à cidade. O espaço público como desafio do projeto urbano, *Revista Projeto*, nº. 173, abr/94, pp. 78-82. São Paulo, 1994.

RADBRUCH, G. "Filosofia do Direito". Coimbra: Coleção STVDIVM, Armênio Amado Editor, 1974.

REMY, J; VOYÉ, L. "A Cidade: Rumo a uma Nova Definição?". Porto: Afrontamento, 1994.

RICHARDSON, R. J. "Pesquisa social. Métodos e técnicas". São Paulo: Editora Atlas S.A., 2007.

ROMERO, M.A.B. "Arquitetura bioclimática do espaço público". Brasília: Editora Brasiliense, 2001.

SÁ CARNEIRO, A. R; MESQUITA, L. "Espaços Livres do Recife". Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SACK, R. D. "Human territoriality. Its Theory and History", Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SEGAWA, H. "Ao Amor do Público: Jardins no Brasil". São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1996.

SERPA, A. "O espaço público na sociedade contemporânea". São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SIMMEL, G. "Sociologia". São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, M. L. "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento", in: CASTRO, Iná E. de et al (org.). "Geografia: conceitos e temas", Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TÖNNIES, F. "Princípios de sociologia". Cidade do México: Fondo de Cultura Economica – FCE, 1942.

TÖNNIES, F. "Comunidad y Sociedad". Buenos Aires: Losada, 1947.

VILAÇA, A. P. "Dois mundos em um só lugar". Trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPE, 2000.

YIN, R. K. "Estudo de caso: planejamento e método". Porto Alegre: Bookman, 2005.

WEBER, M. "Ensaio de sociologia". Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

DOCUMENTOS OFICIAIS:

Atlas de desenvolvimento humano da Cidade do Recife, 1995. CD-Room.

Empresa de Urbanização do Recife – URB. Divisão de Gestão de ZEIS. Relatório sobre a ZEIS do Poço da Panela, 2002.

Instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE. Anuário estatístico de Pernambuco, 2000.

Prefeitura da Cidade do Recife. Plano Diretor da Cidade do Recife, Uso e Ocupação do Solo. Recife, 1991.

Prefeitura da Cidade do Recife. Lei nº 14.511/83, Lei de Uso e Ocupação do Solo. Recife, 1983.

SITES:

<http://topicospoliticos.blogspot.com/2004/10/comunidade-o-que.html>

http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/3-2_espaco_publico_privado.asp

<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha040.asp>

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista10/observatorio%2010-1.htm>

<http://www.e-cultura.pt/Anexos/%C2%ABEspa%C3%A7osPublicos&Privados%C2%BB%20.pdf>

ANEXOS

DIÁRIO DE CAMPO

[illegible]

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Data:

Entrevista n°:

Caracterização do usuário

1. Nome:
2. Endereço:
.....
3. Tempo que mora na área:
4. Local de trabalho (ou estudo):
5. Faixa etária: a) Criança b) Adolescente c) Adulto d) Idoso
6. Sexo: a) Masculino b) Feminino

Sobre os espaços livres freqüentados pelos moradores

7. Espaços livres freqüentados:

	Diariam.	1 p/ sem	1 p/mês	festivos	Nunca
Campo de Pelada					
Associação de Moradores					
Pátio da Igreja					
Pracinha do Amor					
Praça de Casa Forte					
Parque Santana					
Parque da Jaqueira					
Outros					

8. Motivos de freqüentar e(ou) não freqüentar esses espaços:

.....
.....
.....

Sobre práticas cotidianas e sociabilidade

9. O que você faz nesses espaços?

.....
.....
.....

10. Com que freqüência você sai da área? Para quê?

.....
.....
.....

11. Prefere freqüentar esses espaços ou outros locais da cidade? Por quê?

.....
.....
.....

Sobre o território da ZEIS do poço da panela (apropriação e identidade)

12. Como se sente aqui na área?

.....
.....
.....

13. Quem são as pessoas que vêm aqui?

.....
.....
.....

14. Se você fosse falar para alguém sobre a área em que você mora, como você a descreveria?

.....
.....
.....

